



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

ISVIA SILVA GOMES

**A EDUCAÇÃO DA MULHER EM *ALVORADA*: REVISTA DA MULHER
PRESBITERIANA INDEPENDENTE (1968-1978)**

Paranaíba

2019

ISVIA SILVA GOMES

**A EDUCAÇÃO DA MULHER EM *ALVORADA*:
REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE (1968-1978)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Educação

Orientadora: Profa. Dra. Estela Natalina Mantovani Bertolletti

Paranaíba - MS

2019

G614e Gomes, Isvia Silva
A educação da mulher em alvorada: revista da mulher
presbiteriana independente (1968-1978)/ Isvia Silva
Gomes. – Paranaíba, MS: UEMS, 2019.
116p.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
Estadual do Mato Grosso do Sul, 2019.
Orientadora: Profa. Dra. Profa Dra Estela Natalina
Mantovani Bertoletti.
1. História da educação. 2. Educação feminina
confessional 3. Impressos. I. Título. II. Gomes, Isvia
Silva.

CDD 23. ed. - 370.9

ISVIA SILVA GOMES

**A EDUCAÇÃO DA MULHER EM ALVORADA:
REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE (1968-1978)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovada em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Estela Mantovani Bertoletti (Orientadora)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dra. Kênia Hilda Moreira
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Prof. Dra Tânia Regina Zimmermann
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

A Deus, autor e consumidor da fé,
restaurador da identidade da mulher,
inspiração constante, força invisível e
presença inegável em minha vida!

AGRADECIMENTOS

A Deus por sua capacitação para a realização desta pesquisa, sem sua graça e auxílio, jamais poderia tê-la realizado.

Ao meu esposo Anderson, por seu incentivo para o ingresso no mestrado, por dizer, que “era preciso realizar este sonho antigo”. Obrigada por seu apoio diário, paciência incomparável, por ter assumido tantas responsabilidades em meu lugar; por cada oração, pelas palavras que me impulsionaram a chegar até aqui e por seu amor por mim, expresso em cada uma destas atitudes, agradecer é pouco!

Aos meus filhos, Levi e Josué, pela compreensão em cada ausência, pelos momentos que me permitiram ficar só com a *Alvorada*, por cada abraço em dias de preocupação e tensão. Amo muito vocês.

A Estela, minha orientadora, por me dar o privilégio de ser escolhida por ela. Obrigada por acreditar em minha capacidade, por ver em mim, o que outros não enxergaram. Por me ensinar a fazer pesquisa acadêmica, dispensando muita paciência em cada uma das minhas dificuldades. Por ter me incentivado a prosseguir, quando o desânimo bateu à porta. Obrigada, desmedidamente.

Ao professor Ademilson Batista Paes por me auxiliar de modo tão assertivo na escolha da temática desta dissertação, sem sua contribuição não chegaria aos resultados alcançados.

As professoras doutoras Tânia Regina Zimmermann e Kênia Hilda Moreira, sem suas contribuições esta dissertação não seria a mesma.

À minha mãe, mulher forte e destemida, inovadora em seu tempo, a mulher cristã mais inspiradora que conheço, meu referencial, minha amiga. Obrigada por me mostrar com sua vida, que é possível ser mulher cristã em tempos difíceis.

À minha irmã, Deise (minha Deda), por acreditar, quando eu não acreditava, que o mestrado era um sonho possível.

A Sheila por me auxiliar na busca pelas revistas. Ao meu cunhado Agnaldo, que intermediou os contatos telefônicos. Ao doutor Éber Ferreira Silveira de Lima, por cada troca de mensagens e principalmente, por ceder, tão prontamente seu acervo. Igualmente às senhoras, Dicla Borges e Odete Nogueira, por me emprestarem suas coleções de *Alvorada*, preciosidades.

Não poderia ainda deixar de agradecer ao Jefferson, meu “irmão” de estudos, adotado pela mesma orientadora, e que me ajudou neste processo, ora imprimindo meu texto, por vezes partilhando escritas, até mesmo portando meus documentos junto à Universidade.

Ao meu diretor atual, professor Rodrigo, pelas dispensas do trabalho para os dias de qualificação e defesa.

À minha eterna “chefe” e amiga, Neiva, por cada palavra de encorajamento, pelos dias dispensados do trabalho no período de aulas do mestrado, pelas risadas, desabafos e momentos tão preciosos de compartilhar vida comigo.

Às amigas que levarei sempre em meu coração, Gisele e Ana Camila, por segurarem “as pontas” da minha ausência na escola, pelo ouvido cedido, pelo mais puro e simples companheirismo, por cada abraço, vocês são especiais demais pra mim.

A Isabel, que me hospedou em sua casa, com tanta alegria, carinho e cuidado. Por suas orações, pelos momentos de bate-papo, pela amizade tão leal e sincera.

Ao Rogério Bueno, por me ceder tão prontamente o arquivo completo de *O Estandarte*, sem ele não chegaria aos resultados alcançados.

E a tantas amigas que me incentivaram e que contribuíram de muitas formas para que esta pesquisa ora chegasse ao seu término, Necilma, Amanda, Nathália, Patrícia, Rutinha e Regina, grandes bênçãos em minha vida.

RESUMO

GOMES, Isvia Silva. A educação da mulher em *Alvorada*: revista da mulher presbiteriana independente (1968-1978). 2019. f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Paranaíba, Paranaíba, 2019.

Nesta dissertação, apresentam-se resultados finais de pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa “História Sociedade e Educação”, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação Brasileira (GEPHEB), na qual se buscou examinar a proposta educativa para a mulher, construída nas páginas de *Alvorada*: Revista da Mulher Presbiteriana Independente, impresso publicado para as mulheres de confissão cristã e protestante, filiadas à Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB). *Alvorada* foi editada no Brasil a partir de fevereiro de 1968, como veículo de comunicação da Sociedade Auxiliadora de Senhoras (SAS) da IPIB e foi dirigida ao público feminino até o final de 1986, com edições trimestrais; ela continua sendo editada até os dias atuais, entretanto com o nome *Vida & Caminho Alvorada* e sendo dedicada a toda família cristã. Para a análise, foram selecionados os números publicados entre 1968 e 1978, pelos seguintes motivos: durante este período a chefia da redação da revista esteve sob a tutela de uma mesma mulher; o nome da revista permaneceu inalterado e houve uma constância quanto às seções publicadas, tendo sido localizados 24 números nesse período. Para a análise, optou-se pela abordagem histórica, com base em pesquisa bibliográfica e documental, mediante procedimentos de localização, seleção e ordenação de fontes documentais direta e indiretamente relacionadas à revista, analisadas a partir do método da configuração textual. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos: contribuir para a produção de uma história da educação da mulher protestante brasileira; identificar as aproximações e os distanciamentos entre *Alvorada* e o cenário da imprensa feminina e da imprensa feminina protestante nas décadas de 1960 e 1970; analisar os aspectos estruturais-formais e temático-conteudísticos de *Alvorada*, identificando suas relações com a educação feminina protestante; compreender as relações entre forma e conteúdo dos textos da revista e proposta educativa para a mulher presbiteriana independente construída nessas relações; e, contribuir para pesquisas correlatas, nas áreas de história da educação brasileira, educação feminina confessional e impressos presbiterianos. Como resultados pode-se afirmar que *Alvorada* alcançou leitoras e leitores em dezessete estados brasileiros e também de outros países, o que indica o amplo alcance da revista; e que propunha educar a mulher presbiteriana independente como educadora, como mãe e sobretudo para desempenhar suas funções em âmbito eclesial, com vistas ao exercício do ministério ordenado na IPIB, ainda que neste período histórico esta opção não pudesse ser efetivada. Disto, pode-se inferir que este impresso destinado ao público feminino, teve grande influência no meio protestante, principalmente no público feminino, mas não somente nele e que merece ser estudado.

Palavras-chave: História da educação. Educação feminina confessional. Impressionados presbiterianos.

ABSTRACT

GOMES, Isvia Silva. Woman education in *Alvorada*: Independent Presbyterian Woman Magazine (1968-1978). 2019. Dissertation (Masters in Education) – State University of Mato Grosso do Sul – University Unity of Paranaíba, Paranaíba, 2019.

This dissertation shows the final results of a Masters research in Education developed at Education Post Graduation Program of State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), University Unit of Paranaíba, aligned with a research area of “History, Society and Education” from the Brazilian Education History Study and Research Group (GEPHEB). The aim of the study was to analyze the educative proposal to the woman built at *Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente*, a print journal published to protestant and Christian confession women affiliated at Independent Presbyterian Church of Brazil (IPIB). *Alvorada* has been edited at Brazil since February 1968 as a communication vehicle from Ladies Helper Society (SAS) of IPIB and was directed to feminine public until the end of 1968 with quarterly editions. Currently the magazine have been published with other title: *Vida & Caminho Alvorada I* and is directed to all Christian family members. To the analysis were selected the published editions between 1968 and 1978 for these reasons: at these years the magazine’s chief redaction was the same woman; the name of the magazine remained unchanged and there was a consistency in the published sections which totalized 24 editions at the analyzed period. Historical approach was chosen based grounded in documental and bibliographic research through procedures of localization, selection and ordering of documental sources related direct or indirectly to the magazine which were analyzed by text configuration method. Therefore followed aims were established: contribute to production of an education history of the Brazilian protestant woman; identify approximations and distances between *Alvorada* and female press scenario and protestant female press in decades of 1960 and 1970; to analyze formal-structural and thematic-content aspects of *Alvorada* identifying their relations with protestant female education; to understand relations between form and content from the texts of the magazine and the educative proposal to the Independent Presbyterian woman built in these relations; and, to contribute to related researches in the area of Brazilian education history, confessional female education and Presbyterian press. Results indicate that *Alvorada* reached readers at seventeen Brazilian states and from other countries which shows the wide range of the magazine; it proposed to educate independent Presbyterian woman as an educator; mother and mainly to develop her functions in the ecclesial sphere with the objective to perform ordered ministry at IPIB even that at this historic moment this option could not be reached. Thus, it is possible to infer that this press directed to female public had a great influence in the protestant sphere mainly in woman public, but not only, and it deserve to be studied.

Key-words: History of education. Confessional Female Education. Presbyterian Press.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Números de <i>Alvorada</i> : Revista da Mulher Presbiteriana Independente publicados com este título (1968-1986)	14
QUADRO 2 - Federações de Senhoras da IPIB, número de SAS e sócias em 196	33
QUADRO 3 - Estados e municípios brasileiros onde havia assinantes da revista	38
QUADRO 4 - Países e cidades em que havia assinantes da revista	39
QUADRO 5 – Revistas femininas protestantes já existentes na década de 1960	45
QUADRO 6 – Descrição das capas	51
QUADRO 7 – Conteúdo de contracapa	55
QUADRO 8 – Gêneros textuais fora de seções	58
QUADRO 9 - Seções da revista, ano e números em que são publicadas	67
QUADRO 10 – Conteúdo da seção “De tudo para todos”	70
QUADRO 11 – Conteúdo da seção “Meu amigo o livro”	72
QUADRO 12 – Revistas que contam com “Cartas à redação” e “Cartas à equipe” e procedência das cartas	74
QUADRO 13 – Textos escritos por pastores em <i>Alvorada</i> (1968-1975)	80

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Capa de <i>Alvorada</i> em 1973	44
FIGURA 2 - Logotipo de <i>Alvorada</i>	54
FIGURA 3 – Fachada do palácio da Alvorada em Brasília	54
FIGURA 4 – Capa de Alvorada de 1978	55
FIGURA 5 – Propaganda de livros em <i>Alvorada</i>	57
FIGURA 6 – Propaganda de Instituto Educacional	57
FIGURA 7 – Propaganda de curso teológico para mulheres	65
FIGURA 8 – Calendário nacional da Confederação de Mulheres da IPIB – 1974	66
FIGURA 9 – Fotografia de homenagem a um pastor	79
FIGURA 10 – Convite para palestra	90
FIGURA 11 – Propaganda de material infantil para a escola dominical	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. O ALVORECER DE UMA REVISTA FEMININA PROTESTANTE NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970.....	25
1.1 Alvorada e o trabalho feminino da IPIB	25
1.2 Alvorada: alcance e circulação.....	36
1.3 As revistas femininas brasileiras nos anos de 1960 e 1970, Alvorada e outras revistas femininas protestantes.....	40
2 AS SINGULARIDADES DE ALVORADA.....	49
2.1 Alvorada: formas e conteúdos	50
2.2 Os textos sem seções de Alvorada.....	58
2.3 Alvorada e suas seções	67
2.3.1 Seção “Em tom de conversa”.....	68
2.3.2 Seção de “De tudo para todos”	69
2.3.3 Seção “Meu amigo o livro”.....	72
2.3.4 Seção “Cartas à redação” e “Cartas à equipe”.....	74
2.3.5 Seção “Fizemos... e deu certo”.....	77
2.3.6 Seção “Dos nossos pastores para Alvorada”	79
3 ALVORADA, A MULHER BRASILEIRA E A MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE.....	82
3.1 A mulher brasileira: trabalho, educação e lazer	83
3.2 Alvorada e a mulher presbiteriana independente	87
3.2.1 A mulher educada.....	89
3.2.2 A mulher educadora.....	91
3.2.3 A mulher que trabalha.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98

REFERÊNCIAS.....	102
-------------------------	------------

INTRODUÇÃO

Não sei precisar desde quando as revistas femininas fazem parte da minha história de vida pessoal. Sendo eu, filha de uma costureira, ávida por estar sempre atualizada com as tendências da moda, bem como pelas novidades do mundo em geral, minha mãe, para desempenhar com maestria sua profissão, possuía um acervo bastante amplo de diferentes revistas femininas, que estavam sempre à mão quando necessário. Cresci lendo e folheando as revistas femininas de minha mãe.

Ao ingressar no Ensino Médio, em 1993, optei em cursar o Magistério¹ em um colégio do interior do Paraná. As revistas de minha mãe, que outrora eram material para entretenimento, então se transformaram em objeto de pesquisa e consulta. De uma revista em especial, *Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente*, gostava de extrair sugestões de poemas, jograis, ideias para cartões de datas comemorativas, a fim de compor meus trabalhos escolares, como exigências do curso Magistério. Essa revista fazia parte de nosso cotidiano, visto que somos uma família de fé presbiteriana independente.

No ano de 1997, ingressei no curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina (UEL), quando a decisão em seguir como educadora já estava firmemente estabelecida. No ano seguinte, fui admitida, por concurso público, como professora do Ensino Fundamental I do município de Rolândia no estado do Paraná. A partir de então, as temáticas ligadas à educação escolar tornaram-se foco de minhas pesquisas acadêmicas, sendo que o trabalho de conclusão de curso tratava da temática da indisciplina em sala de aula. Alguns anos após o término da graduação, em 2003, fui admitida no curso de Pós-Graduação, em nível de especialização em Metodologia da Ação Docente, também na UEL, no qual desenvolvi a monografia cuja temática era voltada para o trabalho realizado pelo coordenador pedagógico nas instituições de ensino fundamental.

Em minha vida profissional, naquele momento, atuava na Rede Particular como professora do Ensino Fundamental I e na Rede Pública Municipal de Rolândia como Coordenadora Pedagógica. Em 2005, deixei a Rede Particular de ensino e tendo sido admitida por concurso público, na Rede Estadual de Ensino do Paraná, como professora pedagoga, passei a atuar integralmente como Coordenadora Pedagógica. Em 2007, fiquei somente na Rede

¹ Os termos Magistério e colégio eram utilizados no estado do Paraná nos anos de 1990 para designar respectivamente o curso de formação de professores e as escolas que ofertavam a educação em nível médio.

Estadual de ensino do estado do Paraná como Coordenadora Pedagógica, deixando a atuação na Rede Municipal.

As revistas femininas até aquele momento, embora ainda presentes em meu cotidiano, foram apenas material para entretenimento e consulta, uma vez que, não as tinha como material para pesquisa.

Depois de um longo período distante da vida acadêmica fui admitida como aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Paranaíba, para o curso de Mestrado em Educação, em julho de 2017. Diante da inviabilidade de prosseguir com a pesquisa na temática da coordenação pedagógica, visto que não havia pesquisadores na linha de pesquisa de História, Sociedade e Educação, para a qual fui aprovada, que pudessem me orientar na temática do projeto, coloquei-me em busca de uma nova temática que me instigasse.

No segundo semestre de 2017, passei a integrar o Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira – GEPHEB, que me auxiliou na busca por uma temática para o desenvolvimento desta dissertação. Cursei seis disciplinas no mestrado em Educação. Na primeira delas, *Pesquisa em Educação*, ministrada pelos docentes Carlos Eduardo França, Diogo da Silva Roiz e Lucélia Tavares Guimarães, foi apresentado um panorama de diferentes metodologias e aportes teóricos de pesquisa em educação, por intermédio de leituras, aulas expositivas, montagem de mapas conceituais e discussões em grupo. Outra disciplina cursada neste primeiro semestre do mestrado foi a de *Cultura Escolar e Consciência Histórica: temas e procedimentos*, cujo docente foi Diogo da Silva Roiz. A metodologia das aulas se deu em torno de leituras e seminários feitos com base nos textos lidos a fim de conceituar e diferenciar os termos “cultura escolar” e “consciência histórica”, bem como a aplicabilidade desses conceitos nas pesquisas desenvolvidas.

Finalizando o segundo semestre de 2017, cursei a disciplina *Tópicos Especiais em História, Sociedade e Educação: História da Alfabetização*, sendo docentes desta disciplina: Estela Natalina Mantovani Bertolotti e Thaise da Silva. A partir da leitura e da discussão de textos mediados pelas professoras, pude ter contato com diversas pesquisas históricas na área de alfabetização e do ensino da leitura, bem como métodos, sujeitos e materiais desses estudos.

Em uma sessão de orientação, depois de diversas conversas com minha orientadora, a professora Estela Natalina Mantovani Bertolotti, definimos conjuntamente como tema desta dissertação, um estudo sobre revistas femininas, aquelas que outrora povoaram parte da minha história em virtude do meu pertencimento a uma família integrante da Igreja Presbiteriana

Independente do Brasil (IPIB). Aquela revista que me serviu como fonte para pesquisa de poemas e jograis ainda nos idos da formação no Magistério, designada como feminina e protestante, cujo nome era *Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente* foi assim eleita como fonte e objeto de pesquisa. Trata-se de uma revista publicada pela Confederação Nacional de Mulheres da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB)², cuja primeira edição foi em fevereiro de 1968 e última, com mesmo público almejado e título com pequenas alterações³, em outubro de 1987. Ela continua sendo editada até os dias atuais, entretanto, desde 2016, com outra nomenclatura *Vida & Caminho Alvorada* sendo dedicada a toda a família cristã.

Dando continuidade ao processo formativo do Mestrado, no segundo semestre de 2017 se deu a busca pelos exemplares dos diferentes números de *Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente*. Por meio das redes sociais, entrei em contato com diversas pessoas que pudessem auxiliar neste processo de busca pelo objeto e fonte primária de pesquisa. Visto que se trata de um periódico vinculado à Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, falei com historiadores ligados a essa igreja, os quais me forneceram nomes e contatos de pessoas que auxiliaram na constituição do acervo para esta pesquisa, concedido por empréstimo de três pessoas diferentes, sendo duas senhoras assinantes da revista e um colecionador⁴. O acervo reunido neste período, encontra-se detalhado no Quadro 1.

Quadro 1 – Números de *Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente* publicados com este título (1968-1986)

Ano de publicação	Números da revista referentes ao ano de publicação	Meses referentes ao número indicado
1968 ⁵	Nº 2	maio, junho
1969	Nº 3	Julho, agosto, setembro
1970	Nº2	Abril, maio, junho
1971	Nº1	Janeiro, fevereiro, março
1971	Nº4	Outubro, novembro, dezembro
1972	Nº2	Abril, maio, junho
1972	Nº3	Julho, agosto, setembro
1973	Nº2	Abril, maio, junho
1973	Nº3	Julho, agosto, setembro
1974	Nº1	Janeiro, fevereiro, março
1974	Nº2	Abril, maio, junho

2 A Confederação Nacional de Mulheres da IPIB era responsável em unificar o trabalho das diversas Sociedades Auxiliadoras de Senhoras (SAS), em funcionamento nas várias igrejas distribuídas pelo Brasil. Mais informações sobre a SAS encontram-se no Capítulo 1 desta dissertação.

3 Em 1976, a partir do segundo número publicado, a revista nomeada até então como *Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente*, passou a se chamar *Alvorada Feminina*.

4 Acervos cedidos por Dicla Borges, Odete Nogueira e Éber Ferreira Silveira Lima.

5 Em virtude do tempo transcorrido da primeira publicação da revista, não obtive, até o momento, a primeira edição, nem alguns exemplares de números publicados todos os anos.

1974	Nº3	Julho, agosto, setembro
1974	Nº4	Outubro, novembro, dezembro
1975	Nº2	Abril, maio, junho
1976	Nº1	Janeiro, fevereiro, março
1976	Nº2	Abril, maio, junho
1976	Nº3	Julho, agosto, setembro
1976	Nº4	Outubro, novembro, dezembro
1977	Nº1	Janeiro, fevereiro, março
1977	Nº2	Abril, maio, junho
1977	Nº3	Julho, agosto, setembro
1977	Nº4	Outubro, novembro, dezembro
1978	Nº1	Janeiro, fevereiro, março
1978	Nº2	Abril, maio, junho
1978	Nº3	Julho, agosto, setembro
1978	Nº4	Outubro, novembro, dezembro
1979	Nº1	Janeiro, fevereiro, março
1979	Nº2	Abril, maio, junho
1979	Nº3	Julho, agosto, setembro
1979	Nº4	Outubro, novembro, dezembro
1980	Nº1	Janeiro, fevereiro, março
1980	Nº2	Abril, maio, junho
1980	Nº3	Julho, agosto, setembro
1980	Nº4	Outubro, novembro, dezembro
1981	Nº1	Janeiro, fevereiro, março
1981	Nº3	Julho, agosto, setembro
1981	Nº4	Outubro, novembro, dezembro
1982	Nº4	Outubro, novembro, dezembro
1983	Nº2	Abril, maio, junho
1983	Nº4	Outubro, novembro, dezembro
1984	Nº1	Janeiro, fevereiro, março
1984	Nº2	Abril, maio, junho
1984	Nº3	Julho, agosto, setembro
1984	Nº4	Outubro, novembro, dezembro
1985	Nº1	Janeiro, fevereiro, março
1985	Nº2	Abril, maio, junho
1985	Nº3	Julho, agosto, setembro
1985	Nº4	Outubro, novembro, dezembro
1986	Nº2	Abril, maio, junho

Fonte: Quadro elaborado pela autora

Ao fazer as primeiras observações na revista, foi possível notar que foram publicados 72 números entre 1968 e 1986, período em que o público-alvo era o feminino. Nesse intervalo de tempo, durante os anos de 1968 a 1978, o cargo de redatora-chefe esteve sob a responsabilidade de uma única mulher, havia uma constância entre os tipos textuais publicados, a saber: editorial, poemas, jograis, acrósticos, sugestões de leituras, pastorais, sugestões de eventos e de concursos, artigos sobre psicologia, receitas culinárias e dicas de organização doméstica, informes sobre missionários e suas famílias e relatórios da Confederação Nacional de Mulheres da IPIB, e a revista manteve o nome *Alvorada*. Considerando os aspectos descritos, a delimitação temporal do escopo desta pesquisa ficou estabelecida entre os anos de 1968 e o

ano de 1978, a saber os primeiros dez anos de publicação de *Alvorada*. No período estudado foram publicados 37 números da revista, entretanto, diante do tempo transcorrido, foram localizados 24 números a serem analisados como *corpus*.

Quanto à temporalidade a ser analisada, tem como ponto referencial o próprio impresso, visto que o suporte textual, em que o texto é apresentado, é o que lhe confere significado, como bem nos indica Chartier (2002, p. 127), discorrendo sobre a relação entre o texto, no momento de sua escrita, e o texto, após a sua impressão:

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstracto, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas das quais ele chega a seu leitor. Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do “autor”; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor.

Em consonância com Chartier (2002), destaca-se, ainda, o fato de que, por se tratar de um impresso periódico, a figura do redator chefe, tem papel determinante na configuração do suporte, bem como, na seleção dos textos impressos na revista, o que se constituiu como um dos fatores que contribuíram para a definição do recorte temporal a ser analisado nesta pesquisa. Cabe ressaltar que a delimitação temporal desta pesquisa, a saber o período que compreende os anos de 1968 até 1978, embora tenha sido parte integrante do período da História do Brasil, nomeado como pertencente à “Ditadura Militar”⁶, este não foi o critério tomado por base para a definição do período de análise desta pesquisa, visto que não se trata aqui de produzir uma história centrada em grandes monumentos do passado, mas sim uma história que, como bem define Albuquerque (2012, p. 33),

[...] tem o compromisso de identificar, descrever, compreender e explicar a alteridade, não para desfazê-la ou anulá-la, mas para proclamar o direito de sua existência e o necessário respeito que a ela devemos devotar.

Considerando, assim, a produção da história como aquela que traz em seus aspectos centrais a responsabilidade por proclamar o direito às alteridades, assim como identificá-las e as descrever, bem como, o caráter específico da revista, publicada como revista feminina,

⁶ Campos (2003, p.85) nomeia o período de março de 1964 até o ano de 1985, como “Ditadura Militar” ou “Anos de Chumbo”, destacando que a principal característica era o controle do Estado brasileiro por militares.

conduzida por editora mulher e publicada por uma sociedade de mulheres, optei por responder à seguinte problemática na condução da análise: qual proposta educativa para a mulher presbiteriana independente foi construída na revista *Alvorada*? Para tanto, delimitarei as seguintes questões: qual a relação da revista com o panorama da imprensa feminina e da imprensa feminina protestante nas décadas de 1960 e 1970? Como os elementos estruturais-formais, da revista confluíram para a educação da mulher presbiteriana independente? Quais eram os conteúdos e as temáticas abordadas na revista e qual a relação destes temas com a educação feminina protestante?

A partir destes questionamentos foi possível estabelecer como objetivo geral desta dissertação:

- Contribuir para a produção de uma história da educação da mulher protestante brasileira, por meio de análise do periódico *Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente*.

E, por conseguinte, estabelecer os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as aproximações e os distanciamentos entre *Alvorada* e o cenário da imprensa feminina e da imprensa feminina protestante nas décadas de 1960 e 1970;
- analisar os aspectos estruturais-formais e temático-conteudísticos de *Alvorada*, identificando suas relações com a educação feminina protestante;
- compreender as relações entre forma e conteúdo dos textos da revista e proposta educativa para a mulher presbiteriana independente construída nessas relações;
- contribuir para pesquisas correlatas, nas áreas de história da educação brasileira, educação feminina confessional e impressos presbiterianos.

Dando continuidade ao processo formativo no Mestrado no primeiro semestre de 2018, cursei outras três disciplinas. A primeira delas foi *Seminários de Pesquisa em História, Sociedade e Educação*, cujo docente responsável foi o professor Ademilson Batista Paes. Nessa disciplina, os alunos matriculados apresentaram seus respectivos projetos de pesquisa, os primeiros resultados obtidos, bem como o pré-sumário da dissertação. Nas aulas, foi possível discutir em grupo os pontos fortes e as fragilidades de cada pesquisa e assim receber apreciações e contribuições para a melhoria das pesquisas de cada participante. Desta disciplina resultou o capítulo de livro “Educando a ‘mulher cristã ideal’ em *Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente*”.

Na disciplina *Fundamentos da Pesquisa em História e Historiografia da Educação*, ministrada também pelo professor Ademilson Batista Paes, por intermédio de debates, foi

desenvolvida a análise das tendências atuais da pesquisa em história e historiografia em educação, propiciando subsídios para esta pesquisa no que diz respeito à abordagem e análise da História e da Historiografia da educação.

A terceira disciplina cursada no primeiro semestre de 2018, ministrada pela professora Estela Natalina Mantovani Bertoletti foi *História do livro e da leitura para crianças e jovens no Brasil*, na qual a partir de discussões conjuntas se deu o aprofundamento no fazer historiográfico no campo da leitura e do livro para crianças e jovens no Brasil. Essa disciplina propiciou o conhecimento de pesquisadores que trabalham com o impresso, embora direcionado a um público diverso daquele que nesta pesquisa se ocupa, mas que explicitam uma análise de diversas fontes impressas.

O aprofundamento teórico e metodológico feito acerca da história e historiografia da educação, nas diferentes disciplinas cursadas em 2018, a partir da leitura de diversos autores que se encontram na interface da história cultural, bem como as discussões em torno dos projetos de pesquisa, instrumentalizou teórica e metodologicamente a construção desta pesquisa.

No segundo semestre de 2018, participei do “Congreso Internacional de Prensa Pedagógica e Patrimônio Histórico Educativo” na Universidade de Salamanca na Espanha, apresentando a comunicação “A educação da mulher na *Alvorada*: Revista da Mulher Presbiteriana Independente (1968-1978)”, resultando na publicação de um capítulo, com mesmo título da comunicação, no livro **Prensa Pedagógica, mujeres, niños, sectores populares y outros fines educativos** (DÍAZ, 2018, p 55-63).

Após o evento, busquei situar o tema desta dissertação no contexto das produções acadêmicas do Brasil, no que se refere aos estudos sobre impressos protestantes femininos. Para tanto, realizei diversas pesquisas nos seguintes bancos de teses: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de teses e dissertações da CAPES; utilizando os seguintes termos: “revista feminina”, “impresso feminino”, “impressos protestantes” , “Igreja Presbiteriana Independente do Brasil” e “Revista Alvorada”, aplicando o refinamento para as áreas de educação e história.

Por meio do termo “revista feminina”, foram encontradas 88 pesquisas desenvolvidas. Com o termo “impresso feminino” foram localizadas uma tese e uma dissertação. Utilizando o termo “impressos protestantes”, oito pesquisas foram detectadas; a partir do termo “Igreja Presbiteriana Independente do Brasil” foram encontradas três pesquisas; e, pelo termo “Revista Alvorada”, apenas uma dissertação.

Após a leitura dos resumos, selecionei dentre as teses e dissertações aquelas que de algum modo contribuem para a realização desta pesquisa, com destaque para as produções dos seguintes pesquisadores: Vasconcelos (2010), Farias (2011), Silva (2011), Oliveira (2012), Silva (2013) e Oliveira (2018).

Vasconcelos (2010), em sua tese, **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**, apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em História, com a orientação da Doutora Olga Brites, objetivou explicitar o quanto a imprensa e os impressos, estão estreitamente ligados à história de implantação e consolidação do protestantismo brasileiro, sendo integrante da cultura protestante no Brasil. A análise se iniciou a partir do ano de 1837, em virtude de ser o ano em que a distribuição de impressos protestantes no Brasil passou a ser sistemática, visto que, segundo a autora, foi neste ano que se fixou no Brasil, o representante da Sociedade Bíblica Americana, Daniel P. Kidder. A análise se estendeu até o ano de 1930, ano em que as discussões sobre o caráter laico do Estado se intensificam, e as discussões entre protestantes e católicos assumiram um viés diferente daquelas de caráter doutrinário.

Farias (2011), em sua dissertação, **Feminismo e Religião: as representações sobre o feminismo na revista *Servas do Senhor* (1960-2000)**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, sob a orientação do Doutor Losandro Antonio Tedeschi, teve como principal objetivo ao analisar a revista *Servas do Senhor*, a qual é de circulação na Igreja Luterana, e de responsabilidade da Liga das Senhoras Luteranas do Brasil, identificar o impacto que a revista exerceu sobre as mulheres luteranas no tocante à reafirmação dos papéis femininos, das crenças e dos valores cristãos, buscando o distanciamento dos ideais feministas. Concluindo sua dissertação, a autora, destaca que, embora as mulheres luteranas não tenham rompido com a organização cristã e patriarcal da Igreja Luterana, elas buscaram maior reconhecimento pela igreja, o que, de acordo com a autora, seria por efeito do feminismo, tão difundido no período histórico em que a revista começou a ser impressa, bem como nas décadas subsequentes.

Silva (2011), em sua dissertação, **Os impressos protestantes como fontes para a História da Educação: inferências educativas no sul de Mato Grosso (final do século XIX; início do século XX)**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, sob a orientação da Doutora Ana Paula Gomes Mancini, objetiva compreender a importância dos impressos protestantes para o processo educacional do sul de Mato Grosso, a partir da análise de quatro publicações protestantes em

circulação no final do século XIX e início do Século XX, a saber: *O Expositor Cristão, O Puritano, o Estandarte* e o *Brasil Presbiteriano*. A autora concluiu que os impressos protestantes analisados, eram utilizados como materiais didáticos pedagógicos entre os indígenas, e concomitantemente para a evangelização não somente dos indígenas, mas também de pessoas de outras confissões de fé que residiam no sul de Mato Grosso; outra finalidade destes impressos destacada pela pesquisadora é a de divulgação dos projetos missionários estabelecidos nesta região, para angariar fundos financeiros para a missão. Por fim, a pesquisadora, apresenta ainda mais uma função destes impressos protestantes, entre os não índios residentes na região estudada, que era a divulgação da obra evangélica em outras localidades brasileiras e o estudo de seus textos nas Escolas Bíblicas Dominicais.

Silva (2013), em sua tese, **Guiando almas femininas: a educação protestante da mulher em impressos confessionais no Brasil e em Portugal (1890-1930)**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, orientada pela Doutora Maria Inês Sucupira Stamatto, realizou uma análise ampla sobre a educação feminina não formal, em impressos protestantes presbiterianos no Brasil, e sobre outros impressos protestantes destinados à mulher em Portugal, estabelecendo uma relação de semelhanças entre os dois contextos. Seu objetivo principal foi ampliar o conhecimento sobre as práticas das mulheres e o que se relatava sobre as mulheres no período de 1890 a 1930, nos impressos protestantes, relatos que, segundo a autora, contribuíam para forjar um padrão comportamental feminino cristão.

Oliveira (2018), em sua dissertação, **A Revista Alvorada (1970 -2017): representações do feminino segundo a Igreja Presbiteriana Independente**, apresentada ao Mestrado em História da Universidade Estadual Paulista (UNESP), orientada pelo Doutor Ricardo Gião Bortolotti, teve por objetivo geral a busca por compreender qual é a representação conferida à mulher pela Igreja Presbiteriana Independente, ao analisar a *Revista Alvorada* desde a década de 1970 até o ano de 2017. A pesquisadora conclui que a mulher representada pela Igreja Presbiteriana Independente na revista é aquela que é preparada para ter filhos no contexto do casamento heterossexual. Em consonância com a autora, o trabalho feminino é considerado na revista como necessário, quando as condições financeiras familiares indicarem esta carência. A autora destaca também, que o estímulo aos estudos apareceu na revista a partir de 1990.

Como se pode perceber nos trabalhos acadêmicos sintetizados, o interesse por impressos como objeto de estudo, sobretudo, impressos femininos protestantes, é recente. Do mesmo modo, todos atestam o vetor educativo dos impressos, ainda que não possam ser considerados

impressos pedagógicos. A análise da revista *Alvorada*, por sua vez, foi localizada em apenas um trabalho, entretanto o viés empreendido é o da perspectiva das representações femininas contidas na publicação em quase toda vida editorial da revista, alcançando os dias atuais. Nesse sentido, esta dissertação faz parte do conjunto de pesquisas que buscam suprir lacunas no tema impressos presbiterianos, especialmente revistas femininas, e busca analisar como a revista *Alvorada* - um impresso eminentemente feminino, de 1968 a 1978 – constituiu-se como meio para a educação da mulher presbiteriana independente, desde sua fundação até o último número que teve como proposição este fim, qual seja, de configurar-se como revista para educação da mulher.

Com base nessas opções, elegi a abordagem histórica para compreensão do tema. Esta é prática social e científica, produto do trabalho de um pesquisador que analisa uma determinada fonte ou objeto a partir de uma teoria que o orienta, em um determinado momento histórico, focalizando um tempo determinado. A este respeito Proust (2014, p. 50) destaca que: “[...] a história é uma prática tanto social, quanto científica; além disso a história que é produto do trabalho dos historiadores, assim como a teoria da história que lhes serve de orientação, depende da posição ocupada por eles nesse duplo conjunto, social e profissional.” Desse modo, não há a pretensão com esta pesquisa de esgotar ou demonstrar uma única história da educação feminina, antes sim, em buscar compreender, em determinado impresso, produzido em determinado período e contexto, qual era a proposta educativa para a mulher protestante.

Bloch (2001, p.44), tratando acerca da história e seu objeto de estudo, afirma que o “espetáculo das atividades humanas, que forma seu objeto específico, é mais que qualquer outro, feito para seduzir a imaginação do homem.” Isto é, a história da qual estou tratando nesta pesquisa, assenta-se na perspectiva de que qualquer produção humana é passível de estudo e análise pela ciência histórica. Segundo Luca (2008, p.112), esta compreensão acerca da história, só foi possível após a chamada Escola dos *Annales*, por volta dos anos de 1930, trazer à discussão científica sobre a história e sua produção, críticas ao modo positivista de pesquisa histórica, ou seja, uma produção limitada em nome de uma pretensa neutralidade e fidedignidade, pautada somente em fontes documentais classificadas como oficiais.

A utilização de outras fontes documentais, para além dos documentos oficiais, como objeto de estudo, somados a novos problemas e abordagens, são apresentados, por diversos historiadores durante o século XX, especialmente nas décadas finais, como um novo modo de produção histórica. Jacques Le Goff, trazendo uma nova concepção de documento afirma que:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo a ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de sua causa. (LE GOFF, 1990, p.545)

Apoiada nessas considerações desenvolvi pesquisa bibliográfica e de base documental, sobre uso de impressos como fonte e objeto de estudo, educação feminina protestante e impressos femininos protestantes.

Impressos femininos são textos escritos que são divulgados em um determinado suporte, após passarem por um processo de editoração e impressão que têm como público-alvo as mulheres. De acordo com Buitoni (1990, p. 8):

A mulher faz parte da caracterização da imprensa feminina, seja como receptora e, às vezes, como produtora também. Todavia, a circunstância de alguns veículos serem dirigidos por mulheres não é uma condição necessária para que o qualifiquemos de femininos. O grande elemento definidor ainda é o sexo de suas consumidoras.

O uso dos impressos femininos como fonte e objeto de pesquisa, se justifica diante do fato de que, estes documentos são expressões do ideário coletivo de um determinado período histórico, apresentando padrões e valores aceitos por determinado grupo social, estabelecendo uma relação dialógica entre estes e as ideias do coletivo social. Sobre esta relação e importância das revistas femininas, Luca (2016, p.457) destaca que,

Não resta dúvida de que, por meios das páginas das revistas, podem-se acompanhar alterações em termos de valores, padrões e comportamentos socialmente aceitos, tendo em vista que as revistas femininas dialogam com diferentes perspectivas e projetos, compartilhados coletivamente.

Quanto aos impressos protestantes, eles são textos escritos por pessoas ligadas a igrejas de origem protestante, de cunho religioso, expressos em diferentes suportes como livros, panfletos e revistas.

Em se tratando de revistas, refiro-me a impressos periódicos⁷ de leitura aligeirada e que diferem de jornais pelo fato de conterem capa, no que diz respeito aos aspectos materiais e muito mais pelo seu conteúdo que geralmente é dirigido a um público determinado, como sinaliza Martins (2001, p. 46). No que concerne às revistas femininas, são periódicos dirigidos a um público determinado, as mulheres, e que apresentam, de acordo com Buitoni (1990, p.

⁷ Periódicos são publicações que aparecem após certo lapso de tempo, em consonância com Martins (2001).

17), um conteúdo bastante diversificado e, segundo Luca (2016, p. 448), orbitando em temas perenes, isto é, temas que não dizem respeito a acontecimentos de última hora, antes sim, receitas, recomendações e conselhos são temáticas frequentes nas revistas femininas.

Em vista disto, utilizo o método de análise da configuração textual no qual por meio do estudo dos aspectos constitutivos da revista, busco explorar a revista *Alvorada* considerando as suas especificidades. Acerca do método de pesquisa baseado na configuração textual, Mortatti (2001) indica que:

Dessa perspectiva, o que confere singularidade a um texto é o conjunto de aspectos constitutivos de sua configuração textual, a saber; as opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturas-formais (como?) projetadas por determinado autor (quem?), que se apresenta como sujeito de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?) e visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor previsto (para quem?), assim como a circulação, utilização e repercussão logradas pelo projeto do autor ao longo da história (de leitura) do texto. (MORTATTI, 2001, p. 184)

Deste modo, esta pesquisa considera que os aspectos formais dos textos apresentados por *Alvorada*, isto é, o suporte em que eram apresentados e o seu estudo, são imprescindíveis para a compreensão de como se dava a educação da mulher na revista. Acerca desta necessidade em se considerar os dispositivos em que os textos são publicados, Chartier (1998, p.13) destaca que “[...] é preciso levar em conta que as formas produzem sentidos e que um texto, estável por extenso, passa a investir-se de uma significação e de um *status* inéditos, tão logo se modifiquem os dispositivos que convidam à sua interpretação.” Contudo, não somente os aspectos formais devem se levados em consideração, é preciso ainda, compreender o momento histórico de sua impressão, as possíveis razões de sua publicação e o público-alvo pretendido. Nas palavras de Chartier,

A tarefa do historiador é então, a de reconstruir as variações que diferenciam os “espaços legíveis”- isto é, os textos nas suas formas discursivas e materiais – e as que governam as circunstâncias de sua “efetuação” – ou seja, as leituras compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação. (CHARTIER, 1998, p.12)

Na busca em cumprir a tarefa de historiadora, examinados os “espaços legíveis” e as “circunstâncias de efetivação da leitura”, retomando os termos de Chartier, dividi esta dissertação em três capítulos, além desta Introdução. No primeiro capítulo, abordo o surgimento da revista *Alvorada*, partindo desde o início do trabalho feminino na Igreja Presbiteriana Independente do Brasil até o ano de 1968, ano da criação da revista. Apresento as demais

revistas femininas protestantes em circulação entre os anos de 1960 e 1970, e por intermédio de análise comparativa busco encontrar as aproximações e os distanciamentos de outras revistas e de outras revistas protestantes com *Alvorada*.

No segundo capítulo, considerando os aspectos estruturais-formais e temático-conteudísticos de *Alvorada*, procuro apresentar suas relações com a educação feminina protestante da mulher presbiteriana independente, identificando quais temas e conteúdos são tratados com o fim da educação da mulher nos textos fora de seções e nos textos organizados em seções específicas.

E, por fim, no terceiro capítulo, procuro compreender quais as relações entre a proposta de educação feminina da mulher presbiteriana independente em *Alvorada*, sua importância e seu papel dentro da Igreja Presbiteriana Independente, considerando a educação da mulher brasileira, no período entre 1960 e 1970.

1. O ALVORECER DE UMA REVISTA FEMININA PROTESTANTE NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970

A confederação Nacional das Senhoras, no intuito de espalhar a boa mensagem da Salvação, pensou em ter uma revista que pudesse alcançar as pessoas de u'a maneira mais ampla, mais completa, mais perfeita... Quis Deus que servos consagrados, pudessem fundar, a 3 de fevereiro de 1968 uma revista que se chamou "Alvorada".

Como o nome já indica, seria ela o alvor de uma nova manhã. “Romperá a tua luz como alvorada” diz Isaías 58:8” (ALVORADA, 1977, p. 22)

É por intermédio desta breve descrição, em epígrafe, sobre o surgimento da revista *Alvorada* seguida de uma citação bíblica que uma das colaboradoras de *Alvorada*: Revista da Mulher Presbiteriana Independente descreve o surgimento de um periódico destinado ao público feminino, no contexto de uma igreja protestante brasileira, a Igreja Presbiteriana Independente (IPIB)⁸. A primeira edição da revista foi publicada em fevereiro de 1968, sendo, a partir de então, publicada trimestralmente⁹.

O objetivo deste capítulo é situar a criação da revista *Alvorada*, no contexto eclesial a que estava vinculada, bem como, em sentido mais amplo, na conjuntura das demais revistas femininas protestantes e das revistas femininas, existentes à época. Procurando estabelecer as aproximações e os distanciamentos de *Alvorada* com as outras revistas femininas, protestantes e não confessionais, o capítulo está dividido em três partes: *Alvorada* e o trabalho feminino na IPIB; *Alvorada* alcance e circulação e as revistas femininas brasileiras nos anos de 1960 e 1970; *Alvorada* e outras revistas femininas protestantes.

1.1 *Alvorada* e o trabalho feminino na IPIB

Alvorada foi criada com objetivo de ser o veículo de comunicação da Diretoria da Confederação Nacional de Senhoras da IPIB, com as Sociedades Auxiliadoras de Senhoras (SAS) das igrejas locais, conforme o relato de Melo (2006, p.29):

Em 1968, a presidente, Dra. Maria Clemência Damião, convidou o Rev. Francisco de Moraes, secretário presbiterial da Federação do Ipiranga, para ser o responsável pela publicação de um boletim comemorativo e de boletins mensais que, mimeografados, seriam distribuídos pelas Federações. O Rev. Francisco, confiante e entusiasmado com o trabalho feminino, sugeriu que, no lugar de simples boletim, nascesse uma revista impressa, que se tornou o órgão oficial da Confederação.

8 A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil tem sua origem em um cisma que houve entre um grupo de pastores presbiterianos brasileiros, e a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América. Movidos por intenso sentimento nacionalista, acrescido de divergências doutrinárias, em 31 de julho 1903, ao final de uma reunião que agregava todos os pastores brasileiros, denominada Sínodo, sete pastores e onze presbíteros se desligaram da Igreja Presbiteriana. No dia seguinte, os mesmos dissidentes organizaram a nova igreja, nascia a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, vale ressaltar que o termo independente foi utilizado para deixar em evidência o desligamento da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América e o surgimento de uma igreja inteiramente brasileira. (Caderno de O Estandarte, 2003).

9 Com exceção do ano de 1968 no qual houve publicação de dois números.

Embora a criação da revista seja um marco importante para a Confederação Nacional de Senhoras, o trabalho feminino na IPIB era anterior à criação da Confederação, apresentando um percurso bastante longo dentro da própria história desta igreja. Ao que parece o nome escolhido *Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente* veio corroborar com o período de retomada e visibilidade do trabalho feminino na IPIB, cuja criação da revista se constituiu como um marco de um novo período para as mulheres desta denominação.

De acordo com informações obtidas no jornal da IPIB, *O Estandarte*¹⁰ (1950), o princípio do trabalho das mulheres presbiterianas independentes aconteceu em 1932 no momento da organização da Secretaria Geral do Trabalho Feminino; estas organizações femininas eram chamadas de Sociedades Auxiliadoras de Senhoras (SAS). De acordo com Proença (2002), em 1938 tornou-se emergente a necessidade de haver uma unidade do trabalho feminino de toda a denominação¹¹, bem como de orientar e estimular o trabalho das SAS. Diante das necessidades, foi criada a Federação de Senhoras, coordenada pela secretária executiva, vinculada à Comissão de Educação Religiosa e Atividades Leigas, conhecida pela sigla CERAL. Logo, a ideia de federação se estendeu pelos presbitérios¹² brasileiros e em cada igreja iam se organizando Sociedades de Senhoras.

É necessário compreender que naquele momento histórico, entre os anos finais da década de 1930 e a década subsequente, a saber, 1940, a Igreja Presbiteriana Independente vivia um momento de intensa crise que resultou na perda de um número considerável de pastores, o que teria gerado, nos anos finais da década, um movimento de incentivo ao trabalho de leigos, isto é, membros da igreja que não tinham o curso de teologia. Naquele contexto, despontou o trabalho da Federação de Senhoras.

A mobilização dos leigos foi de fundamental importância na IPI do Brasil, diante da difícil situação criada com a crise doutrinária e suas conseqüências. Com a perda de diversos pastores, pairava sobre o trabalho independente uma séria ameaça quanto à sua própria sobrevivência. A arregimentação da mocidade e dos leigos em geral [...], foi providencial para o prosseguimento da obra na IPI do Brasil, garantindo-lhe condições de sobreviver à crise, bem como de superar as dificuldades e prosseguir. (FARIA, 2002, p. 39)

10 “O Estandarte” é o jornal da IPIB criado em 1893 em circulação até os dias atuais. Informações e decisões tomadas em reuniões da Equipe Administrativa da igreja, bem como de seus departamentos eram publicadas neste periódico.

11 Outra forma de se referir às Igrejas Protestantes é como denominação. Termo este apresentado por Vasconcelos (2010).

12 De acordo com o capítulo III, da Lei Complementar à Constituição da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil de 2017, o Presbitério é composto por todos os ministros das igrejas sobre sua jurisdição e por um dos presbíteros de cada igreja. Na composição de um presbitério será exigido um número mínimo de dez igrejas e seis ministros.

No período que compreende de 1939 até 1950, havia um espaço destinado à publicação de informativos da Federação de Senhoras da IPIB no jornal de denominação *O Estandarte*, que ocupavam uma página da publicação. Nesta página destinada ao trabalho feminino, constavam instruções para a organização do trabalho nas igrejas locais e relatórios do trabalho desenvolvido pela secretária executiva¹³ da Federação de Senhoras. De acordo com as orientações contidas no *O Estandarte* (1939), eram atribuições das SAS:

1-Desenvolvimento do trabalho da Igreja local; 2 – Uso da revista “Voz Missionária” para estudos bíblicos e parte devocional; 3 – nomear uma agente local de “Voz Missionária”; 4 – Nomear uma delegada da Federação que será a representante junto à Sociedade; 5 – Campanha especial em favor do órgão oficial da igreja, “O ESTANDARTE”, com a nomeação de uma agente local; 6 – Relatórios trimestrais á Federação; 7 – Contribuir mensalmente com uma quantia para a Federação, a critério da Sociedade; 8 – Organização do Departamento Feminino da Cultura Doméstica; 9 – Organização de um grupo de oração; 10 – Organização de um grupo de visitadoras. (O ESTANDARTE, 1939, p.5)

Neste período, entre os anos de 1938 e 1948, a diretoria da igreja nomeou uma mulher para ser a responsável pelo trabalho com as senhoras em âmbito nacional, que ficou nomeada como secretária executiva do Departamento de Senhoras, e que estava vinculado a CERAL. Era esta secretária executiva que trazia orientações no *O Estandarte* para todas as SAS do Brasil. Em um de seus artigos publicados no jornal *O Estandarte*, a secretária executiva insistia para que cada SAS tivesse uma responsável pelas assinaturas do jornal *O Estandarte*, visto que este seria o meio de comunicação entre a Federação e as SAS.

É pelo nosso órgão oficial que as sociedades vão acompanhar todo o movimento da Federação e se todas as sócias se interessarem pelo assunto, teremos brevemente o nosso “O Estandarte”, ocupando a posição que merece sem dificuldades financeiras. (O ESTANDARTE, 1939, p.5)

A secretária executiva da Federação instruía para que as mulheres vinculadas a SAS fossem assinantes de uma revista protestante feminina, a revista *Voz Missionária*¹⁴.

[...] referente à “Voz Missionária”, revista essa das Senhoras Metodistas, devemos adotar porque é de muita utilidade para o nosso trabalho e não possuímos outra que esteja preenchendo a finalidade desejada. E ainda mais, estaremos cultivando o

13 Conforme *O Estandarte* (1950, p.4), a secretaria executiva do Departamento de Senhoras da IPIB foi organizada em novembro de 1938, ficando a cargo de Cesarina Xavier Pinto até o mês de fevereiro de 1948. Ela trabalhava em tempo integral para organizar a Federação Nacional de Senhoras, viajando por todo o Brasil para organizar e federar as Sociedades Auxiliadoras de Senhoras.

14 Segundo Garcez (2018), a revista feminina protestante *Voz Missionária* foi criada em 1930 sendo editada pela Imprensa Metodista trimestralmente até os dias atuais.

espírito de liberalidade e cristianismo, colaborando com uma igreja irmã. (O ESTANDARTE, 1939, p.5)

É interessante notar que décadas antes da publicação de *Alvorada* já se indicava a necessidade de se ter um periódico feminino que orientasse os momentos de estudo bíblico desenvolvido pela SAS, e diante da inexistência de qualquer outro periódico feminino próprio que suprisse a necessidade premente, adotou-se a revista *Voz Missionária*.

Em 1948, a secretária executiva que ocupava o cargo foi demitida, por querelas com a liderança da denominação que envolvia a não aceitação do trabalho desta mulher, como nos referencia Faria:

Entretanto surgiram desentendimentos entre Cesarina e o secretário executivo da CERAL. Ademais do norte, vinha denúncias de grupos conservadores evangélicos contra o tipo de trabalho que ela estava desenvolvendo. Isso fez com que ela fosse dispensada pela CERAL, no início de 1948. (FARIA, 2002, p.33)

Depois da demissão da secretária executiva da Federação de Mulheres, o espaço destinado às mulheres no jornal *O Estandarte* se tornou resumido e as publicações que aparecem no jornal entre 1948 até 1966 não tratam mais de uma única federação nacional.

Entretanto, as SAS continuavam em funcionamento, visto que em alguns números de *O Estandarte* apareciam relatórios ou notícias de algumas sociedades de senhoras do Brasil, que tinham suas formas de comunicação interna. Em um dos informes que ocupam duas colunas do jornal *O Estandarte* (1965, p.5), a Federação de Senhoras do Presbitério de São Paulo, ressalta que uma das sugestões de trabalho para as SAS federadas estava contida no Boletim Informativo da Federação de São Paulo. Embora o trabalho feminino nas igrejas continuasse, não havia uma unidade nacional, uma vez que cada presbitério tinha a sua organização e suas publicações.

As décadas de 1940 e 1950 foram marcadas dentro da IPIB pelo crescimento do trabalho leigo, não somente no que condiz ao trabalho feminino, mas também no que se refere ao trabalho da União da Mocidade Presbiteriana Independente, a UMPI, o que demonstrava que a crise estabelecida por volta de 1940, havia sido superada.

Em âmbito nacional, os anos de 1960, foram profundamente marcados por grande ebulição política no Brasil. Conforme Lara e Silva (2015), o Brasil era governado pelo presidente João Goulart que desenvolvia um trabalho voltado para promoção da justiça social e soberania nacional por meio de políticas públicas de promoção de direitos trabalhistas, propondo reformas de base, nas áreas: agrária, tributária, educacional e eleitoral. De acordo

com os autores, outra bandeira levantada pelo governo de João Goulart, foi a da independência das relações exteriores, juntamente com busca por diminuir a remessa financeira de lucros do capital internacional para fora do país.

Em 1º de abril de 1964, foi levado a efeito o golpe civil-militar, de modo que, o país passou a ser governado pelo marechal Castelo Branco com apoio de grupos econômicos brasileiros. A este respeito Netto (apud LARA e SILVA, 2015, p.277), esclarece que:

O regime derivado do golpe do 1º de abril sempre haverá de contar, ao longo da sua vigência, com a tutela militar; mas constitui um grave erro caracterizá-la tão somente como uma ditadura militar — se esta tutela é indiscutível, constituindo mesmo um de seus traços peculiares, é inegavelmente indiscutível que a ditadura instaurada no 1º de abril foi o regime político que melhor atendia os interesses do grande capital: por isto, deve ser entendido como uma forma de autocracia burguesa (na interpretação de Florestan Fernandes) ou, ainda, como ditadura do grande capital (conforme a análise de Octávio Ianni). O golpe não foi puramente um golpe militar, à moda de tantas quarteladas latino-americanas [...] — foi um golpe civil-militar e o regime dele derivado, com a instrumentalização das Forças Armadas pelo grande capital e pelo latifúndio, conferiu a solução que, para a crise do capitalismo no Brasil à época, interessava aos maiores empresários e banqueiros, aos latifundiários e às empresas estrangeiras (e seus agentes, ‘gringos’ e brasileiros).

O período que ficou conhecido como o Regime Militar e se estendeu até o ano de 1984, foi marcado profundamente por vários atos de repressão governamental à livre expressão, tais como assassinatos, exílios e muito sofrimento, em conformidade com Lara e Silva (2015). Porém, havia movimentos de resistência ao regime autoritário, instaurados em diversos âmbitos sociais, dos quais é possível destacar, o movimento estudantil. Conforme Del Priori e Venâncio (2010), estes grupos de resistência eram constituídos prioritariamente de jovens com menos de 25 anos, universitários e majoritariamente de classe média.

Tal contexto geral foi percebido no interior das organizações eclesiais, e no caso da IPIB não foi diferente. Campos (2003, p. 86), discorrendo acerca da posição das igrejas protestantes em relação à ditadura militar instituída, afirma que “Essa ideologia era repassada aos empresários, líderes civis e religiosos, por meio de cursos dados na Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), dos quais vários pastores da IPI e de outras denominações participaram ativamente.”

Contudo, a posição de apoio ao governo instituído, estabelecida pela diretoria da IPIB, não foi a de todos os membros da denominação, estabelecendo um novo período de intensas crises. A UMPI foi uma das organizações da IPIB que passou por uma profunda crise, a qual pode ser percebida no *O Estandarte*. No período anterior ao Golpe Militar de 1964, a organização chegou a ocupar mais de três páginas da publicação, contudo a partir de julho do

ano de 1964, há um silêncio das publicações da UMPI no veículo de comunicação da Igreja Presbiteriana Independente. O evento nacional da UMPI, programado para julho daquele ano, que vinha sendo divulgado desde janeiro, desapareceu. Não se falava mais sobre este assunto, até que em outubro foi publicada uma nota que uma nova diretoria havia sido eleita, seguida de diversas orientações ao trabalho umpista. Em dezembro daquele mesmo ano, a saber, 1964, a nova diretoria publicou um relatório de uma reunião com todos os delegados da UMPI nacional em que destaca no seu título os “Problemas Levantados” acerca do trabalho das mocidades os quais eram os seguintes, de acordo com a publicação:

- I - Indiferença do moço pelo trabalho da UMPI
- II – Falta de Orientação teológica da mocidade
- III – Falta de Liderança
- IV – Falta de Unidade dos Moços
- VI – Falta de Compreensão entre Conselho e UMPIs (O ESTANDARTE, 1964a, p. 11)

Os problemas em destaque, publicados pela UMPI, deixam subentendidos que estavam instaurados conflitos inclusive no campo teológico, isto é, na forma de interpretação das verdades bíblicas, o que possivelmente estava ocasionando dificuldades entre os Conselhos das Igrejas e a mocidade. Embora estes problemas houvessem sido explicitados, parece que não chegaram a uma solução efetiva, visto que em 1968, um dos integrantes da diretoria da UMPI publicou uma carta no jornal *O Estandarte* deixando em evidência que o trabalho da Mocidade Presbiteriana Independente continuava em crise:

[...] há uma crise geral no trabalho da mocidade, sendo necessário encontrar novos métodos de trabalho que se adaptem à realidade presente e capazes de interessar os moços na atividade da Igreja. (O ESTANDARTE, 1968, p. 4)

Segundo Campos (2003), alguns líderes da juventude presbiteriana independente estavam vinculados a movimentos de resistência ao governo militar instituído à época, o que seria um dos fatores que contribuiu para a instauração da crise do trabalho umpista. A este respeito, o autor destaca que:

[...] por influência do movimento estudantil, que no mundo todo se agitava contra o autoritarismo e também contra a Guerra do Vietnã, no Brasil, os jovens evangélicos, que eram universitários, também protestavam, e muitos deles, especialmente

seminaristas de São Paulo, participavam de passeatas estudantis. (CAMPOS, 2003, p.91)

Este movimento causou a exclusão de alguns jovens pastores e membros da UMPI do rol de membros da IPIB, e o conseqüente enfraquecimento do movimento umpista na denominação. Acerca deste assunto, Campos (2003, p. 98) relata que:

As lutas deste período foram vivenciadas por muitos como sendo um conflito de gerações ou de idéias. Na própria IPI houve no decorrer dos anos 60 e 70, um “desmanche” da Confederação Nacional da Mocidade, seguido por um processo centrifugador, por meio do qual a igreja passou a jogar fora aquela liderança intelectualmente melhor preparada, no interior das classes médias urbanas.

Além da crise estabelecida com os jovens vinculados à UMPI, estava instaurado um dissenso teológico na IPIB, que pode ser percebido no *O Estandarte*; ainda no ano de 1964, pastores de diferentes posições teológicas, publicaram artigos discutindo e atacando as posições antagônicas. A discussão publicada em alguns números do referido ano, chegou a ser questionada por um dos leitores do jornal, através de uma matéria publicada com o título “*Polêmicas que escandalizam*”, cujo autor afirmava que este tipo de discussão deveria se dar no âmbito dos concílios e não no *O Estandarte*, visto que, estes assuntos “polemizavam” e “escandalizavam o povo de Deus”; ao fim da matéria a redação do jornal publicou a seguinte nota:

Também a Redação lamenta o tom polêmico do tratamento da matéria, motivo porque, neste número, encerra a controvérsia. Não queremos continuar contribuindo para que os leitores, ao invés de sentir-se (sic!) edificados com a leitura do jornal, sintam-se, ao contrário, deprimidos e escandalizados. (O ESTANDARTE, 1964, p. 1)

Embora a redação do jornal tenha cessado de publicar matérias de conteúdo controverso, a crise permaneceu instaurada. Sobre estas discussões teológicas, Campos (2003) esclarece que havia dois grupos distintos: um que defendia uma visão teológica conservadora e outro uma visão teológica liberal. Acerca do significado das duas correntes de pensamento conflitantes na IPIB, Campos (2003) esclarece que:

De uma maneira geral, naquele contexto, “liberais” eram os rotulados por causa da crença em pontos de fé diferentes dos tradicionais, os quais diziam se manter leais à teologia formulada em Princeton (Hodge e Strong), apregoando a fidelidade aos princípios doutrinários da Confissão de Fé de Westminster. Por sua vez, os “liberais” eram vistos como simpáticos às teologias “novas” que chegavam da Europa, tais como as reflexões de Barth, Brunner, Bultmann e outros. Tais teólogos eram rotulados, injustamente, como “perigosamente ecumênicos” e “excessivamente simpáticos” com a Igreja de Roma. Além do mais, os “liberais” estavam, no imaginário fundamentalista, “de mãos dadas” com o comunismo ateu. Portanto, ser liberal era

"abandonar" a dedicação à evangelização e à expansão da Igreja. (CAMPOS, 2003, p. 97,98)

Esta polarização teológica, estava longe de ter um fim para a IPIB, estendendo-se durante toda a década de 1960, adentrando a década seguinte, a saber, os anos de 1970.

Concomitantemente à intensa crise estabelecida frente às polarizações teológicas existentes, bem como ao enfraquecimento do movimento leigo da UMPI, havia um incentivo ao crescimento do movimento leigo de um modo geral, e conseqüentemente ao desenvolvimento do movimento feminino na denominação, como nos indica Campos (2003, p. 99)

Nesses anos, foi tomando corpo o trabalho leigo dos homens e mulheres, que por meio de congressos nacionais, passou a substituir o ativismo até então creditado aos jovens.[...] Na proclamação dos resultados do Primeiro Congresso, as senhoras também dedicaram um bom espaço à recusa do ecumenismo e do comunismo, ambos vistos como um “um perigo à IPI e à Pátria.”

É sob este pano de fundo que, em 1967, o trabalho feminino em âmbito nacional tomou visibilidade, ou talvez tenha sido incentivado. No jornal *O Estandarte* (1967, p. 12) o pastor presidente da Mesa Administrativa da IPIB convocou todas as presidentes das Federações de Senhoras para tratar da Confederação Nacional de Senhoras.

O Presidente da Mesa Administrativa da I.P.I. do Brasil, Rev. Daily Resende França, está convocando para o dia 2 de abril p.f., domingo, às 16 horas, no Templo da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, situada à Rua Nestor Pestana, 152, um encontro das Senhoras Presidentes de Federações e demais membros da Diretoria, bem assim os Senhores Secretários Presbiteriais, a fim de tratarem dos seguintes assuntos:

- a) - Confederação Nacional das Senhoras Presbiterianas Independentes;
- b) - I Congresso Nacional das Senhoras Presbiterianas Independentes;
- c) Manual das Sociedades de Senhoras.

São Paulo, 28 de fevereiro de 1967. Pela Comissão do Manual, Maria Clemência Damião. (O ESTANDARTE, 1967, p. 12)

A iniciativa em reorganizar o trabalho feminino na denominação fazia parte de uma série de medidas tomadas neste sentido durante a década de 1960. *O Estandarte* (1960, p. 5) publicou a decisão da Mesa Administrativa da época de nomear uma comissão para uma reforma da Constituição e do Livro de Ordem da IPIB e ainda a deliberação para a criação de Confederações que organizassem o trabalho leigo na igreja nacional. Essas decisões foram implementadas ao longo de toda a década. Quanto ao trabalho feminino, as mudanças se efetivaram a partir de 1967.

Nota-se que na retomada da organização nacional do trabalho feminino, foram estabelecidas diversas resoluções organizacionais: o estabelecimento dos Congressos Nacionais de Senhoras, a publicação do manual, que mais tarde seria nomeado *Senhoras na Seara* e a publicação de boletins mensais para a comunicação entre a Confederação Nacional, as Federações Presbiteriais e as SAS. Em um dos relatórios da Federação de Senhoras do Norte encontra-se o seguinte relato: “[...] é um prazer vê-las chegando para a SAS, cada qual com sua sacolinha trazendo a Bíblia e o hinário. Distribuímos o Boletim Comemorativo.” (O ESTANDARTE, 1968, p.5), o que indica que havia boletins publicados pela Confederação constituída à época.

No I Congresso Nacional de Senhoras da IPIB realizado em agosto de 1967 na cidade de São Paulo, foi eleita a primeira diretoria da Confederação Nacional de Senhoras, conforme relata Melo (2006), a qual foi constituída por mulheres eleitas pelas delegadas oficiais das Federações das SAS presentes. Naquele evento, estavam representadas 21 federações. É importante ressaltar que em 1967, havia 277 SAS constituídas no Brasil, totalizando mais de 6000 sócias ativas, conforme Quadro 2.

Quadro 2 - Federações de Senhoras da IPIB, número de SAS e sócias em 1967

	Federações de Senhoras	Número de SAS de cada Federação	Número de sócias de cada SAS
1	Araraquarense	16	254
2	Assis	13	317
3	Alta Paulista	16	390
4	Brasil Central	15	385
5	Botucatu	13	264
6	Ipiranga	11	873
7	Londrina	19	329
8	Leste	9	261
9	Maringá	17	154
10	Norte	9	84
11	Nordeste	11	260
12	Oeste	15	338
13	Oeste do Paraná	8	101
14	Osasco	13	321
15	Paulistano	21	493
16	Rio de Janeiro	12	210
17	São Paulo	18	542
18	Sul de Minas	11	241
19	Sul de São Paulo	17	369
20	Sul do Paraná	8	305
21	Santa Catarina	5	188
	Total	277	6679

Fonte: Dados obtidos no jornal *O Estandarte* (1967, p.5)

Em análise do Quadro 2, é possível inferir que o trabalho feminino, embora não estivesse em evidência na publicação oficial da IPIB desde 1950, continuou ativo por quase duas décadas, e que diante de um número significativo de mulheres que participavam ativamente de diversos trabalhos nas igrejas tornava-se iminente uma melhor organização, assim como uma publicação que alcançasse a todas.

Ainda em 1967, depois da realização do I Congresso Nacional, é que se deu início à movimentação para a publicação da revista da Confederação, conforme está impresso no jornal *O Estandarte* (1967, p. 4)

A Confederação já nomeou a equipe responsável pela elaboração da futura revista da SAS. Vários nomes tem sido sugeridos para a Revista. Mande a sua colaboração. Quem sabe se o nome que a irmã indicar não será o escolhido? Aguardamos as listas de assinantes, cujos formulários seguiram anexos aos Boletins Informativos distribuídos nas sociedades.(O ESTANDARTE, 1967, p.4)

Desse modo, o que antes se apresentava em informativos, ora publicados no *O Estandarte*, ora em boletins, se constituiu em uma revista. O nome da revista foi resultado do apelo feito pela Confederação no jornal *O Estandarte*. E a escolha final do nome é contada já na revista *Alvorada*.

Parabéns querida irmã JACI T, ALVES, da SAS de Santos! Depois de árduo trabalho de estudo das três centenas que para nós foram enviadas, a Equipe optou pela sua sugestão. Cremos que tôdas as irmãs estão concordes conosco pelo alto simbolismo que ALVORADA representa para o trabalho feminino Presbiteriano Independente nesta fase de estruturação nacional. (ALVORADA, 1968, p.16)

No final da década de 1960 e início de 1970, as mulheres da IPIB desenvolviam muitas funções na instituição eclesiástica, o manual publicado em 1968, pela Comissão do Laicato da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (1968), nomeado *Senhoras na Seara*, indica que a organização do trabalho de senhoras da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil deveria funcionar do seguinte modo:

[...] as senhoras Presbiterianas Independentes do Brasil estão organizadas em Sociedades Auxiliadoras de Senhoras – SAS – locais, que reunidas de acôrdo com o Presbitério a que pertencem sua Igreja, formam Federações Presbiteriais. [...] Confederação Nacional é o órgão de coordenação de todo o trabalho de Senhoras e a sua Diretoria é constituída de cinco elementos: Presidente, Vice-Presidente, I Secretária, II Secretária, Tesoureira. (COMISSÃO DO LAICATO DA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL, 1968, p. 18)

De modo bastante organizado as mulheres trabalhavam em diversas áreas dentro da igreja, ficando responsáveis pela educação de crianças e adolescentes, angariavam fundos financeiros para o sustento dos missionários, faziam trabalhos manuais, entre outros. Proença (2002) indica alguns trabalhos desenvolvidos pelas diversas SAS:

- "a pequena moeda", que tinha por objetivo poupar recursos para os filhos de missionários, [...];
- estímulo e orientação para que as igrejas locais ocupassem os espaços ociosos de suas dependências com a abertura de creches, mesmo antes que houvesse um departamento específico da Igreja Nacional para tratar de tal assunto. [...];
- elaboração de material didático para escola dominical para crianças, que, sob a liderança de Maria Clemência Mourão Cintra Damião, publicou a série "Falemos de Cristo aos Pequeninos", manual de educação cristã usado por diversas denominações e por escolas públicas no país;
- campanhas para atender as crianças no Lar Betel, em Sorocaba, SP;
- visitas periódicas aos seminaristas, oferecendo-lhes carinho, apoio e ajuda;
- criação, pelo movimento das mulheres e sob a liderança de Isva Ruth Xavier, do "DIA" (Departamento de Integração do Adolescente). (PROENÇA, 2002, p.81)

É possível notar que o trabalho exercido pelas mulheres na IPIB, organizadas em sociedades, orbitava, principalmente na esfera do cuidado, seja na organização de creches para o atendimento de crianças ou na elaboração de material didático; seja no cuidado com os órfãos ou com os filhos dos missionários e até mesmo no cuidado com os seminaristas. Acerca da função cuidadora atribuída à mulher, Beauvoir (1967, p. 24) destaca que, desde menina, a mulher é ensinada que a sua vocação própria é o cuidado com as crianças, por intermédio do que ouve, do que lê e do que vivencia. Deste modo, pode-se afirmar que estes trabalhos desenvolvidos pelas mulheres da SAS, estavam circunscritos ao que era pensado como um campo de ação tipicamente feminino.

Neste contexto de intenso trabalho feminino nas igrejas locais, os quais estavam concentrados na esfera do cuidado, *Alvorada* desempenhava um papel fundamental na medida em que era o meio de instrução utilizado pela Confederação Nacional para ensinar às mulheres quanto às diversas funções que assumiam na Igreja e nos seus lares. Deste modo, a revista apresentava artigos e textos para aparamentar as mulheres quanto aos trabalhos atribuídos a elas, seja na igreja, ou na família, tratando das seguintes temáticas: educação de filhos, desenvolvimento da criança, datas comemorativas, eventos, cuidados domésticos e comportamento cristão.

1.2 *Alvorada*: alcance e circulação

Melo (2006, p.29) indica que no primeiro ano de publicação de *Alvorada*, a saber, 1968, foram impressos 4000 exemplares da revista. Diante do fato de que no ano anterior à primeira publicação, as sociedades de senhoras da IPIB contavam com mais de 6000 sócias, é possível notar que nem todas as sócias eram assinantes da revista no momento de sua criação. Deste modo, eram constantes as campanhas para o aumento de assinantes da revista.

Na análise da ficha catalográfica da revista de 1969 (ALVORADA, 1969, p. 27), é possível verificar um aumento significativo no número de tiragens da revista, nela constava que foram impressos 5500 exemplares. Embora o avanço quanto ao número de impressões fosse significativo, a revista ainda não estava nas mãos de todas as sócias como está descrito em *Alvorada* (1970, p.23), no relatório feito acerca do ano de 1969:

Terminamos o ano com 234 agentes. Destas, 32 conseguiram o grau de **Agentes de Brillhante**; 54, o de **Agentes de Ouro** e 92, o de **Agentes de Prata**. 56 agentes não alcançaram o alvo local, e 123 SAS, computadas no início da campanha, não escolheram suas agentes e nem fizeram assinaturas. Isto nos leva a crer, que se tal não acontecesse, teríamos não somente alcançado, mas ultrapassado em muito o alvo de 5.000.

Três anos após a primeira publicação de *Alvorada*, em 1971, foi feita uma campanha para o aumento de assinaturas, que propunha como alvo, 10.000 assinaturas. Nos anos subsequentes, a saber, 1972, 1973, 1974 e 1975, não constam referências na revista quanto ao número de assinantes, contudo permanecem presentes as palavras de incentivo para que haja um crescimento referente ao número de assinaturas da revista. Em 1976, por intermédio de uma nota, foi possível atestar a expansão do número de assinaturas de *Alvorada*:

ALVORADA E O SUPREMO CONCÍLIO – “Verificando o Relatório da CONFEDERAÇÃO NACIONAL, a Comissão de Exame ficou bem impressionada com o excelente trabalho desenvolvido pelas Senhoras, merecendo destaque especial a boa situação da REVISTA ALVORADA, que se recomenda não só pela bela apresentação gráfica, mas pelo bom conteúdo, além do aumento da tiragem de doze mil para quatorze mil exemplares. Assim, a Comissão é de parecer que se registre um voto de apreciação pelo trabalho da diretoria desta Confederação.” Ata da Quinta Sessão da Sétima reunião Ordinária do Supremo Concílio da IPI do Brasil, de 2/2/1975. Campinas S.P. (ALVORADA, 1976, p. 06)

Sendo assim, no período de oito anos de publicação da revista, isto é, entre os anos de 1968 e 1976, houve um acréscimo de dez mil assinaturas da revista, o que atesta a sua aceitação e ampliação quanto ao número de leitores atingidos, leitores estes que não eram, necessariamente, membros da SAS ou até mesmo da IPIB. Em acréscimo, é interessante

observar que embora o público-alvo da revista fosse feminino, não eram somente as mulheres que liam o seu conteúdo, a revista também era lida e apreciada por homens. Dois anos depois, na edição comemorativa de dez anos da publicação, uma página da revista intitulada “*Vitória para você*”, descreve as campanhas feitas desde 1975 para a ampliação do número de assinantes e conclui “Hoje, no 10º aniversário, podemos dizer ‘Até aqui o Senhor nos ajudou.’ ALVORADA 20 MIL já não é um sonho. É vitória.” (ALVORADA, 1978, p.21), confirmando o crescimento exponencial das tiragens em dez anos de publicação de 4000 para 20.000 revistas.

A análise da seção “Cartas à redação” ou “Cartas à equipe” aponta diversos indícios acerca dos leitores e do alcance da revista. Na seção, a partir de 1971, constavam cartas não somente de leitoras, mas era frequente a publicação de cartas de leitores homens na revista.

Rev. Ezequias de Souza e Silva – Cassilândia – Mato Grosso – Leio sempre Alvorada. É uma excelente revista e é nossa, graças a Deus, que bênção é para a IPI do Brasil. Li em o “Estandarte” que há coleções completas dos anos 1968 e 1969. Quero uma coleção e assinatura. Desejo colecionar esta preciosidade de nossa Igreja, uma demonstração de fé e coragem de Senhoras da nossa querida Igreja Nacional. (ALVORADA, 1971a, p. 32)

É possível observar que existe um sentimento de orgulho e de exaltação do fato de que *Alvorada* fosse uma publicação própria da denominação, de modo que algumas pessoas daquele período desejavam colecioná-la. Além de alcançar homens e mulheres da IPIB, como se afirmou, *Alvorada* alcançou leitores e leitoras de outras igrejas protestantes e não protestantes. Foi lida por metodistas, presbiterianos¹⁵, congregacionais, luteranos e católicos.

[...] Disse-nos mais D^a Ophélia que, em Curitiba, as senhoras (sic) da 1ª Igreja são incansáveis na distribuição de ALVORADA. As senhoras Metodistas, Congregacionais e Luteranas assinam. Todas gostam muito de ALVORADA, mas as senhoras Luteranas são realmente as mais entusiasmadas, gostam realmente de ALVORADA e ficam aguardando, com ansiedade os seus exemplares. (ALVORADA, 1976, p. 22)

Senhora Lizete Beltrão: Ao ler a revista ALVORADA, da qual sou assíduo leitor, deparei com seu nome. Confesso que algo tocou no meu íntimo por diversos dias e não resistindo mais, resolvi escrever-lhe. [...] Apesar de não ser crente, gosto de ouvir a VOZ DO ESTANDARTE. Quero lhe dizer que meu passado é pouco recomendável, mas graças ao nosso bom Deus estou me recuperando e creio que Deus em sua infinita bondade já me perdoou. [...] Célio do Carmo. Instituto Penal “Cândido Mendes”. Ilha Grande. Est. do Rio. (ALVORADA, 1971a, p. 32)

¹⁵ Lima (2008) esclarece que a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB) é uma denominação protestante que se constituiu em São Paulo em 1903, após lideranças eclesiais romperem com a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), assumindo um discurso nacionalista, de pretensões modernas e que quebraram as relações com a gerência missionária estrangeira.

Com relação aos leitores vinculados a outras confissões de fé, havia não somente aqueles que ganhavam a revista de uma outra mulher assinante, mas também pessoas que eram assinantes da revista, mesmo pertencendo a outro grupo religioso, o que nos indica que o conteúdo publicado na revista despertava o interesse de diferentes grupos de leitores.

Os leitores de *Alvorada* estavam em grande parte do território nacional brasileiro, como é possível observar no Quadro 3. Nota-se a circulação massiva da revista nos estados de São Paulo e Paraná, diante do elevado número de cidades de onde se originavam as cartas dos leitores, o que provavelmente se relaciona aos locais onde estavam instaladas Igrejas Presbiterianas Independentes, porém não tive acesso até o presente momento a documentos oficiais da época, para confirmar esta ideia. As cidades de onde se originavam as cartas, bem como os estados onde estavam localizadas, podem ser confirmados no Quadro 3.

Quadro 3 - Estados e municípios brasileiros onde havia assinantes da revista

Estados brasileiros de onde as cartas são provenientes	Municípios
Amazonas	Manaus
Bahia	Sítio do Mato, Ilhéus
Ceará	Fortaleza
Distrito Federal	Brasília
Goiás	Anápolis, Serranópolis, Nerópolis, Quirinópolis, , Guarani, Fazenda Buriti, Fazenda Potreiro, Gurupi, Jataí, Luiziana,
Maranhão	São Luís, Barro do Corda, Zé Doca
Mato Grosso	Dourados, Cassilândia
Minas Gerais	Muzambinho, Machado, Belo Horizonte, Botelho, Governador Valadares, Fazenda Roseira, Itaúna, Pinhal do Campestre, Andradas, Ganhães
Pará	Belém
Paraná	Maringá, Cruzeiro do Oeste, Jaguapitã, Itaguajé, Jandaia do Sul, Siqueira Campos, Cruzeiro do Oeste, Loanda, Sertanópolis, Rolândia, Cornélio Procópio, Bela vista do Paraíso, Jandaia do Sul, Ponta Grossa, Cascavel, Curitiba, Jacarezinho, Cianorte, Londrina, Campina da Lagoa, Icaraíma, Mandaguari, Quedas do Iguaçu,
Pernambuco	Recife, Bom Conselho
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
Rio Grande do Norte	Natal
Rio Grande do Sul	Porto Alegre
Santa Catarina	Florianópolis, Itapema
São Paulo	São José do Rio Preto, Catanduva, Itapetininga, Bebedouro, Campinas, Ourinhos, Lençóis Paulista, Marília, Tatuí, Mogi Guaçu, Bariri, Sorocaba, Itaperuna, Cruzeiro, Bauru, Agudos, Osvaldo Cruz, Registro, Avaré, Lençóis Paulista, Botucatu, Tupã, Regente Feijó, Água Rasa, Pilar do Sul, São Paulo, São Caetano do Sul, Guarulhos, Ermelino Matarazzo, Limeira, Espírito Santo do Pinhal, Santos, Assis
Sergipe	Boquim, Aracaju

Fonte: GOMES (2018)

Em análise do Quadro 3, é possível inferir que dentre os 25¹⁶ estados brasileiros constituídos nas décadas de 1960 e 1970, *Alvorada* circulou em 17 estados, não circulando nos estados de Rondônia, Roraima, Amapá, Piauí, o então estado da Guanabara e no Território de Fernando de Noronha. Houve um predomínio de leitores entre as regiões Sul e Sudeste do Brasil, circulando principalmente, nos estados de: São Paulo, abrangendo 33 municípios e Paraná com 24 municípios; outros estados que também apresentaram um número significativo de leitores, foram os estados de Goiás, com 12 municípios por onde a revista circulou e Minas Gerais, com 11 municípios; no estado do Maranhão, em três municípios haviam assinantes. Os estados que apresentaram apenas dois municípios, por onde houve a presença de *Alvorada*, foram: Bahia, Mato Grosso, Pernambuco, Santa Catarina e Sergipe. Dos demais estados, a saber: Amazonas, Ceará, Distrito Federal, Pará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, apenas um município foi alcançado pela revista.

É interessante ressaltar que *Alvorada* circulou para além do território nacional alcançando alguns países da Europa, África e América do Norte, como se pode notar no Quadro 4.

Quadro 4 - Países e cidades em que havia leitores da revista

Países	Cidades	Números de cartas
África do Sul	Pretória	1
Alemanha Ocidental	Não consta a cidade.	1
Estados Unidos	Dallas	1
Grécia	Canéia, Creta	3
Inglaterra	Londres	2
Suíça	Não consta a cidade	1
Portugal	Caiscais	2

Fonte: GOMES (2018)

No Quadro 4, é possível observar os países alcançados pela publicação, porém, não é possível definir exatamente a razão e como a totalidade de leitores obtiveram a revista. Quanto à leitora que está na Grécia, é possível inferir que, pessoas no Brasil, ligadas à redação de *Alvorada* a enviavam para ela, o que é perceptível no seguinte fragmento da carta da leitora à equipe da revista: “Recebo regularmente ALVORADA e o ESTANDARTE. Muito obrigada. Estou emocionada com esse gesto de amor da sua parte. Muito agradecida.”(ALVORADA,

¹⁶ De acordo com consulta feita ao site <http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=1561> em 30/05/2019.

1974a, p.30). Assim como na carta recebida do leitor da Inglaterra: “Gosto muito dos exemplares da excelente revista ALVORADA, que a cara irmã tem enviado com regularidade. Tanto eu como a minha esposa lemos com interesse.” (ALVORADA, 1974b, p. 33)

Pelos dados de alcance e circulação de *Alvorada*, embora a revista objetivasse instruir as mulheres presbiterianas independentes brasileiras, as tendo como público-alvo prioritário, conquistou outros públicos não pretendidos inicialmente, como já destacado.

1.3 As revistas femininas brasileiras nos anos de 1960 e 1970, *Alvorada* e outras revistas femininas protestantes

Segundo Martins (2001, p.372), a história das revistas femininas no Brasil remonta o início do século XIX. Buitoni (2009, p. 32) relata que provavelmente o primeiro periódico feminino brasileiro tenha sido publicado em 1827, no Rio de Janeiro, intitulado *O Espelho Diamantino*; publicado quinzenalmente, apresentou 14 edições que se ocupavam de versar acerca de: política, literatura, belas-artes, teatro e moda. *O Correio das Modas*, impresso em 1839, também no Rio de Janeiro, e *O Espelho das Brasileiras*, em 1831, no Recife, são referências históricas acerca do surgimento da imprensa destinada ao público feminino no Brasil. Versando sobre os primórdios da imprensa brasileira, Buitoni (2009, p. 46) afirma que: “O século XIX foi um século de imprensa artesanal, das folhas tipográficas, que raramente ultrapassavam quatro páginas, a maioria de curta duração.” Quanto à imprensa feminina trilhava dois caminhos distintos, segundo Buitoni (2009, p. 47), o primeiro deles tinha por pressuposto que o lugar da mulher era no lar, com ênfase nas virtudes domésticas; e o segundo, era um caminho progressista, saindo em defesa dos direitos da mulher, principalmente, quanto à educação.

Martins (2001, p. 374 – 377) destaca alguns periódicos femininos do fim do século XIX e início do século XX, os quais valorizavam a literatura e buscavam compartilhar as novas ideias daquele tempo, eram elas: *A Mensageira* de 1897, *O Álbum das meninas* de 1898 e em 1900, *O Chromo*; em 1914, a *Revista Feminina*, explicitava as questões pertinentes à época: o voto feminino, crimes contra a mulher e as lutas feministas, sua publicação se estendeu até o ano de 1936. Acerca deste periódico, Buitoni (1990) afirma que:

A Revista Feminina apresentava um toque de modernidade não só nos produtos que anunciava, mas na diagramação bastante inovadora para a época. Sua força estava demonstrada no número de suas páginas, 90 em média. Essa publicação pode ser

considerada como precursora das modernas revistas brasileiras dedicadas à mulher. (BUITONI, 1990, p. 48)

Em 1940, segundo Buitoni (1990, p. 47), as revistas de maior popularidade à época eram *O Cruzeiro*, *A Cigarra e Carioca*, e embora apresentassem um suplemento feminino não eram direcionadas somente a este público. Em 1952, é publicada a revista *Capricho*, que veiculava as fotonovelas, com matérias sobre: moda, beleza, culinária, cartas, horóscopo e complementavam o conteúdo; esta tornou-se ao longo da década a revista mais importante do mercado editorial feminino. Neste filão das revistas de fotonovelas circulam a partir da década de 1950, *Grande Hotel*, *Ilusão*, *Noturno*, *Destino*, entre outras.

A década de 1960 é considerada por Mira (2001) como o início da segmentação do mercado de revistas no Brasil, o que estava relacionado profundamente com o crescimento industrial brasileiro, experimentado desde o ano de 1945, bem como, com a formação de uma sociedade de consumo no país. Versando sobre a segmentação do mercado de revistas, Mira (2001) destaca que

Tudo isso se passa num mundo cada vez mais dominado pela forma de mercadoria. E esta é outra conclusão que o universo das revistas nos permite observar. Sobretudo no pós-guerra, a sociedade de consumo ganha dimensão mundial. O consumo torna-se uma dimensão tão importante na vida dos indivíduos, dos grupos, das famílias, que pode ser pensado como um lugar privilegiado para a construção da identidade pessoal ou das identidades dos grupos. [...] Envolvendo-se nessa lógica, as revistas tendem a se tornar, como disse uma editora “catálogos de compra”, ao mesmo tempo em que penetram nos meandros mais íntimos da subjetividade. (MIRA, 2001, p.215)

Atendendo às novas demandas de um Brasil cada vez mais urbano e industrial, novos títulos de revistas eram publicados com vistas a atender públicos específicos: mulheres, homens consumidores de carros e aventura, jovens universitários e intelectuais. Segundo Mira (2001, p.42), havia uma preocupação ainda pujante com a formação de uma identidade brasileira, de modo que, embora as fórmulas de muitas revistas publicadas em 1960, seguisse um modelo americano ou europeu, havia a tentativa de abrasileirar a produção do material impresso em revistas.

Neste movimento baseado em modelos importados e adaptados, em 1961, começava a ser publicada mensalmente a revista *Cláudia*, que segundo Buitoni (2009, p. 105), apresentava os temas comuns às revistas femininas dirigidas à mulher casada de classe média: moda, beleza, culinária e decoração, acrescentando outras seções que tratavam de saúde, contos, orçamento doméstico, passando por consultas jurídicas e chegando até mesmo, aos cuidados com os cachorros. A revista *Cláudia* se configurou como “o espírito da década em relação à mulher”,

conforme Buitoni (2009, p.105); também foi considerada inovadora em diversos aspectos, com destaque para o fato de que produzia todo o seu conteúdo no Brasil, visto que, até então as demais revistas femininas que já estavam em circulação, apresentavam conteúdo de outros países, desde as fotografias apresentadas, perpassando pelos aspectos conteudísticos, assim como pelos aspectos estruturais-formais. A criação de uma cozinha experimental para testar as suas receitas por três vezes antes de serem publicadas, prática importada das revistas femininas americanas, a fim de garantir o êxito das receitas, também se configurou como um diferencial. Sobre a visibilidade alcançada por *Cláudia*, Correa (2012, p. 97) destaca que a revista:

[...] passou a tratar de temas que faziam parte do dia a dia da leitora: educação de filhos, relações com o marido, controle de natalidade e problemas com ela mesma, começando a questionar o papel da dona de casa, que queria ter direito ao trabalho, à independência financeira, questões restritas aos homens.

Outra característica marcante de *Cláudia*, foi expressa por meio da seção “A arte de ser mulher”, escrita pela jornalista e escritora, Carmem da Silva, a partir de 1963, cujos textos circundavam os temas psicológicos, apresentando dicas e conselhos às leitoras. Para Correa (2012, p. 98), a autora da seção trazia para a discussão temas nunca antes abordados na imprensa, tidos como tabus, e que mais tarde seriam colocados como bandeiras de reivindicações femininas: sexo, aborto, pílula, casamento, infidelidade, machismo, feminismo e envelhecimento.

De acordo com o relato de Correa (2012, p. 97), a única revista em circulação que apresentava concorrência à *Cláudia*, era *Jóia* (1957), que embora em 1969 tenha sido reformulada, passando a se chamar *Desfile*, na tentativa de ser mais parecida com a editoração de *Cláudia*, nunca a superou em vendagem. Outras revistas dirigidas ao público feminino também estavam em circulação à época: *Manequim* (1959), revista de moda que trazia um encarte com moldes das roupas publicadas naquela edição.

A década de 1970 foi considerada por Buitoni (2009, p. 114), como a década do auge do consumo das revistas no Brasil. Foi o período em que houve uma intensificação da segmentação do mercado das revistas, de modo que se produziam cada vez mais, periódicos destinados aos interesses do público leitor. A autora destaca ainda que, as revistas femininas destinadas às mulheres da classe média brasileira, *Cláudia* e *Desfile*, se apresentavam como verdadeiros catálogos de mercadorias, e além das páginas repletas de publicidade, a cada matéria apresentada havia ilustrações que indicavam o nome do fabricante das peças, às vezes preço e endereço nas principais capitais onde se poderia adquirir aqueles produtos. É importante

destacar, que o ano de 1968 é considerado como o ano da retomada do crescimento econômico brasileiro, impulsionado pelo desenvolvimento industrial, como destacam Del Priori e Venâncio (2010) e que, conforme Mira (2001, p. 57), a revista *Cláudia* cresceu com a sociedade de consumo, visto que havia uma série de produtos de empresas nacionais ou estrangeiras, com destaque especial para a de eletrodomésticos em busca de compradores, isto é a dona de casa.

A temática mais abordada em 1970, conforme destaca Buitoni (2009, p. 115), foi o sexo. Nas revistas femininas já existentes, paulatinamente, foi ganhando espaço, entretanto de modo muito cauteloso. Em 1973, é lançada a revista *Nova/Cosmopolitan*, dirigida não somente à mulher casada como as demais revistas femininas, mas a outro tipo de mulher, que estava preocupada com a vida profissional e que não concebia o sexo como restrito ao casamento. De acordo com Buitoni (2009, p. 116), *Nova* se constituiu como uma

[...] revista com uma linha mais ‘feminista’, por veicular uma ideologia voltada para a mulher como ponto principal, só que ainda dentro de uma perspectiva totalmente consumista, exacerbada, com doses de sofisticação. A princípio, parece ser uma publicação que defende a mulher; mas, no fundo, serve mais para promover a integração na sociedade de consumo.

Além destas revistas mensais e de grande circulação, havia outros periódicos destinados ao público feminino, que segundo Buitoni (2006, p. 16), circulavam em 1970. Estes, não eram necessariamente revistas, algumas vezes apresentavam-se como jornais ou boletins, sendo impressos de modo artesanal, e visavam a atingir às mulheres das classes populares, entretanto não alcançaram muita visibilidade.

Entre outras revistas femininas, existiam aquelas ligadas às organizações de mulheres no meio confessional, isto é, entre algumas das igrejas protestantes brasileiras, que também produziam seus impressos, tratando de temáticas comuns ao universo feminino, acrescidas de outras temáticas próprias do contexto confessional a que estavam vinculadas, como *Alvorada*.

No ano de 1973, a capa de número 4 de *Alvorada* apresentava a seguinte frase “1973 – ano da difusão das revistas evangélicas femininas” (ALVORADA, 1973b, capa), indicando a existência de outras revistas femininas protestantes, em circulação no período, pois na ilustração aparecem mãos femininas segurando os seguintes títulos: *Visão Missionária*, *Vida Cristã*, *Voz Missionária* e *SAF em Revista*.

Figura 1 – Capa de Alvorada em 1973



Fonte: ALVORADA (1973b, capa)

A iniciativa em ter uma revista própria das organizações femininas nas igrejas protestantes, parece não ser uma novidade restrita à década de 1960, pois havia outras revistas femininas protestantes em circulação e a maioria delas era publicada desde períodos anteriores. Segundo Garcez (2018), data de 1930 a criação da revista feminina *Voz Missionária*, vinculada à Igreja Metodista. Em 1953, é publicada pela Igreja Evangélica Congregacional a revista *Vida Cristã*, também vinculada a uma união feminina, em conformidade ao *site* da própria revista. A Igreja Presbiteriana do Brasil publicava desde 1955 a revista *SAF em revista*, conforme Campos (2006). As mulheres de confissão luterana, também publicavam o seu periódico, a revista *Servas do Senhor*, desde 1966, de acordo com Farias (2011). A publicação feminina protestante mais antiga data de 1922, é a *Revista para o trabalho de Senhoras Baptistas*, cujo nome foi alterado em 1967 para *Visão Missionária*, como relatado por Oliveira (2012). No Quadro 5, encontram-se organizadas revistas femininas protestantes existentes já na década de 1960.

Quadro 5 – Revistas femininas protestantes já existentes na década de 1960¹⁷

Nome da publicação	Igreja Protestante a que estava vinculada	Organização feminina a que a revista estava vinculada	Ano de criação
<i>Revista para o trabalho de Senhoras Baptistas/ Visão Missionária</i>	Batista	União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB)	1922

¹⁷ Foram localizados trabalhos acadêmicos que fazem referência a estas revistas femininas protestantes, exceto no que diz respeito à *Revista Vida Cristã*, o que impossibilita a análise comparativa com *Alvorada*.

<i>Voz missionária</i>	Metodista	Sociedades Metodistas de Senhoras	1930
<i>Vida Cristã</i>	Igreja Evangélica Congregacional	Confederação das Uniões Auxiliadoras Femininas	1953
<i>Saf em revista</i>	Presbiterianos do Brasil	Sociedade Auxiliadora Feminina(SAF)	1955
<i>Servas do Senhor</i>	Luterana	Liga das Servas Luteranas do Brasil	1967

Fontes: CANET (1987); ECKER (2002); FARIAS (2011); POSSENTI (2012); GARCEZ (2018).

Em análise ao Quadro 5, é possível notar que a SAS estava “atrasada” em relação às outras organizações femininas protestantes existentes à época, diante do fato de que organizações femininas protestantes vinculadas a outras denominações e às suas respectivas organizações de mulheres, já tinham suas publicações. Todas estas publicações continuam sendo editadas até os dias atuais, preservando a mesma nomenclatura, sendo ligadas as suas respectivas organizações femininas.¹⁸

Várias características são comuns entre *Alvorada* e as demais revistas femininas protestantes existentes à época: a grande diversidade de gêneros textuais era comum a todas elas, bem como a divulgação dos trabalhos realizados pelas organizações femininas a que estas revistas estavam vinculadas. A preocupação com a organização das reuniões das sociedades femininas também é algo constante nas revistas femininas protestantes publicadas ente 1960 e 1970. Sendo assim, grande parte dos textos publicados, tinha como objetivo oferecer conteúdo para as reuniões das sociedades femininas.

Com relação à *Visão Missionária*, Oliveira (2012) indica que a publicação trimestral, sempre apresentava sugestões para as datas comemorativas daquele trimestre. Outra característica constante era a grande diversidade textual: receitas, artigos, anúncios e cartas de leitoras. A preocupação com a formação das leitoras também é uma constante nesta revista.

¹⁸ É possível confirmar esta informação em consulta aos seguintes sites:
http://loja.tray.com.br/loja/produto-161303-2987-1_trimestre_de_2019_visao_missionaria;
[http://www.vozmissionaria.org.br/;](http://www.vozmissionaria.org.br/)
[http://www.saf.org.br/saf-em-revista/;](http://www.saf.org.br/saf-em-revista/)
[http://revistavidacris.blogspot.com/;](http://revistavidacris.blogspot.com/)
<http://www.revistaservas.com.br/>

Voz missionária também segue uma organização bastante semelhante; de acordo com as informações fornecidas por Garcez (2018), a revista trimestral apresentava textos em linguagem pessoal e prescritiva, tratando de assuntos diversos como moda, educação de filhos, comportamento. Entretanto, parece que a preocupação com a organização de eventos na igreja não era uma constante em *Voz Missionária*. Garcez (2018) ressalta que a maior preocupação de *Voz missionária* na década de 1960 era com a família, partindo da premissa de que na família residia a solução para os problemas identificados na nação naquele período histórico. Vale lembrar que esta revista, já havia sido usada pela SAS, inclusive sob a orientação da federação feminina da IPIB, no final da década de 1930 e na década de 1940.

Doze anos antes de ser criada *Alvorada*, a Sociedade Auxiliadora Feminina da Igreja Presbiteriana do Brasil, criava a *SAF em revista*. Antes de ser revista, era um boletim informativo e, em 1955, tornou-se revista de acordo com as informações de Ecker (2002). A mesma autora afirma que *SAF em revista* era de publicação trimestral, que trazia em seu conteúdo informações sobre as atividades femininas desenvolvidas pelo segmento da igreja a que estava vinculada, acrescida de assuntos de psicologia, nutrição, saúde, culinária e normas de comportamento cristão, o que parece ser uma constante nas revistas femininas protestantes já existentes até então.

A *Revista Servas do Senhor*, contemporânea de *Alvorada*, também iniciou como boletim informativo em 1950. Somente em 1966 que se constituiu como revista. Contava com a média de 20 páginas. Farias (2011) ressalta que a revista feminina luterana tinha a peculiaridade de conter uma coluna escrita em alemão e que não apresentava uma seção de cartas das leitoras das revistas e que, raramente, algumas cartas eram publicadas. De acordo com Farias (2011), a revista tinha intensa preocupação em divulgar o trabalho desenvolvido em todo o território nacional pela Liga das Senhoras Luteranas do Brasil. Outra característica única de *Servas do Senhor* é que tentou afastar as mulheres luteranas dos ideais feministas de modo bastante evidente.

Alvorada foi a revista que surgiu mais tardiamente no universo das organizações femininas protestantes, o que conduz a inferir, que podia ter as demais revistas como referência à sua construção. Sendo assim, é possível notar diversos pontos de aproximação entre *Alvorada* e as demais revistas femininas protestantes, tais como a periodicidade trimestral, constante em todas as revistas femininas protestantes em circulação à época, a ampla diversidade textual e a preocupação com a divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelas organizações femininas protestantes a que cada periódico estava vinculado.

Algumas características próprias das revistas femininas, não vinculadas ao universo confessional, podem ser notadas em *Alvorada*, tais como a ampla diversidade temática e de seções, que são características comuns das revistas femininas, como sinaliza Buitoni (1990).

Pode-se afirmar que a criação de *Alvorada* assim como das demais revistas femininas protestantes, podem ser ancoradas no fato de que, embora as mulheres protestantes até então, não estivessem vinculadas diretamente às estâncias decisórias das igrejas, eram portadoras de agência nestas instituições, isto é, nos dizeres de Ortner (2007, p. 37 e 38), a prática de pessoas reais interessadas, uma espécie de empoderamento que possibilita perseguir projetos em um mundo de dominação e desigualdade.

Após todas as considerações feitas até aqui, é possível notar que *Alvorada* desempenhou um papel importante na organização do trabalho feminino da IPIB, diante do avanço quanto ao seu alcance e circulação nos dez anos analisados. E, para além disso, *Alvorada* contribuiu para a consolidação do trabalho desempenhado pelas mulheres na IPIB, ao publicar textos que subsidiavam as reuniões, eventos e ações das SAS espalhadas pelo Brasil, configurando-se de fato, como instrumento de um alvorecer para as mulheres presbiterianas independentes, dando-lhes poder para encabeçar projetos no âmbito da instituição eclesiástica.

Demonstrou, ainda, ser uma revista representante de seu período histórico, pois tratava de temáticas próprias do universo das revistas femininas e das revistas femininas protestantes instituídas à época, isto é, as décadas de 1960 e 1970, tais como o cuidado com os filhos, receitas culinárias, organização da casa, temas estes, próprios das revistas femininas, conforme Luca (2016), acrescidos de outros temas que são comuns às revistas protestantes, como exemplos de mulher cristã, devocionais e estudos bíblicos¹⁹. Entretanto, a temática sexual, que era uma daquelas abordadas nas revistas femininas nas décadas de 1960 e 1970, não é abordada nestas décadas nas revistas femininas protestantes, tampouco em *Alvorada*.

¹⁹ Esses aspectos serão aprofundados no capítulo 2 desta dissertação.

2 AS SINGULARIDADES DE *ALVORADA*

ALVORADA
Novo dia que nasce,
Toque de clarins,
Gotas de orvalho que brilham,
Pássaros que cantam, flores que se abrem.
Como é linda a Alvorada!

Alvorada revista,
Novo dia, cheio de esperanças,
São seus artigos para nós. [...]
(ALVORADA, 1978, p. 14)

Alvorada, palavra dotada de um significado aparentemente simples, a primeira claridade do dia, como considerada pela autora do poema publicado pela revista em sua edição comemorativa de dez anos da revista, e que surge anunciando um novo tempo para o trabalho feminino na Igreja, entretanto não somente neste sentido, seu título pode ser concebido como um despertar das mulheres para assumirem papéis como protagonistas em âmbito eclesial, como se procurou demonstrar neste capítulo.

De fato as décadas de 1960 e 1970 se configuraram como um período de muitas mudanças com relação aos papéis desempenhados pela mulher na sociedade. Um alvorecer para

a mulher não só do ponto de vista eclesiástico, mas também em âmbito nacional. Com a intensa urbanização e industrialização vividas no Brasil neste período, a mulher passou a ser visível em diversos espaços públicos, inclusive nas universidades. O feminismo de segunda onda trazia à discussão muitos temas como os direitos ligados ao corpo e à sexualidade, igualdade entre homens e mulheres com relação ao mercado de trabalho e educação e outras reivindicações. Na esteira destas discussões, discutia-se também, nas instituições eclesiásticas qual seria o papel da mulher cristã, tanto que em 1967, *O Estandarte* (1967d, p.6) noticia que a IPIB estava enviando duas mulheres para o Uruguai a fim de participarem de uma consulta sobre o papel da mulher cristã na igreja e na sociedade latino-americana.

É neste momento, de grandes mudanças em diversos âmbitos, que *Alvorada* começou a ser publicada. Este capítulo busca apresentar a revista em seus aspectos estruturais-formais e temático-conteudísticos, identificando as suas relações com a educação feminina protestante nas décadas de 1960 e 1970, e está organizado em duas partes: a primeira delas trata acerca dos aspectos estruturais formais da revista, bem como de seu conteúdo fora de seções; e a segunda apresenta cada uma das seções que compunham a revista.

2.1 *Alvorada*: formas e conteúdos

Alvorada apresentou-se do seguinte modo desde a sua publicação em 1968. Era impressa com capas coloridas, seu miolo em papel jornal, utilizando apenas tinta preta, com algumas, poucas fotografias, apresentando muitos textos, com fontes pequenas, distribuídos entre as 32 ou 36 páginas da revista. Quanto ao seu tamanho, desde a sua criação em 1968, até o último número publicado em 1975, apresentava o formato de 16 centímetros de largura por 23 de altura e, a partir do ano de 1976, seu tamanho aumentou, passando a ser apresentada no formato de 18 centímetros de largura por 26 centímetros de altura. Tal modificação foi indicada pela redatora da revista no primeiro número de 1976. “Acompanhando o progresso que se dá no mundo ‘ALVORADA’ não poderia ficar parada, sem provar que também está crescendo. Por isso, aparece hoje em sua nova apresentação, sem entretanto mudar o seu conteúdo, que já era bom e assim continuará, se Deus quiser.” (ALVORADA, 1976, p.3).

Com relação aos aspectos estruturais-formais, isto é, diagramação, tamanho, quantidade de páginas, cores utilizadas, capa, papel de impressão, são grandes as distâncias entre *Alvorada* e a imprensa feminina das décadas de 1960 e 1970. Enquanto as revistas femininas publicadas entre 1960 e 1970 eram repletas de cores, fotografias e publicidade, de modo que, segundo Buitoni (1990, p. 18), apenas “o ato de folheá-las já é um prazer”, *Alvorada*, não foi impressa

com as mesmas características, sua aparência era bastante modesta considerando as revistas femininas de ampla circulação no país.

No que se refere à autoria dos textos publicados em *Alvorada*, a grande maioria dos textos era escrito por mulheres, aproximadamente 49% dos artigos eram de autoria feminina. Os homens, em sua maioria, pastores, também contribuía para a revista, totalizando 17% dos autores dos textos publicados. Entretanto, havia um número significativo de textos, entre 1968 e 1978, em que não constava a autoria, os quais somavam 26% dos textos impressos. Estes dados indicam que *Alvorada* versava muito mais acerca de uma visão feminina, sobre o mundo da mulher, do que propriamente, de uma visão masculina. O que não significava que não eram influenciadas por eles.

Durante o seu percurso existencial, *Alvorada* passou por algumas mudanças que vão desde o nome apresentado em suas capas, até a organização a que estava vinculada na IPIB.²⁰ De acordo com a análise das capas, o nome *Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente*, permaneceu inalterado desde 1968 até o primeiro número de 1976. O nome da revista passou a ser *Alvorada feminina* tanto nas capas como na ficha catalográfica a partir da revista número 3 de 1976.

As capas eram compostas em papel couchê semibrilho de 120 miligramas, coloridas com até três cores, desde a segunda edição.²¹ Somente a partir de 1972 é que as capas passaram a ser produzidas com mais cores, ora com desenhos, ora com fotografias. Quanto às ilustrações de capa, não havia uma regularidade, como demonstrado no Quadro 6.

Quadro 6 – Descrição das capas

Ano de publicação	Descrição das capas
1968	Duas cores: azul e preto. Fotografia panorâmica do Rio de Janeiro. Logotipo da revista em vermelho escuro.
1969a	Duas cores: azul e vermelho. Propaganda com o logotipo do II Congresso Nacional e Senhoras. Não havia um logotipo da revista. Alvorada está escrito em letras vazadas brancas e azuis no alto e centro da página.
1969b	Não tem a primeira capa, está suprimida.
1970	Três cores: fundo azul com a fotografia do Seminário Teológico de São Paulo estampada em preto. Logotipo da revista em vermelho.
1971a	Três cores: azul, amarelo e preto. Desenho de ave com um calhamaço de livros amarrados em seu bico, derramando estes livros sobre o mapa do Brasil. Logotipo da revista em azul.

²⁰ Em período posterior à análise desta dissertação, a saber em 1987 *Alvorada* passou a ser dirigida a toda a família, tendo sido a Confederação de Mulheres dissolvida e integrada ao Departamento de Forças Leigas da IPIB. Após uma reformulação em 2014, a revista passou a se chamar *Revista Vida & Caminho Alvorada*.

²¹ Não obtive, até o momento, a primeira edição da revista. No acervo consultado tenho acesso a partir da revista de número 2 de 1968.

1971b	Três cores: branco, vermelho e verde. O fundo é vermelho, a palavra natal é repetida diversas vezes na cor verde distribuída de tal forma que se assemelha a uma árvore natalina, com velas e uma estrela na ponta em branco. Logotipo da revista no canto esquerdo superior em verde.
1972a	Seis fotografias da cidade de Londrina, cidade do estado do Paraná que sediaria o III Congresso Nacional de Mulheres da IPIB. Logotipo da revista centralizado na borda superior.(Não é possível identificar as cores. O exemplar é uma cópia em preto e branco)
1972b	Capa com a pintura de uma mãe, com o rosto junto ao do seu bebê. Capa com as cores: pêssego, laranja queimado, azul em dois tons, vermelho, verde e rosa. Logotipo de Alvorada em cor-de-rosa.
1972c	Capa colorida. Há um mapa do Brasil em verde ao centro, ao fundo a capa está dividida em oito partes, a partir do centro, em cada parte há uma fotografia: matas, florestas, palmeiras, Brasília, terra arada, flores, outras duas relativas à siderurgia. Sobreposta a estas imagens está a frase: Brasil, uma Alvorada de 150 anos. Logotipo de Alvorada no canto inferior direito. Em cor-de-rosa.
1973a	Fotografia de um vale em um entardecer, em preto e tons de um laranja avermelhado No alto da capa está o versículo "... eu sei que o meu redentor vive..." Jó 19:25. O logotipo da revista está em rosa.
1973b	Capa colorida. Tem como fundo o globo terrestre, com foco no mapa político da América Latina, sobreposto por várias mãos femininas, com unhas feitas, segurando os nomes de diversas revistas Evangélicas Femininas do Brasil: <i>Visão missionária</i> , <i>SAF em revista</i> , <i>Voz Missionária</i> , <i>Vida Cristã</i> , e <i>Alvorada</i> .
1974a	A capa de fundo azul claro, traz a pintura de duas mãos unidas em forma de concha, onde está posto um vaso de duas alças laterais em tons de amarelo. Na margem inferior consta os seguintes dizeres "... Ele mesmo vos aperfeiçoará..." I Pedro, 5:10. Logotipo de <i>Alvorada</i> em rosa no canto superior esquerdo.
1974b	Em um fundo amarelo, há uma mão posta sobre a Bíblia, sobreposta a esta imagem, escrito com letras brancas está a frase: "Senhor: para nós jovens, a tua palavra basta, ela é a verdade." Logo abaixo está escrito com letras pretas: "XI Congresso Nacional da mocidade Presbiteriana Independente do Brasil – Londrina – 24 a 28 de junho de 1974". O logotipo da revista em preto está no canto inferior esquerdo.
1974c	A capa está dividida em sete retângulos nas cores: azul marinho, rosa, vermelho, laranja, amarelo e violeta. Diversos símbolos natalinos estão distribuídos na página: boneco de neve, coração, barco, estrela, árvore e anjo. A expressão "Boas Festas", está escrita em vermelho, em diferentes idiomas. O logotipo de <i>Alvorada</i> apresenta-se no canto direito inferior, sobreposto a um retângulo rosa, em preto.
1975	Sobreposto ao fundo vermelho está a silhueta de um casal em frente à um portal semelhante a uma igreja. Abaixo está escrito em preto: "Junho, mês do acolhimento espiritual". O logotipo da revista está em branco, no canto superior esquerdo.
1976a	Há uma faixa amarela na parte superior da capa. À esquerda está o logotipo da revista em preto. Alinhado à direita a frase "O evangelho que liberta" também em preto. Abaixo há uma pintura alusiva a um sol, nas cores amarelo, laranja, vermelho, vermelho escuro em degradê, com arames em preto como que arrebitados.
1976b	Sob um fundo alaranjado, no canto esquerdo escrito em preto está o logotipo Alvorada feminina. No centro um cata-vento estilizado com fotografias de vários homens exercendo profissões diferentes: agricultor, pesquisador, construção civil, operador de máquinas.
1976c	Sob um fundo preto, figura ao canto esquerdo o logotipo da revista em branco, com destaque o título "Dia dos Pais", também em branco. Ao centro sob um formato circular está a fotografia de uma criança branca e loira, de no máximo dois anos, olhando para cima, na direção de uma camisa masculina.
1976d	Sob um fundo laranja, no canto esquerdo está o logotipo de <i>Alvorada</i> em preto. No centro figura uma árvore de natal, onde as bolas de enfeite, são fotografias de crianças em preto e branco.
1977a	Como fundo está a fotografia de um vitral de igreja. Sobreposta a esta imagem, está a mão de um homem segurando uma bandeja de Santa Ceia. Em toda a margem direita, sob um pano de fundo rosa está escrito " <i>Dia do presbítero 27 de março</i> ". O Logotipo de <i>Alvorada</i> está em branco no canto superior esquerdo.
1977b	Sob um verde, está a silhueta de um índio carregando arco e flecha em preto, no alto da página está escrita a frase "Dia do índio" e no canto inferior direito o logotipo de <i>Alvorada</i> em preto.

1977c	No centro da página há uma ilustração de uma carriola em cestaria, cheia de flores coloridas, sobreposta a um fundo azul bebê. O logotipo de <i>Alvorada</i> está em preto no canto superior direito,
1977d	Ilustração colorida de duas crianças loiras de mãos dadas e sorridentes, que ocupam praticamente toda a capa. No canto superior esquerdo, está o logotipo de <i>Alvorada</i> em preto e no rodapé da página figura a citação bíblica. Ensina a criança no caminho em que deve andar e ainda quando for velho não se desviará dele. (Provérbios 22.6)
1978a	A capa é o cartas de divulgação do VI Congresso Nacional das Senhoras Presbiterianas Independentes, título que consta no alto da capa em preto, com letra em caixa alta, o fundo é azul bem forte com uma cruz em cinza no centro. No meio está a silhueta de um grupo de mulheres enfileiradas de mãos unidas levantadas ao alto nas cores branca, amarela, rosa e preta. Ladeadas pelos dizeres: Curitiba Paraná – De 1 a 5 de Fevereiro, sustentadas pela frase “Crescendo Unidas em Cristo” 1978.

Fonte: ALVORADA (1968, 1969a, 1969b, 1970, 1971a, 1971b, 1972a, 1972b, 1972c, 1973a, 1973b, 1974a, 1974b, 1974c, 1975, 1976a, 1976b, 1976c, 1976d, 1977a, 1977b, 1977c, 1977d, 1978.)

As capas foram utilizadas para diversos fins, conforme se nota no Quadro 6. Por meio delas eram divulgados congressos de mulheres e de jovens, as capas também demonstravam relação com datas comemorativas do trimestre de publicação. Algumas vezes no interior da revista havia explicações da razão de ser da capa daquele trimestre. Outra característica a se destacar é o predomínio do uso da cor rosa para estampar o logotipo da revista, provavelmente fazendo alusão aos aspectos femininos da revista, uma vez que tradicionalmente a cor rosa é vinculada à mulher. Desse modo, desde as capas é possível observar a busca pela educação da mulher presbiteriana independente.

Inicialmente é possível notar a publicação de fotografias de algumas localidades, as quais estavam presentes nas capas de *Alvorada* nos anos de 1968, 1970, 1972a e 1972c, de acordo com o Quadro 6, com a finalidade de propiciar inicialmente um conhecimento visual de diferentes localidades brasileiras, complementado, por informações acerca destes locais, no interior da revista. Conforme Mira (2001, p. 42) havia entre as revistas existentes à época, uma preocupação em exaltar as características do Brasil, nas palavras da autora “uma idéia fixa: a de ‘descobrir e mostrar o Brasil ao leitor brasileiro’.” O sentimento nacionalista e de exaltação da nação, é percebido em várias capas da revista até o ano de 1972. A partir de 1973, as capas passam a apresentar as temáticas das datas comemorativas referentes ao trimestre daquela edição, ou referentes a eventos promovidos pela Confederação Nacional de Senhoras ou com auxílio dela. Estas características evidenciadas nas capas, isto é, o sentimento nacionalista e a valorização das datas comemorativas, indicam um relacionamento direto com o ideário da ditadura militar instituída no Brasil²². Nota-se a preocupação em ensinar à mulher presbiteriana

²² Rezende (2013) destaca que o regime político ditatorial brasileiro, enaltecia alguns valores presentes na sociedade brasileira, tais como: patriotismo, anti-comunismo, não-antagonismo, integração, disciplina e outros.

o que era o Brasil em seus diversos aspectos, fosse acerca das suas cidades, ou em relação às datas cívicas; bem como em divulgar os eventos dirigidos à mulher ou que necessitariam do auxílio dela para que se efetivassem, tal como o caso da capa de 1974b, que apresenta o Congresso da Mocidade, com a provável finalidade de que as mulheres incentivassem seus filhos moços a participarem, bem como, a de divulgar o que estava sendo feito pela mocidade em âmbito da Igreja Nacional.

Ainda em observação ao Quadro 6, é interessante notar que o design do logotipo da revista fazia alusão ao Palácio da Alvorada²³ visto que era muito semelhante à sua fachada como bem se pode observar nas Figuras 2 e 3. Não existem explicações evidentes nos números consultados para esta relação, entretanto pode-se inferir que havia uma preocupação com o governo político instituído à época de criação da revista, assim como manifestações de apoio ao governo, visto que os números da revista publicados no terceiro trimestre do ano de 1969, traziam em seu conteúdo questões relacionadas à pátria: “Em boa hora nosso governo faz voltar o ensino de ‘Educação, Moral e Cívica (sic!) nas escolas. É assim que vultos nacionais, datas históricas serão lembrados, festejados como merecem e à posteridade convém.” (ALVORADA, 1969, p. 11).

Figura 2 - Logotipo de Alvorada



Fonte:

ALVORADA, 1972, capa

Figura 3 – Fachada do palácio da Alvorada em Brasília



Fonte:

<https://casavogue.globo.com/Interiores/casas/noticia/2016/08/conheca-o-palacio-da-alvorada.html>

Sobre o logotipo nota-se que até a edição de 1974a, ele aparecia predominantemente na cor rosa, em provável relação com o universo da mulher, conforme destacado. Contudo a partir da edição de 1974b até a de 1978, o logotipo aparece sempre em preto ou em branco,

²³ O Palácio da Alvorada é considerado a residência oficial do presidente da república brasileiro. Foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e construído em 1957.

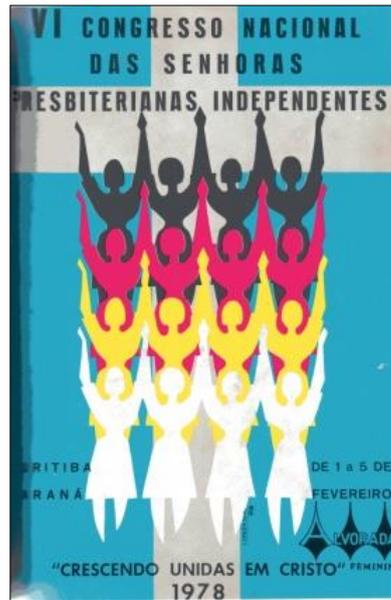
dependendo da cor do pano de fundo, cores consideradas neutras, o que pode indicar que as mulheres protestantes estavam passando pela busca de serem consideradas pela instituição eclesiástica, como iguais aos homens.

Esta busca por reconhecimento de igualdade, pode ser confirmada por alguns dados do período. Campos (2003, p. 99) relata que

[...] após o Congresso de 1972, surgiu o primeiro documento oriundo da Confederação Nacional de Senhoras pedindo a ordenação de mulheres aos presbiterato, cujo fator desencadeante deve ter sido a visita de uma presbítera norte-americana como delegada enviada para participar do Congresso de Senhoras.

Rohden (1997, p. 54) destaca que a possibilidade de ordenação das mulheres protestantes foi um processo iniciado na década de 1970. Estas informações reforçam a ideia de que havia uma crescente busca das mulheres presbiterianas independentes por reconhecimento do seu trabalho, bem como a ideia de formação das mulheres como um exército, ao se observar também a capa de 1978, conforme a Figura 4.

Figura 4 – Capa de Alvorada de 1978



Fonte: (ALVORADA, 1978, capa)

É possível notar na Figura 4, a imagem de mulheres enfileiradas com mãos unidas ao alto, o que remete à noção da sororidade²⁴ estabelecida pelas mulheres presbiterianas independentes, bem como a possíveis lutas que estavam sendo travadas por elas enquanto um grupo de apoio feminino estabelecido.

As contracapas apresentavam em sua maioria grande diversidade de composições sem um padrão quanto ao seu conteúdo ou diagramação, até o ano de 1975, contudo a partir de 1976, todas as contracapas são compostas por um artigo ou texto informativo, como é possível verificar nas informações contidas no Quadro 7.

Quadro 7 – Conteúdo de contracapa

Ano de publicação	Conteúdo da contracapa
1968	Poema: Prece pelos lares, sem referência de autoria.
1969 ^a	Não tem a primeira capa, está suprimida.
1969b	Artigo intitulado: Ensino Formal. Versa sobre a importância da Escola Dominical ser organizado de modo sistemático. Autoria de Walter José Faustini.
1970	Artigo intitulado: O suave bálsamo da palavra amiga. Autoria de Faith Baldwin. Nota no final do artigo: colaboração de Iby Alves Corrêa Lotufo.
1971 ^a	Poema intitulado: O Presbítero. Autoria de Ílbia Jansen Cintra Damião.
1971b	Reflexão Bíblica intitulada: Aqueles que olhavam para o céu. Assinado por T.K.
1972 ^a	Artigo intitulado: Londrina. Versa acerca da cidade paranaense, em referência à capa da revista. Autoria de Nilze Ferreira Themudo Lessa.

²⁴ Compreende-se por sororidade, conforme Bernardes (2016), uma aliança estabelecida entre mulheres que tem por fundamento a empatia, irmandade e companheirismo. Tal aliança é baseada no empoderamento mútuo, para combater e eliminar as diversas formas de opressão perpetuadas pelo patriarcado.

1972b	Reflexão bíblica nomeada: Mais perto de Cristo. Escrita por Alice Pereira A. Camargo
1972c	Reflexão bíblica nomeada: Nossa Pátria. Está relacionada à capa da revista. Não consta autor.
1973 ^a	Propaganda da Câmara da Literatura Evangélica (CLEB). Convite para tornar-se sócio.
1973b	Propaganda do Colégio Couto Magalhães localizado em Anápolis Goiás. Traz referências e endereço.
1974 ^a	Apresenta o calendário comemorativo anual. Com orientações, destacando trabalhos que as SAS devem desenvolver durante o ano.
1974b	Artigo intitulado Dia a Dia com Deus. Versa acerca de orientações para o devocional diário. Autoria de Lysias de Oliveira dos Santos.
1974c	Propaganda de fábrica de bancos para as Igrejas.
1975	Propaganda de fábrica de bancos para as Igrejas.
1976a	Artigo intitulado: Profissão de Fé de Helen Keller. Ao fim da página aparece a seguinte observação: Esta página aparece no livro de N. V. Peale “Treasure of Courage and Confidence”. Tradução de M.S.T.
1976b	Artigo sobre o escotismo e sua origens, intitulado Baden Powel e o escotismo.
1976c	Texto intitulado “Prece” traduzido do árabe por Seme Draibe
1976d	Texto sob o título Paz na terra! De Maria de Oliveira. Tem a ilustração de uma anjo com uma trombeta de onde sai a palavra PAZ.
1977 ^a	Paz é amor, paz é perdão é o título do artigo impresso. Autoria de Isabel Migliorini
1977b	Artigo intitulado “Carta a D. Cacilda Ferraz” por Delci Esteves dos Santos. É uma carta endereçada a senhora do título, visto que a mesma teria sido tomada como refém em um assalto a banco. Esta senhora era membro da 1ªIPIB de São Paulo.
1977c	Artigo “Uma canção”, escrito por Abigail Bolsanelli.
1977d	Artigo “Natal”, escrito por Maria Amélia Severiano.
1978a	Artigo “Oração”, de autoria de Maria de Lourde Souza.

Fonte: ALVORADA (1968, 1969^a, 1969b, 1970, 1971^a, 1971b, 1972^a, 1972b, 1972c, 1973^a, 1973b, 1974^a, 1974b, 1974c, 1975, 1976^a, 1976b, 1976c, 1976d, 1977^a, 1977b, 1977c, 1977d, 1978.)

Embora a contracapa fosse utilizada para diversos fins, o caráter educativo da revista pode ser identificado a partir de sua análise e tido como predominante, visto que das contracapas analisadas, dezesseis delas apresentam artigos ou reflexões bíblicas com conteúdo instrucional, utilizando os verbos no imperativo, como se demonstra no Quadro 7.

Caras irmãs, peçamos a Jesus neste ano, que Ele abra mais os nossos olhos e que possamos ver melhor. [...] vejamos esta pátria tão longe de Cristo; contemplemos o mundo que se degladia; vejamos a infância abandonada; os adolescentes e os jovens atirando-se no lodo do pecado. Que vejamos os que estão presos, os pobres, os tristes, os enfermos, os famintos... que neste novo ano possamos viver mais perto de Cristo. Que vivamos mais para o próximo, que procuremos crescer na vida espiritual. Peçamos a Deus: ‘Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da Tua lei.’” (ALVORADA, 1972, contracapa)

Conforme a citação acima, é imperativo que as leitoras não somente se preocupassem com os diversos problemas sociais destacados no artigo, tais como: a infância abandonada, presos, pobres entre outros, assim como em se desenvolver espiritualmente ao cuidar do próximo e buscando a Deus em oração. Interessante notar que a visão acerca da sociedade brasileira, não era de nenhum modo positiva, as leitoras estavam sendo desafiadas não somente a observá-los, antes sim, eram convidadas a agir para a superação destes problemas destacados,

o que era considerado como característica de uma mulher que andava mais “perto de Cristo”. Fica em evidência o convite às mulheres para assumirem protagonismo social.

Um dos objetivos da revista que também pode ser percebido a partir da análise da contracapa, é o de instruir as sócias da SAS quanto aos trabalhos que deveriam ser desenvolvidos na igreja no percurso anual; em uma das contracapas aparece o calendário anual comemorativo²⁵, com instruções para o trabalho feminino daquele ano. Deste modo, a cada trimestre, eram publicados textos que deveriam servir para a elaboração de comemorações para as datas publicadas no calendário anual. Assim, por exemplo, na publicação que abrangia o mês de abril, maio e junho, constavam textos referentes ao dia do índio, dia das mães, dia do trabalho, mês da família, dia do ensino teológico; na publicação do quarto trimestre anual, a saber, os meses de outubro, novembro e dezembro, havia textos que versavam acerca do dia das crianças, dia da Bíblia e do Natal e, assim, seguiam-se textos que contemplavam as comemorações a cada trimestre.

A revista *Alvorada* também apresentava conteúdo publicitário, nos 16 volumes analisados, foram encontrados 24 textos publicitários, dos quais 11 deles eram acerca de livros, inclusive livros de uso direto da SAS, como manuais de educação cristã para crianças e manuais de organização das federações. É interessante notar a publicação de quatro notas de divulgação de institutos educacionais de ensino bíblico, que funcionavam em regime de internato.

Figura 5 – Propaganda de livros em

Alvorada

Seja um Estudante Fiel a sua Fé!



Os Dons do Espírito Santo

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO
por Gordon Chown

Um estudo dos Dons do Espírito Santo que demonstra como o aspecto milagroso percorre tôdas as páginas do Antigo e do Novo Testamento. Demonstra também como os milagres do N.T. se enquadram dentro dos nove dons do Espírito Santo.

1.ª edição — 129 páginas
Cr\$ 5,00

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DAS RELIGIÕES por Jorge B. Stella

Veja como a religião se desenvolveu através dos séculos da história humana. Fique conhecendo as afirmações básicas das religiões. O autor escreve sobre o assunto de modo resumido e simples.

165 páginas
Cr\$ 10,00

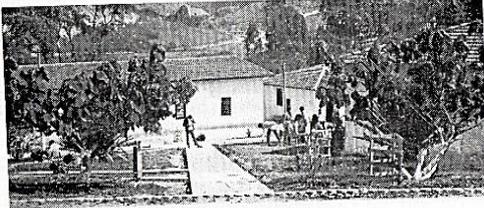


INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DAS RELIGIÕES

Faça seu pedido destes livros importantes à: IMPRENSA METODISTA, Caixa Postal, 8051, São Paulo, Capital, pelo Reembolso Postal, ou compre-os na livraria evangélica mais próxima!

²⁵ Os calendários nacionais eram publicados no primeiro volume de cada ano, às vezes na contracapa, outras vezes na terceira capa da revista.

INSTITUTO EDUCACIONAL
JOSÉ MANUEL DA CONCEIÇÃO
JANDIRA — E. F. S.



A Escola que você está procurando para seu filho

CURSOS: Jardim — Pré-Primário — Primário — Ginásio — Clássico — Científico — Normal — Escola de Música Sacra — Instituto Bíblico para o preparo de Obreiros Leigos, Missionários e Evangelistas.

A partir do próximo ano, junto com o curriculum ginásial e colegial, funcionarão obrigatoriamente os seguintes cursos: Música Sacra (Instrumentos, regência, etc.), Obreiros Cristãos ou Educação Religiosa, Línguas.

Um plano de educação completa:
Cultura Intelectual,
Cultura Musical,
Cultura Bíblica,
Cultura Especializada em Línguas.

Para maiores informações dirigir-se a:
REV. ARMANDO GONÇALVES
Caixa Postal, 33
BARUERI — E. F. S.
Estado de São Paulo

Fonte: ALVORADA, 1971a, p.15.

Figura 6 – Propaganda de Instituto Educativo

Fonte: ALVORADA, 1969a, contracapa.

Estes dados, referentes à publicidade são indicativos de duas preocupações contidas no interior da revista: a primeira com a configuração da instrução da mulher cristã por meio da leitura de literatura com conteúdo cristão e a preocupação com a formação das crianças e dos jovens, ao indicar instituições cujo currículo versava acerca dos conteúdos bíblicos, conforme a Figura 6.

Para além da publicidade contida em *Alvorada*, o miolo da revista era constituído por textos que não estavam organizados em seções, e por textos organizados em seções específicas. Os textos fora de seções seguiam uma ordem de acordo com as datas que deveriam ser comemoradas naquele trimestre, conforme o calendário proposto pela confederação. Já os

textos organizados em seções, embora, pudessem ser utilizados nas datas comemorativas e ou eventos propostos pela Confederação, tinham outros objetivos ao serem publicados.

2.2 Os textos sem seções de *Alvorada*

Como destacado, grande parte dos textos contidos em *Alvorada* não estavam distribuídos em seções. Foram identificados 427 textos nesta condição, cujos gêneros textuais podem ser organizados em: artigos, poemas, jograis, estudos bíblicos, campanhas e relatórios da confederação, sugestões de programas para datas comemorativas, narrativas, crônicas, biografias, partituras musicais, notas e entrevistas, conforme consta no Quadro 8.

Quadro 8 – Gêneros textuais fora de seções

Ano de publicação	artigo	poema/jogral	estudo bíblico	programa para datas comemorativas	crônica	biografia	entrevista	partitura	campanhas e relatórios das SAS	notas e frases de inspiração
1968	4	1				1		1	2	
1969a	12	3	-	2	-	2	-	-	1	1
1969b	7	2	1	1		1		1	1	1
1970	12	3	-	-	-	-	-	-	2	1
1971a	3	3	1	3	3	-	-	-	2	1
1971b	9	7	5		8		1		2	1
1972a	8	1	6	1	-	-	1	-	4	1
1972b	7	1	3	1					2	
1972c	9	-	2	-	-	-	-	-	3	7
1973a	12	5	6	1	2	-	1	-	-	4
1973b	13	5	4	2	5	-	-	-	7	-
1974a	8	7	5	2	5	-	1	-	7	-
1974b	9	3	8	1	1	-	-	-	-	2
1974c	19	10	10	2	-	1	-	-	4	1
1975	9	8	9	1	8	-	-	-	7	1
1976a	8	13	9	1	3	1	-	-	7	1
1976b	6	14	1	1	2	-	-	-	3	1
1976c	11	12	10	1	3	-	-	1	1	8
1976d	9	4	6	2	4	-	-	1	3	5
1977a	10	16	-	5	7	-	-	1	3	4
1977b	9	11	5	3	6	-	1	1	3	-
1977c	8	20	7	1	4	-	-	2	2	1
1977d	5	13	6	3	7	2	-	1	4	-
1978a	15	11	3	-	5	-	-	-	5	-
Total	222	162	107	34	73	8	5	8	75	41

Fonte: ALVORADA (1968, 1969a, 1969b, 1970, 1971a, 1971b, 1972a, 1972b, 1972c, 1973a, 1973b, 1974a, 1974b, 1974c, 1975, 1976a, 1976b, 1976c, 1976d, 1977a, 1977b, 1977c, 1977d, 1978.)

Em análise ao Quadro 8, é possível notar a predominância da publicação de 222 artigos, que tratavam de diversas temáticas diferentes, dos quais: 36 dos artigos versavam sobre educação de filhos; 37 tratavam diretamente do comportamento da mulher; 45 tinham em seu conteúdo padrões de comportamento cristão sem um gênero indicado e outros 104, contemplavam outras temáticas. Acerca destes dados apresentados pode-se inferir que a preocupação em instruir a mulher presbiteriana como mãe, era uma das tônicas da revista, visto que, um número significativo destes artigos tratava da temática de educação da criança e do adolescente, os quais apresentavam informações sobre psicologia da criança, ou exemplos bíblicos de como ensinar:

Castigar sem justificar é um erro e a culpa, geralmente não é das crianças. Não é com palmadas, gritos e brutalidades que se educa um filho. A criança tem um espírito de observação muito apurado e intimamente muito condena aqueles que não lhe dão a devida atenção. Não bata nos seus filhos e nem grite com eles! Explique-lhes a razão das coisas para que eles possam discernir entre o bem e o mal e se tornem verdadeiros homens úteis ao próximo. (ALVORADA, 1971b, p.19)

A Dra. Margarida Med observou que, em Arpech, na Nova Guiné, a menina de 12 anos e o menino de 13, já estavam perfeitamente integrados em seu mundo, como adultos, com família organizada. Isso não acontece nas culturas de nível mais elevado; atingir a maturidade intelectual, social ou emocional. No mundo civilizado, quando o moço está apto a fundar um novo lar? Com quantos anos ele se forma ou adquire uma situação financeira estável? Quando enfim ele atinge a maturidade? (ALVORADA, 1973a, p.5)

Interessante notar que entre os textos escolhidos pela editora para integrar o miolo da revista havia uma referência a uma antropóloga americana, como é o caso da citação acima, na qual há um comentário acerca de Margarida Med, na verdade a editora traduziu o nome de Margareth Mead, uma expoente nos estudos sobre cultura e sexualidade nos anos de 1930. Sendo assim, é possível inferir que a instrução apresentada pela editora da revista pretendia se basear em conhecimento científico, o que evidencia um cuidado com os textos compartilhados, procurando aqueles que tivessem um conteúdo científico que pudesse ser compatibilizado com os preceitos bíblicos. Entretanto, é necessário considerar, que o estudo citado já havia sido publicado, ao menos três décadas antes da edição da revista, o que não desmerece a sua validade

visto que os estudos de Margareth Mead são referências no tocante aos estudos antropológicos.²⁶

A mulher/mãe é um dos sentidos que recebem maior destaque nos textos escritos para a mulher, desde os títulos dos artigos esta atribuição já era visível, o que fica ainda mais evidente no conteúdo dos textos. Além disso, soma-se o fato de que, havia um número significativo de artigos direcionados à educação de filhos, que totalizavam 36 textos, de modo que, apenas cinco dos 24 volumes analisados, não tratavam do assunto. Isto indica que, educar a mulher/mãe era uma das prioridades da revista. É importante ressaltar que esta atribuição de mãe para a mulher casada, era comum entre os anos de 1960, como afirma Pinsky (2016, p. 491), “A chegada do bebê não só confirmava o sucesso do casamento, mas o êxito da mulher em cumprir seu ‘destino natural’.”

A preocupação com o ensino da mulher para a execução de sua tarefa materna, presente de modo significativo nos textos publicados em *Alvorada*, pode estar relacionada a dois fatores. O primeiro deles pode ser a crise estabelecida pela UMPI no início da década de 1960 na organização interna da denominação, ao estar diretamente ligada ao movimento estudantil universitário brasileiro de resistência ao governo militar instituído à época, conforme já relatado no capítulo anterior, o que também traz pistas quanto à necessidade da criação de *Alvorada*. Diante da preocupação iminente com a “rebeldia dos jovens”, em diversos números da revista são publicados artigos relacionados à educação do adolescente, especialmente no ano de 1973, há uma série de artigos intitulada, “Nossos adolescentes”, escritos por uma professora, nos quais ela procura dar dicas acerca das causas para os problemas dos adolescentes. Entre as causas destacadas está a privação do carinho maternal ocasionado pela falta da mulher em casa em decorrência da sua ausência para o desenvolvimento da vida profissional.

Vamos ser sinceras e corajosas para reconhecer se estamos fazendo a vontade de Deus, ou se estamos fazendo a nossa vontade. Será que precisamos deixar os nossos filhos nas mãos de empregadas para que essas os eduquem como sabem, ou como, podem, com a ajuda da “babá eletrônica”, a televisão, que prega a toda a hora, a malícia, a imoralidade e a violência? (ALVORADA, 1973a, p. 5)

A profissionalização da mulher e sua ausência para com os filhos em decorrência do trabalho pode ser considerada como outro fator que contribuiu para o grande destaque que a educação da mulher/mãe recebeu em *Alvorada*. Inclusive um dos argumentos utilizados para

²⁶ Conforme relatos do site <http://ea.fflch.usp.br/obra/sexo-e-temperamento-em-tr%C3%AAs-sociedades-primitivas>, Margareth Mead foi considerada como pioneira nos estudos de gênero.

repensar o trabalho profissional da mulher era, o questionamento se realmente era a vontade de Deus que a mulher deixasse seus filhos para que pudesse exercer a sua profissão.

Embora não se levasse em consideração a relação transcendente com o divino, o tipo de questionamento acerca da mãe que em detrimento dos filhos deveria abrir mão do exercício profissional, não era feito somente por *Alvorada*, a revista *Cláudia*, na coluna “A arte de ser mulher” também alimentava a mesma ideia acerca da mulher, segundo Pinsky

Nem mesmo a feminista mais popular dos anos 1960, Carmem da Silva, retirará dos ombros femininos a responsabilidade pelas tarefas domésticas ou proporá os compartilhamento desse trabalho entre marido e mulher; diante da necessidade de cumprir as “obrigações ingratas, miúdas e sempre iguais”, recomenda a contratação de uma empregada, o que exigirá da dona da casa “um mínimo de vigilância e orientação”. Porém não admite que as atividades fora do lar sirvam de “pretexto para a mulher negligenciar as ocupações domésticas”, largar totalmente os filhos nas mãos de babás, confiar as necessidades do marido à empregada e deixar o orçamento doméstico por conta dos fornecedores. (PINSKY, 2016, P. 502)

De acordo com Matos e Borelli (2016, p.142-145), nas décadas de 1960 e 1970, houve uma ampliação da empregabilidade feminina, bem como do acesso à escolarização e ao ensino superior, nos centros urbanos, contudo no ideário coletivo das mulheres, publicado seja em revistas femininas ou revistas femininas protestantes, estes fatores não a desobrigavam de exercer o seu papel tido como fundamental, ser mãe.

À mulher era atribuída à função de “modelar e esculpir” os seres humanos, portanto, parece que recaía sobre ela a responsabilidade pelo futuro da humanidade ao exercer sua função maternal.

Por ser mulher você está apta a ocupar um lugar especial e como tal, você é uma interessante fusão daquilo que é o ideal e a prática. A maior soma de confiança em todo o mundo é colocada nas mãos da mulher. Como mãe ela é responsável para modelar e esculpir vidas humanas. A sua influência não tem limites. A mãe traça caminho para as futuras gerações e, desta maneira, ela exerce decisiva influência sobre os possíveis destinos do mundo. (ALVORADA, 1969a, p.24)

A mulher como mãe, ao exercer o seu papel como educadora, é colocada em um patamar de responsável pelo futuro da humanidade. Badinter discorrendo acerca deste papel atribuído à mulher destaca que:

A educação moral é a “tarefa mais elevada” da mãe, “sua missão providencial”, “sua obra-prima absoluta”. Faz dela a criadora por excelência, “ao lado de quem o artista mais consumado não passa se um aprendiz”. Melhor ainda, governando a criança, a

mãe governa o mundo. Sua influência entende-se da família à sociedade, e todos repetem que os homens são o que as mulheres fazem deles. (BADINTER, 1985, p.258)

Diante de tão grande responsabilidade, a de fazer a humanidade, a mulher/mãe, deveria ser portadora de uma série de requisitos no exercício de sua função tida como natural, afinal, a responsabilidade pela formação humana e o destino da humanidade recaía sobre ela. Para isso, conduzida por amor e docilidade no exercício da maternidade, era preciso ensinar e disciplinar seus filhos.

A mãe é na terra a representante dos cuidados de Deus sobre suas criaturas. É lâmpada que arde para velar pelos seus filhos, sofrer por eles e com eles. Com palavras de amor e doçura levanta-nos se caímos no caminho da vida, anima-nos na derrota e encoraja-nos em nossos problemas. (ALVORADA, 1970, p. 14)

Ser mãe é tarefa sublime e árdua. Não basta nutrir o filho e dar-lhe o ambiente para que viva; é mister educá-lo, discipliná-lo, fazê-lo “um homem” ou “uma mulher”. Não é a mãe que deve fazer a vontade do filho, mas é o filho que deve acatar os conselhos construtivos da mãe. (ALVORADA, 1973, p. 8)

Esta concepção da maternidade como algo divinal, que tem como características: a abnegação, o sofrimento e a docilidade, foi uma construção histórica e social disseminada por educadores e médicos europeus ao longo dos séculos XVIII e XIX, como destaca Badinter (1985, p. 237). Segundo a autora:

As mulheres de boa vontade assumiram com entusiasmo essa nova responsabilidade, como atesta o prodigioso número de livros sobre a educação escritos por mulheres. Tornou-se consciência de que a mãe não tem apenas uma função “animal”, competindo-lhe também o dever de formar um bom cristão, um bom cidadão, um homem, enfim, que encontre o melhor lugar possível no seio da sociedade. O que é novo é o fato de ser ela considerada a mais indicada para assumir esses encargos. É a “natureza” que lhe atribui esses deveres. (BADINTER, 1985, p. 237)

Embora esta concepção de mulher/mãe, já fizesse parte do inconsciente coletivo, *Alvorada* destaca e reafirma esta concepção divinal da maternidade, provavelmente, em decorrência do aumento significativo do ingresso das mulheres no trabalho fora do ambiente do lar. Matos e Borelli (2016, p. 142), destacam que “[...] a partir da década de 1960, a empregabilidade feminina crescerá de forma sistemática tornando-se constante, intensa e diversificada”. Deste modo, exaltar a maternidade parecia ser uma reação ao crescimento do número de mulheres que estavam imersas em ocupações profissionais, deixando em segundo plano, ou terceirizando para as babás a tarefa maternal.

Outro sentido atribuído à mulher, no conteúdo de *Alvorada*, é o de esposa. Ser mulher/esposa era inerente à mulher/mãe, pois o casamento era a condição necessária para que isso se efetivasse, de modo que maternidade só era tida como possível, se concebida no casamento. De acordo Pinsky (2016, p.486), este ideal feminino perdurou, como um modelo inalterável durante a primeira metade do século XX. Bevaour (1967, p. 165) destaca que o casamento era o destino tradicionalmente proposto à mulher, e que “em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser”. Para uma mulher, não ser casada era sinônimo de fracasso e vergonha, logo era estigmatizada como “solteirona”. Pinsky (2016, p. 490) destaca que ainda nas décadas de 1960 e 1970, “As ‘solteironas’ são dignas de pena; mulheres incompletas, que falharam em cumprir a vocação feminina.”

Na revista, ser esposa não recebeu grande destaque entre os papéis atribuídos à mulher, provavelmente pelo fato de que havia uma construção hegemônica do que era o papel de esposa. Em *Alvorada* são publicados apenas quatro textos, no *corpus* documental estudado, que fazem referência a esta condição, sendo que, apenas um texto é direcionado diretamente à mulher como esposa, por meio de seu título.

Você minha irmã, pode dizer que é uma bênção para seu marido? Se a resposta é duvidosa, é hora de fazer uma revisão no seu modo de viver a seu lado, na maneira de trata-lo, de cuidar de suas coisas, de ser fiel ajudadora. (ALVORADA, 1969a, p. 25)

Reconhecemos o valor da mulher em todos os setores da vida, porém, julgamos que no lar, orientando os filhos e proporcionando alegrias aos seus esposos, a mulher cristã desenvolve a plenitude de sua vocação. (ALVORADA, 1969, p.26)

Feliz é o marido que pode encontrar, e, sua companheira, o que aqui procuramos apresentar

M – ansidão; A – legria; R – esponsabilidade; I – nocência; D – edicação; O – rdem (ALVORADA, 1975, p. 15)

Na revista, ser mulher/esposa trazia outras responsabilidades para além da maternidade, como a manutenção da felicidade no casamento, afinal, ela precisava ser uma “benção” para seu esposo e proporcionar-lhe “alegrias”, e que somadas à orientação dos filhos, se revelava como a “plenitude da vocação” feminina. A mulher era responsabilizada até mesmo, pelo sucesso ou fracasso de seu esposo.

Uma mulher que não tem como centro de sua vida o Senhor pode ser uma influência maléfica na vida de um homem. Se ela souber confiar em Deus no desempenho de seu papel como auxiliadora idônea, sua influência pode levar uma homem a grandes

bênçãos, logicamente sabendo ela obedecer a ordem final do Senhor de ser **Submissa[...]**. (ALVORADA, 1976, p. 20)

A virtude da submissão aliada ao papel de auxiliar do marido, assim como a idoneidade, eram características tidas como primordiais para a manutenção do casamento, de tal modo que a negação deste papel seria a grande responsável pelo divórcio, de acordo com os textos de *Alvorada*. Em um dos textos, fazia-se menção à influência do feminismo²⁷ na década de 1970, sendo apontado como um dos responsáveis por corromper o papel natural da mulher.

Muitas de nós podemos nos deixar levar pela propaganda sutil, pelas belas falas de certos líderes de movimentos feministas que tentam, através de conceitos falsamente belos, insuflar as mulheres à insubmissão, à revolta, ao “não se conformar ao seu papel”, colocando-as em choque contra os homens. E o resultado aí está: - casamentos se desfazendo, mulheres proclamando a sua independência, utilizando o sexo como uma arma, vivendo uma vida estéril sem definições e objetivos, vazia... (ALVORADA, 1976, p. 20)

Embora a crítica à insubmissão da mulher ao seu esposo, pretensamente gerada pelo feminismo tenha ficado evidente na revista, *Alvorada* publicou textos que defendiam a igualdade entre homens e mulheres no exercício do trabalho eclesiástico e em outros setores da sociedade. Estes textos foram impressos em 1970 e 1971 e defendiam até mesmo a ordenação feminina para o exercício do pastorado²⁸.

No meu modo de entender a mulher devia ser ordenada para o sagrado ministério. Deus vocaciona a mulher para o seu serviço divino. O êxito da Igreja pode estar também nas mãos da mulher religiosa e consagrada, como sob o destino do homem chamado por Deus. Tudo depende de Deus e da sua escolha. Suscite Deus mulheres “Pastoras de almas.” (ALVORADA, 1970, p. 5)

Reforçando a ideia de ordenação pastoral feminina, foi publicada uma propaganda que tinha como seu slogan “Proibido para Mulheres”, seguida da frase “Protestamos! Proibido para mulheres? É Proibido proibir²⁹. Não estamos na Idade Média”(ALVORADA, 1971, p. 4), como

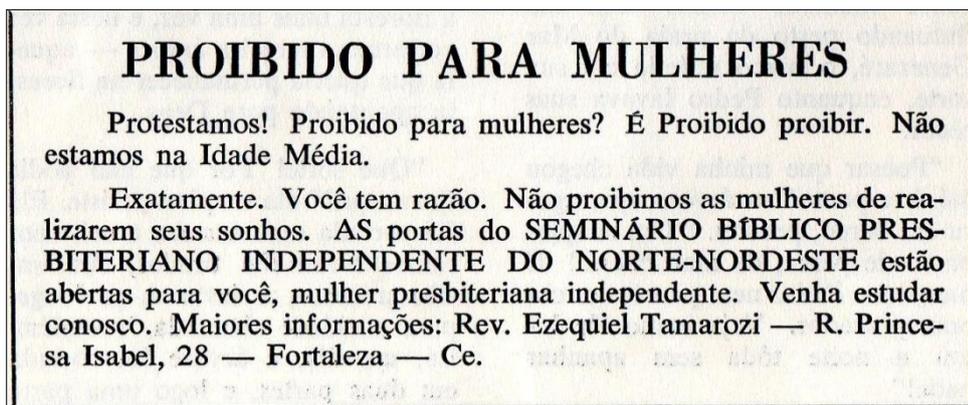
27 De acordo com Pedro (2016, p. 240, 241), o movimento feminista iniciado por volta de 1960, no Brasil, é conhecido como feminismo de “segunda onda”, no qual as mulheres desenvolviam lutas contra a opressão específica das mulheres e reivindicavam direitos para elas. Afirmava ainda que as relações estabelecidas entre homens e mulheres eram fruto de uma construção cultural e portanto podiam ser transformadas.

28 Segundo Proença (2002, p.88) até o ano de 1999 a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil ordenava somente homens para assumir o pastorado e presbiterato.

29 Interessante notar que esta frase “É proibido proibir”, foi utilizada pelos movimentos estudantis da França de maio de 1968. (SILVA, 2019)

pode ser atestado na Figura 7, incentivando as mulheres a cursarem teologia³⁰, a fim de que pudessem exercer seu trabalho eclesial de modo mais efetivo.

Figura 7 – Propaganda de curso teológico para mulheres



Fonte: (ALVORADA, 1971, p.4)

De acordo com Campos (2006, p.99), data de 1972 o primeiro documento da Confederação Nacional de Senhoras da IPIB, pedindo a ordenação das mulheres ao presbiterato, contudo esta questão foi considerada inoportuna, sendo “deixada sobre a mesa” do Supremo Concílio, conforme relato de Proença (2002, p.85). Acerca desta relação entre o feminismo e a mulher religiosa, Rohden (1997, p.56) explicita de forma bastante peculiar como se dava esta interação:

No Brasil, muitos são os depoimentos de "feministas históricas" que relatam como inconcebível na década de 1970 a convivência entre feminismo e religião. Contudo, é também no período de surgimento e auge do movimento feminista que nasce uma série de movimentos populares que seriam mais tarde responsáveis por uma forma de articulação entre pertencimento religioso e a consciência de uma identidade feminina. (ROHDEN, 1997, p.56)

³⁰ De acordo com a Constituição da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (2017), uma das exigências para a ordenação de qualquer pessoa para o exercício do ministério eclesiástico é ter cursado Teologia, em nível superior.

Dentre estes movimentos nas igrejas protestantes, estava a reivindicação pelo ministério ordenado feminino, sempre partindo do pressuposto de que homens e mulheres estão em posições igualitárias diante de Deus. Visto que, as mulheres, segundo Nunes (2005, p. 364) “[...] compõem, de fato, a maioria da população de fiéis.

Após todas estas considerações acerca dos textos publicados fora de seções em *Alvorada*, é necessário destacar que o sentido atribuído à mulher presbiteriana de maior destaque, era o da mulher que assume responsabilidades no trabalho da igreja, visto que poemas, estudos bíblicos, programas de datas comemorativas, crônicas, partituras e frases de inspiração, que juntos somavam 268 textos, tinham o objetivo principal de auxiliar a mulher sócia da SAS, a organizar seu trabalho nas reuniões da sociedade de senhoras e nas celebrações de datas comemorativas na igreja. Como já exposto anteriormente, a confederação divulgava na revista, sempre no primeiro número anual, um calendário nacional de datas comemorativas a serem celebradas por cada SAS. Deste modo, cada um dos grupos femininos deveria desenvolver trabalhos, durante todo o ano, com a finalidade de cumprir este calendário conforme a Figura 8.

Figura 8 – Calendário nacional da Confederação de Mulheres da IPIB - 1974

Calendário Nacional 1974	
IV — Congresso Nacional — Anápolis — Goiás — 30 de janeiro a 3 de fevereiro	
JANEIRO — Mês da Fraternidade Cristã 1 — Dia da Fraternidade Universal 1/7 — Semana Universal de Oração	23/30 — Semana de Oração do “31 de Julho”. 31 — Aniversário da I.P.I. do Brasil.
FEVEREIRO — Mês de “ALVORADA” — Início das Aulas. 3 — Dia de “ALVORADA”, a Revista da Mulher Presbiteriana Independente do Brasil. 10 — Dia da Mulher Presbiteriana Independente.	AGOSTO — UMPISMO NACIONAL. 11 — Dia do Papai. 15 — Dia da Confederação Nacional das Senhoras. 25 — Dia do Soldado.
MARÇO — Mês da Confraternização — Cursos de Alfabetização nas Igrejas — 2 — Dia Mundial de Oração 31 — Dia do Presbítero.	SETEMBRO — Mês das Missões. 7 — Dia da Pátria. 15 — Dia da Escola Dominical. 27 — Dia Mundial do Ancião. 29 — Dia das Missões.
ABRIL — Mês do Ensino Teológico. 14/21 — Semana da Odontologia. 19 — Dia do Índio. 21 — Dia do Seminário: Faculdade de Teologia de São Paulo; Seminário “Rev. Manoel Machado” em Fortaleza-Ceará; Instituto Bíblico João Calvino” em Arapongas-Paraná.	OUTUBRO — Mês do Evangelismo Nacional. 5 — Dia da Ave. 6 — Domingo Universal de Comunhão. 5/11 — Semana da Criança. 12 — Dia da Criança. 15 — Dia do Professor (ensino secular e Escola Dominical) 18 — Dia do Médico. 27 — Domingo Mundial de Temperança. 27 — Dia do Pastor (último domingo do mês). 27 — Dia Nacional de Vocações (último domingo do mês). 31 — Dia da Reforma do Século XVI.
MAIO — Mês do Lar. 1 — Dia do Trabalho. 2/8 — Semana do Lar. 12 — Dia das Mães. 19 — Dia de “O ESTANDARTE”. 26 — Dia de BETEL — LAR DA IGREJA.	NOVEMBRO — Mês das Eleições. 2 — Dia de Finados. 19 — Dia da Bandeira. — Dia Nacional de Ação de Graças. — Advento (início). — Eleições nas Sociedades internas.
JUNHO — Mês do acolhimento Espiritual. — Culto Doméstico. — Grupos de Orações. — Vigílias. — Reconsagração. 3 — Dia Mundial das Comunicações Sociais.	DEZEMBRO — Mês da Bíblia — NATAL. 8 — Dia da Bíblia. 25 — Natal. 31 — Culto de Vigília.
JULHO — Mês do Presbiterianismo Independente. 17 — Editora e Livraria “Pendão Real”. 21 — Dia do Diácono e Diaconisa.	

Fonte: (ALVORADA, 1974a, contracapa)

Estas comemorações pareciam ser parte integrante das atribuições da SAS junto às igrejas, visto que eram apresentadas como imperativo às mulheres, conforme é possível notar na citação, que compunha a parte inferior dos calendários:

Além das datas acima, as SAS deverão comemorar os aniversários do Pastor, Sociedades, Igrejas, Federação, Jubileu de Prata, Cinquentenário das Sociedades, bem como os dias: da Asa, da Enfermeira (12/5), Semana do Livro, Semana dos Bons Dentes, etc. (ALVORADA, 1974a, contracapa)

Na Figura 8, pode-se observar que cada mês do ano tinha um título especial, o qual deveria ser considerado para a organização das reuniões da SAS referentes àquele mês, e não somente para isto, além destes títulos, era importante observar que havia dias destinados à comemoração de ofícios, de entidades eclesiais, ou de datas comemorativas nacionais que deveriam ser celebradas nos cultos de cada igreja.

Portanto, sendo um dos deveres da SAS cumprir o calendário proposto, *Alvorada* subsidiava as Sociedades de Senhoras com informações, apresentando programas para desenvolver as celebrações, assim como, estudos bíblicos e artigos para serem estudados nas reuniões de mulheres, ou então, poemas, jograis, contos, biografias ou músicas que eram utilizados na composição das celebrações organizadas nas igrejas.

Deste modo, justifica-se a configuração da revista quanto aos temas e conteúdos de seus textos serem tão diversificados, a fim de que pudessem atender às datas preconizadas no calendário nacional da Confederação de Senhoras. Assim, somados os aspectos das capas, conforme já descrito anteriormente, ressaltavam datas a serem comemoradas naquele trimestre.

2.3 *Alvorada* e suas seções

Além dos textos que compunham *Alvorada* publicados fora de seções, havia textos que eram dispostos em seções específicas, como é possível notar no Quadro 9.

Quadro 9 - Seções da revista, ano e números em que são publicadas

(O número em que a seção é publicada está marcado com X)

Ano de publicação	Número da revista referente ao ano de publicação	Seções da revista					
		“Em tom de conversa”	“Meu amigo o livro”	“Cartas a equipe”	“ Fizemos e deu certo”	“De nossos Pastores para Alvorada”	“De tudo para todos”
1968	Nº 2	X		X			X

1969a	Nº 2	X		X			X
1969b	Nº 3	X	X				X
1970	Nº 2	X	X	X			X
1971a	Nº 1	X	X				X
1971b	Nº 4	X	X	X			X
1972a	Nº 1	X	X	X			X
1972b	Nº 2	X	X	X			X
1972c	Nº 3	X	X	X			X
1973a	Nº 2	X	X	X			X
1973b	Nº 4	X	X	X			X
1974a	Nº 1	X	X	X			X
1974b	Nº 3	X	X	X			X
1974c	Nº 4	X	X	X			X
1975	Nº 2	X	X	X	X		X
1976a	Nº 1	X	X	X	X	X	X
1976b	Nº 2	X	X	X	X	X	X
1976c	Nº 3	X	X	X	X	X	X
1976d	Nº 4	X	X		X	X	X
1977a	Nº 1	X	X		X	X	X
1977b	Nº 2	X		X	X	X	X
1977c	Nº 3	X			X	X	X
1977d	Nº 4	X		X	X	X	X
1978	Nº 1	X			X	X	X

Fonte: ALVORADA (1968, 1969a, 1969b, 1970, 1971a, 1971b, 1972a, 1972b, 1972c, 1973a, 1973b, 1974a, 1974b, 1974c, 1975, 1976a, 1976b, 1976c, 1976d, 1977a, 1977b, 1977c, 1977d, 1978.)

Em observação ao Quadro 9, nota-se que duas seções constaram em todos os números da revista: “Em tom de conversa” e “De tudo para todos”. Outras seções estavam presentes com frequência, entretanto, não em todos os números, são elas: “Meu amigo o livro”, “Cartas a equipe” ou “Cartas à redação”. A partir de 1975, passou a constar a seção “Fizemos... e deu certo” e em 1976 surgiu a seção “Dos nossos Pastores para Alvorada”.

Estas seções apresentavam peculiaridades em sua composição, quanto à formatação e ao conteúdo.

2.3.1 Seção “Em tom de conversa”

“Em tom de conversa” foi o título dado ao editorial da revista assinado pela redatora-chefe, publicado nas primeiras páginas e iniciado com expressões que tratavam de modo bastante pessoal e individual, cada leitora da revista. Na maioria dos textos publicados nesta seção, a redatora iniciava seu editorial com a expressão “Minha amiga”, isso em 16 números da revista, dos 24 fascículos analisados. Embora nos outros sete editoriais existissem pequenas modificações, tais como, “Leitora amiga” ou “Querida leitora” no tratamento do público-alvo, é possível observar que a característica de direcionamento particular à leitora, permaneceu

presente, e tais expressões apareciam sempre em destaque no alto da página. De acordo com Buitoni (1990), o tom coloquial, utilizado desta expressão “Você, minha amiga” é muito usado pela imprensa feminina.

A seção era composta em geral dos assuntos daquele número da revista, sempre seguido de palavras de encorajamento para as assinantes da revista e para mulheres filiadas a SAS. Constavam também citações de alguns autores e com bastante frequência havia a citação de versículos bíblicos em seus textos. O incentivo à divulgação da revista estava presente constantemente, bem como o caráter comunitário dela, como promotora da Confederação Nacional de Senhoras da IPIB.

Organizar e unificar o trabalho das mulheres filiadas a SAS em suas igrejas locais, servindo como instrumento de comunicação entre a diretoria nacional da sociedade de senhoras e as diretorias locais era o primeiro objetivo para a criação da revista. Contudo, não era somente este, fica claro também o desejo de inspirar as mulheres cristãs em seu cotidiano, ensinando àquelas que a leem, conforme *Alvorada* (1971, p.5)

Creio em você, irmã, como amiga e colaboradora da “ALVORADA” que também começa um novo período na sua vida. Creio na sua ajuda para que a nossa revista continue inabalável no seu mister de levar mensagens e ensinamentos úteis aos que a lêem. (ALVORADA, 1971a, p.5)

O caráter evangelizador da revista também aparece na escrita da seção, não como o principal objetivo da revista, mas como um dos objetivos:

De acordo com pesquisas realizadas, sabemos que a página impressa é o melhor veículo a serviço da evangelização. Quando distribuída com empenho pessoal, leva muitos a aceitarem a Cristo. Tome um pouco do seu tempo para boa leitura e para evangelização pela literatura. (ALVORADA, 1978, p.3)

A questão da evangelização, ou seja, de levar pessoas a crerem na fé protestante, fazia parte de uma das atribuições da SAS, visto que de acordo com o manual *Senhoras da Seara* (COMISSÃO DO LAICATO DA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL, 1968, p. 26), o sexto dever de uma sócia era realizar o trabalho de evangelização pessoal. Assim, uma das formas de exercer esta tarefa era dar de presente a revista *Alvorada* a uma outra pessoa que não fosse de fé protestante.

2.3.2 Seção “De tudo para todos”

Entre os temas tradicionalmente abordados pelas revistas femininas, indubitavelmente está a culinária, segundo Buitoni (2009). De modo semelhante, *Alvorada* também apresentava em suas seções, uma que tratava deste assunto. “De tudo para todos”, foi a seção que além das receitas culinárias, dava dicas de cuidados domésticos. A seção recebeu este nome somente a partir da terceira edição do ano de 1969. Em 1968, a seção da revista que trazia culinária e cuidados domésticos como principal temática era nomeada como “Utilidades Domésticas: de tudo para todos”. Nos dois primeiros números de 1969, o nome da seção que apresentava o mesmo tipo de textos era “Para a dona de casa”. Esta seção ficou sob a responsabilidade de três autoras diferentes entre 1968 e 1976.

O conteúdo da seção apresentava um tom instrucional visto que seu conteúdo era composto de diversas sugestões quanto aos afazeres domésticos, atribuídos à mulher; no Quadro 10, é possível identificar os textos que compunham a seção, bem como o caráter instrucional que assumiu. Este caráter fica bastante evidente: “Use água sanitária para devolver o brilho às panelas escurecidas pelo cozimento das batatas ou verduras. Bastam duas colheres de água sanitária para cada litro de água, fervidas dentro da própria panela” (ALVORADA, 1970, p.27).

Quadro 10 – Conteúdo da seção “De tudo para todos”

Ano de publicação	Conteúdo da seção “De tudo para todos” e localização na revista
1968	Como secar sapatos; dicas para queimaduras; como resolver manchas de café; como comer espaguete. p. 14
1969	Traz as desmistificações de superstições muito comuns. Conselhos para a cozinha e para o cuidado da casa. p. 30 e 31
1969b	Dicas de como comprar legumes. Dicas para o arroz ficar soltinho.
1970	Traz dicas de medidas padronizadas na cozinha, traz normas para planejar um cardápio. Traz também várias dicas para o cuidado doméstico. Traz duas receitas. p.28
1971a	A página está suprimida. De acordo com o sumário, p. 28.
1971b	Apresenta várias dicas domésticas. Bem como ideia de confecção de um descanso de panela. Seguindo de cardápio a serem preparados para facilitar a vida da dona de casa para ir à escola dominical. p. 29
1972a	Inicia com uma frase sobre simpatia. Traz três receitas e dicas para comprar alguns legumes. p. 30
1972b	Apresenta três receitas. p. 24
1972c	Traz dicas para limpeza de roupas e banheiro. Como cuidar de uma roseira e cuidados para o inchaço dos pés. p. 32
1973a	Traz três receitas culinárias. Uma receita de crochê. Ideias para arquivar revistas já lidas. p. 30
1973b	Três receitas culinárias. Uma receita de sapatinho de tricô. Ideia para a confecção de uma coberta com reaproveitamento de calças. p. 32
1974a	Uma receita. Conselhos culinários. Idéia de artesanato: cesta de piquenique. A saúde começa em casa: pequeno texto com dicas de cuidados para evitar acidentes, escritos pela Dra Eulina de O. Grotti. p. 36
1974b	Quatro receitas. Dicas de beleza por meio de verduras e legumes. p. 36

1974c	Continuação das dicas de beleza através de frutas, legumes e verduras. Duas receitas. Dicas de trabalhos manuais: como renovar um pulôver, receita de toalhinha de crochê. conselhos culinários e de limpeza. p. 36
1975	Pequeno texto intitulado: Velha oração...; Dicas de como manter a comida aquecida para ir à escola dominical. Três receitas. p. 36
1976a	Inicia com um pequeno texto sobre a felicidade no lar gerada por meio das tarefas feitas pela mãe com amor. 4 receitas, conselhos práticos culinários. p.36
1976b	Um pequeno texto, incentivando a leitora a ter otimismo nas tarefas domésticas, dando “receitas” de como a mulher deve temperar o seu dia. Três receitas culinárias. Pequeno texto intitulado: regras práticas para a elaboração de cardápios. p. 36
1976c	Texto inicial versando sobre a necessidade do equilíbrio entre as tarefas domésticas e a vida devocional da mulher, seguido de 4 receitas culinárias. Termina a seção com duas dicas para o cuidado doméstico e uma dica de como se organizar para poder ir à Escola Dominical sem negligenciar o almoço do domingo. p. 36
1976d	Após um pequeno texto sobre o Natal em família, estão apresentadas quatro receitas para a ceia de Natal. p. 33
1977a	O texto inicial versa sobre as contribuições da mãe para o lar. A seguir apresenta-se 4 receitas culinárias e uma receita destinada aos homens, para conservar os cabelos pretos. p. 36
1977b	A seção é iniciada com uma frase falando sobre o lar como uma escola de serviços para a mulher, seguida de 3 receitas culinárias e finalizada com algumas informações sobre as vantagens de se ingerir sucos naturais. p.36
1977c	Um pequeno parágrafo sobre felicidade inicia a seção, seguida de cinco receitas culinárias. P. 36
1977d	A seção é iniciada com um pequeno texto sobre o Natal, seguido de quatro receitas culinárias a serem utilizadas na ceia natalina, sendo finalizada por um parágrafo com sugestões para a organização da festa natalina familiar. p. 36
1978	Nesta edição a autora da seção publica um texto em homenagem à <i>Alvorada</i> , sendo que esta é a edição comemorativa aos dez anos da publicação, assim como à sua redatora.

Fonte: ALVORADA (1968, 1969a, 1969b, 1970, 1971a, 1971b, 1972a, 1972b, 1972c, 1973a, 1973b, 1974a, 1974b, 1974c, 1975, 1976a, 1976b, 1976c, 1976d, 1977a, 1977b, 1977c, 1977d, 1978.)

A preocupação em ensinar a mulher quanto aos cuidados culinários, a administração doméstica, dar dicas do como fazer artesanato, nos indica que eram estas atribuições específicas da mulher no contexto familiar na década de 1960, não somente em *Alvorada*, mas também em outras revistas femininas que, como Pinsky indica (2016, p. 496), eram tarefas da mulher como dona de casa perfeita.

Não bastava ter a casa limpa, era preciso também enfeitá-la com cortinas e almofadas. Já era pouco matar a fome dos familiares, era necessário confeccionar pratos variados e mais elaborados. Não era suficiente limpar as panelas, agora elas tinham que brilhar. (PINSKY, 2016, p. 496)

Deste modo, a revista *Alvorada* demonstrava dialogar com o período histórico em que existia, na medida em que, assim como as demais publicações femininas, apresentava dicas para a mulher no cuidado doméstico, ditando um parâmetro de uma dona de casa ideal: uma mulher que além de cozinhar bem, o fazia com esmero; que mantinha a casa limpa; que fazia crochê para enfeitar a sua casa; que tinha habilidades de jardinagem e para além disto, participava das atividades da igreja. Fica em evidência na seção que o fato da mulher se ocupar das tarefas domésticas não a eximia da participação nas programações da igreja. Bastava que ela se

organizasse para que pudesse dar conta de todas as tarefas e as instruções necessárias para esta organização estavam contidas em *Alvorada*

Salada de legumes: Cozinhar no sábado: cenouras, batatas, vagens e ovos. No domingo, antes da Escola Dominical, temperar e arrumar num prato os legumes decorando com ovos cozidos, tomates, azeitonas, palmito em conserva, picles etc. É rápido, fácil e muito gostosa. (ALVORADA, 1971b, p.30)

[...] Se você, minha amiga, é irmã em Cristo e tem problemas para frequentar a Escola Dominical, resolva assim: Levante mais cedo. Cozinhe o arroz e quanto estiver no ponto tire-o do fogo e envolva a panela em três folhas de jornal e um pano de prato. Faça o mesmo com a macarronada. Vá sossegada à igreja. Quando voltar terá tudo bem quentinho. (ALVORADA, 1975, p. 36)

Assim *Alvorada* ia delineando, não somente em textos fora de seções, como também, em suas seções, um ideal de mulher cristã: mãe exemplar, dócil, equilibrada, preocupada com uma boa alimentação para a sua família e que mesmo cuidando de todos estes aspectos da vida familiar, encontrava tempo para dedicar-se à vida religiosa. Observando novamente o Quadro 10, é possível inferir que, a partir de 1976, a seção era sempre iniciada com um pequeno texto que instruía a mulher a encontrar a felicidade e a alegria nas tarefas domésticas, bem como, equilíbrio entre os afazeres diários e a vida devocional.

2.3.3 Seção “Meu amigo o livro”

Para além da preocupação em instruir a dona de casa em suas tarefas domésticas, estava a busca em instruir a mulher com conteúdo literário. Para isto, *Alvorada* continha uma seção que era a portadora de diversas sugestões para a leitura, com nome bastante sugestivo; em 1969, começou a ser editada a seção “Meu amigo o livro”. Na revista de número três de 1969, a coluna recebeu o seguinte título: “Livros – Livros – Livros”; nos demais números passou a ser nomeada como “Meu amigo o livro”. A seção aparece em todos os números da revista a partir do terceiro número da revista publicado em 1969. “Meu amigo o livro” é uma seção escrita por uma única mulher em todo o percurso temporal em que existiu.

Quadro 11 – Conteúdo da seção “Meu amigo o livro”

Ano de publicação	Livros sugeridos na seção: “Meu amigo o livro” e conteúdo
1968	Seção não é publicada.
1969a	Seção não é publicada.
1969b	Aparece a coluna com o nome: “Livros-Livros- Livros” Livro sugerido e resenhado: “Para todo o sempre”, de Catherine Marshal
1970	“Ninguém está só” de Catherine Marshal
1971a	Título da seção, aparece diferente: “Meu amigo, o livro”

	"Facetas da personalidade" Rev. Miguel Rizzo Júnior
1971b	Título da seção, aparece diferente: "Meu amigo, o livro" A escritora sugeria as obras de um autor: Reverendo Sátilas do Amaral Camargo. Após apresentar uma breve biografia do autor, fazia pequenos comentários sobre as seguintes obras: "O caráter a luz do sermão da montanha", "Os ensinamentos de Jesus através de suas parábolas", "Milagres de Jesus e sua função pedagógica", "Anuário do pregador", "Eternidade da Palestina", "Vidas que ensinam a viver", "O poder de uma fé positiva", "A presença de Deus na vida humana", "Ensinando e pregando".
1972a	"Seu problema é você mesmo" de Roy L. Smith. Havia um breve relato capítulo a capítulo do livro.
1972b	A seção consta no sumário. Entretanto o exemplar da revista está com a página subtraída.
1972c	Apresentava a resenha da coleção: "Biblioteca de Comunicação e Relações Humanas" da Lisa Editôra Irradiante S.A. A coleção era organizada da seguinte forma: 3 primeiros volumes: Introdução à oratória, "A arte de ser orador", "Liderança e eficiência pessoal" de Admir Ramos. 4º e 5º volume de Zenon Lotufo Júnior, sobre "Relações Humanas".
1973a	Sugere a leitura do livro de Santo Uberto Barbieri: "O verdugo involuntário" traduzido do espanhol por Emery de Araújo Goulart e editado pela Imprensa Metodista.
1973b	Sugeria o livro: "Momentos decisivos" editado por Edipress e impresso pela Imprensa Metodista. Composto pelo testemunho pessoal de 20 pessoas.
1974a	"O Peixe Vermelho" do reverendo Sérgio Paulo Freddi. Editora Lisa-Livros Irradianes S. A. Acompanha breve descrição de algumas crônicas.
1974b	"Sermões" de autoria do reverendo Basílio Catalá. Editado pela Imprensa Metodista.
1974c	De Gióia Júnior, "Poemas em feitiço de oração", pela Imprensa Metodista. Acompanhava uma breve biografia do autor, bem como, um excerto de um dos poemas do livro.
1975	"Soluções" de John H. Alexander e tradução de Délia Ferraz Fávero. Publicado pela Ação Bíblica do Brasil – Casa da Bíblia". Livro com documentários, testemunhos, experiências religiosas de pessoas.
1976a	De Maria Tereza Cavaleiro "A nova Antologia Brasileira da Árvore". Trazia uma sucinta biografia da autora e citava os capítulos do livro.
1976b	Livro: "Recreação" de N. Pithan e Silva. Companhia Brasil Editora.
1976c	Livros: Sol da meia noite de Rev. Joaquim Alcântara Ferreira dos Santos; Maria da Graça do Rev. Adolfo Machado Corrêa e Profeta da Unidade do Rev. Júlio Andrade Ferreira.
1976d	"Maria da Graça" do Rev. Adolfo Machado Correa. Cita outras 13 obras do autor. Inicialmente faz uma breve biografia do autor.
1977a	"Não estou com raiva de Deus" autor: David Wilkerson, tradução de Helvo Delvo Vilela, Editora Betania.
1977b	A partir deste ano a seção é extinta.

Fonte: ALVORADA (1968, 1969a, 1969b, 1970, 1971a, 1971b, 1972a, 1972b, 1972c, 1973a, 1973b, 1974a, 1974b, 1974c, 1975, 1976a, 1976b, 1976c, 1976d, 1977a, 1977b)

Das revistas estudadas, 18 contaram com a seção, na qual estava presente a sugestão de leitura de 27 livros diferentes, todas elas acompanhadas de uma breve resenha, e por vezes constava também uma pequena biografia do autor. Destes 27 livros sugeridos, três livros eram escritos por mulheres, dois livros não eram protestantes e dez deles, escritos por pastores. As editoras que eram responsáveis pela publicação destes livros são: Imprensa Metodista, Edipress,

Companhia Brasil Editora, Editora Bethânia e Editora Ação Bíblica do Brasil. Em algumas das resenhas não estava presente o nome da editora do livro.

É interessante observar, que nenhuma das sugestões continha, de acordo com as resenhas, um conteúdo direcionado especificamente ao público feminino, entretanto, havia conteúdo que ditava padrões de comportamento, como é possível inferir do seguinte trecho:

Como o título indica, o livro foi escrito com a finalidade de ensinar a humanidade a viver melhor. Ao invés de procurar cada um acha a culpa de seus infortúnios no amigo, inimigo, ou na falta de sorte, o A. alerta sobre a responsabilidade que cabe a cada pessoa na melhoria da sua saúde, no bom gênio, na arte de esquecer as ofensas e as tristezas, enfim na sabedoria necessária em aumentar os recursos íntimos para o próprio benefício. (ALVORADA, 1972a, p. 20).

Por intermédio desta seção ficava evidente o anseio de que as mulheres não se tornassem meras religiosas, mas antes que fossem mulheres com uma cultura literária mais refinada, com cunho teológico e geral. Porém ao notar-se que estas sugestões não tinham um caráter especificamente direcionado às mulheres, mas que também expressavam um padrão de comportamento, é possível inferir que havia comportamentos cristãos em que homens e mulheres deveriam receber tratamento igualitário, embora isto não esteja explícito.

2.3.4 Seção “Cartas à redação” e “Cartas à equipe”

A seção destinada à publicação das cartas que leitoras e leitores³¹ escreviam para a redação da revista, recebeu dois nomes diferentes: “Cartas à redação” e “Cartas à equipe”. Dos anos de 1968 a 1972, a seção é chamada de “Cartas à redação.” A partir de 1973 até 1978, recebe então o título de “Cartas à equipe”. Não havia um número fixo de cartas publicadas em cada edição, provavelmente, em decorrência do número de cartas recebidas naquele trimestre da publicação. A seção está presente em 19 edições da revista, dos 24 números analisados.

Quadro 12 – Revistas que contam com “Cartas à redação” e “Cartas à equipe” e procedência das cartas

Ano de publicação	Nomenclatura da seção e procedência das leitoras e leitores
1968	<i>Cartas à Redação</i> Paraná: Maringá

31 Aqui nesta seção, é possível observar que embora a revista fosse destinada às mulheres, havia homens que liam a revista e que, inclusive, mandavam cartas à redação da revista, conforme exposto no capítulo 1.

	Sergipe: Boquim Rio Grande do Norte: Natal
1969a	<i>Cartas à Redação</i> Federação do Norte Presbitério do Oeste
1969b	A seção não foi publicada.
1970	<i>Cartas à Redação</i> São Luís do Maranhão: referência ao número de assinaturas: 60. Cruzeiro do Oeste (Paraná?)
1971a	Não sabemos o nome da seção. São Paulo: São José do Rio Preto, Catanduva, Missão Caiuá, Itapetininga, bebedouro, Campinas, Ourinhos e Lençóis Paulista. Paraná: Jaguapitã, Itaguaré, Jandaia do Sul, Siqueira Campos, Maringá. Porto Alegre, Rio Grande do Sul; Natal, Rio Grande do Norte; Graça, Recife; Fortaleza, Ceará. Cassilândia, Mato Grosso.
1971b	“Cartas à Redação” Recife, Pernambuco; Marília, SP?; Brasília (pedido aumentado de assinaturas - 50); Anápolis, Goiás; Governador Valadares, Minas Gerais; Muzambinho, Minas Gerais; 2 de São Paulo; Loanda, Paraná
1972a	“Cartas à Redação” Machado, Minas Gerais; Catanduva, São Paulo;
1972b	“Cartas à redação” Creta, Grécia; Aracaju, Sergipe; Tatuí, São Paulo; Lençóis, São Paulo; São José do Rio Preto, São Paulo; Serranópolis, Goiás.
1972c	A seção não foi publicada.
1973a	*primeira referência a existência de diaconisas. Mogi Guaçu: São Paulo. Colinas: Maranhão. Açucena: Minas Gerais. São Vicente: São Paulo. p. 24. Nº de cartas em 1972=386.
1973b	“Cartas à equipe” Assinante não evangélica em Sertanópolis, Paraná; São Paulo; Rolândia, Paraná; SAF, IPB, Sítio do Mato, Bahia. *Há uma observação neste número a respeito do preço da assinatura anual. Para o exterior, a revista custaria Cr\$ 7,00.
1974a	“Cartas à equipe” Greta, Grécia. Paraná: Cornélio Procópio, Bela Vista do Paraíso, Londrina. Minas Gerais: Machado e Botelho. São Paulo: São José do Rio Preto, São Paulo (2 da Associação Feminina). Bahia e Pará.
1974b	“Cartas à equipe” São Paulo: Mogi Guaçu, Campinas, Bariri, Sorocaba; Itaperuna, Rio de Janeiro; Paraná: Jandaia do Sul, Ponta Grossa, Maringá. Minas Gerais: Machado. Brasília. USA :Dallas. Londres: Inglaterra.
1974c	“Cartas à equipe” Nerópolis: Goiás. São Paulo: Cruzeiro, Bauru, Agudos, Osvaldo Cruz, Registro e Marília. Barro do Corda, Maranhão. Pretória, África do Sul. Aracaju, Sergipe. Cascavel e Curitiba, Paraná.
1975	“Cartas à equipe” Avaré, São Paulo. Creta, Grécia. * Carta bastante longa e descritiva do trabalho de evangelização na cidade de Canéia em Creta na Grécia.
1976a	“Cartas a equipe” Lençóis Paulista, Tatuí, Botucatu, Tupã, Regente Feijó, (Igreja Japonesa), São Paulo. Bom Conselho, Pernambuco. Quirinópolis, Anápolis, Guarani, Goiás. Florianópolis, Santa Catarina. Jacarezinho, Cianorte, Maringá, Paraná. Governador Valadares, Fazenda Roseira, Itaúna, Muzambinho, Pinhal do Campestre, Minas Gerais. Ilhéus, Bahia. Zé Doca, Maranhão. Alemanha Ocidental. Inglaterra.* relato de uma

	assinante que existem mulheres, luteranas, metodistas e congregacionais que assinam a Revista.
1976b	Mogi Guaçu, Água Rasa, Presidente Prudente, Lençóis Paulista, Campinas, São José do Rio Preto, São Paulo, São Paulo . Barra do Corda, Maranhão . Fazenda Buriti, Fazenda Potreiro, Goiás . Belo Horizonte, Minas Gerais . Henggart, Suíça .
1976c	Londrina, Mandaguari, Campina da Lagoa, Icaraíma, Paraná . Andradas, Belo Horizonte, Itaúna, Guanhães, Minas Gerais . Gurupi, Jataí, Fazenda Buriti, Goiás . São Caetano do Sul, Campinas, Espírito Santo do Pinhal, Guarulhos, Ermelino Matarazzo, Limeira, Sorocaba, Botucatu, Agudos, São Paulo . São Luís, Maranhão . Dourados, Mato Grosso . Manaus, Amazonas . Ilhéus, Bahia . Aracaju, Sergipe
1976d	A seção não foi publicada.
1977a	A seção não foi publicada.
1977b	Cascais, Portugal . (Enviada por uma assinante brasileira. A leitora é Batista). Luiziana, Goiás . Santos, Assis, São Paulo, São Paulo . Rio de Janeiro. Quedas do Iguaçu, Paraná .
1977c	A seção não foi publicada.
1977d	Não há a origem de todas as cartas. (4 cartas sem cidade de origem) Itapema, Santa Catarina . Londrina, Paraná . Pilar do Sul, São Paulo . Governador Valadares, Minas Gerais .
1978	A seção não foi publicada.

Fonte: ALVORADA (1968, 1969a, 1969b, 1970, 1971a, 1971b, 1972a, 1972b, 1972c, 1973a, 1973b, 1974a, 1974b, 1974c, 1975, 1976)

A partir da análise do Quadro 11, é possível atestar a procedência dos leitores e leitoras da revista, bem como o alcance da revista no Brasil e fora dele. Foram publicadas em *Alvorada*, nos 24 volumes analisados, 158 cartas de leitores, provenientes do Brasil e de outros países, assim como já foi analisado anteriormente, as quais apresentavam, geralmente, um tom elogioso à revista.

Outros dados que podem ser abstraídos em análise a esta seção, são da aceitabilidade e apreciação das leitoras e leitores da revista. Inclusive de leitoras que não eram pertencentes à Igreja Presbiteriana Independente, como é possível observar na carta enviada, por uma leitora da Igreja Presbiteriana do Brasil.

[...] Uma missionária amiga deu-me alguns exemplares de ALVORADA. Gostei intensamente, pois a mesma traz assuntos diversos, é bem confeccionada e de cunho não só noticioso, como espiritual. Faça a minha assinatura. Mandarei o pagamento pelo preço que estiver marcado na revista, pois as que recebi de minha amiga são de 1969. **Euza de Almeida Lidório** Presidente da Federação das SAFs do “Vale do Aço” Usineiro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Açucena-M.Gerais. (ALVORADA, 1973a, p.24)

Assim como na citação da carta, sempre eram publicadas solicitações de novas assinaturas, com a finalidade de demonstrar a aceitação de *Alvorada*, por um número cada vez

maior de mulheres, inclusive de outras igrejas, que já possuíam suas próprias publicações femininas, bem como para estar sempre incentivando o aumento de assinantes da revista.

É interessante destacar que não havia publicações de cartas que de algum modo apresentassem críticas, e que, apenas duas das cartas publicadas, faziam sugestões quanto a temáticas que poderiam ser abordadas por *Alvorada*, e uma das sugestões feitas por uma leitora foi assim publicada:

[...] “Palmadas só prejudicam”... Fiquei indecisa e bastante preocupada. Tenho dois filhos e me interesse em dar uma educação sadia e bem baseada nos ensino de Jesus... Sugiro que ALVORADA publique algo sobre orientação sexual para crianças. Obrigada. (ALVORADA, 1972b, p. 26)

Na sequência da carta, a editora da revista respondeu:

Mandamos uma longa carta para a senhora e noutra parte desta revista a senhora vai encontrar nomes de livros que a ajudarão na educação de seus filhos. A CONFEDERAÇÃO NACIONAL, está lançando três preciosos SUPLEMENTOS sob o título EQUILÍBRIO EM TRÊS DIREÇÕES³². Estes Suplementos vão em muito ajuda-la nas suas dúvidas. (ALVORADA, 1972b, p. 26)

Interessante o cuidado da editora da revista em ressaltar que estava procurando ajudar a sua leitora prontamente, não somente por intermédio de uma carta endereçada a ela, assim como pela sugestão de livro, visto que, naquele número da revista (Alvorada, 1972b, p. 10) a seção “Meu amigo, o livro”³³, sugeria a leitura da *Biblioteca de Comunicação e Relações Humanas*, cujo terceiro volume intitulado, *Liderança e eficiência pessoal* continha em seu item 9 instruções para saber como punir e fazer justiça, o que seria muito útil para educadores, pais e professores, de acordo com a responsável pela seção.

A outra solicitação feita por uma das leitoras da revista (Alvorada, 1971a, p. 32) é que fossem publicados artigos referentes às seguintes datas comemorativas: Dia da árvore, Dia da Ave e Dia do Soldado, quanto a esta solicitação não houve resposta da editora, e nas revistas ulteriores, não se tratou das datas comemorativas solicitadas pela leitora.³⁴

2.3.5 Seção “Fizemos... e deu certo”

³² Não foram localizados, até o momento estes três suplementos citados pela editora da revista.

³³ Este acontecimento que relaciona o pedido da carta da leitora, com a seção “Meu amigo, o livro”, confirma que uma das funções da referida seção era a de educar a mulher presbiteriana independente, de modo a contribuir para a sua formação em diversas áreas.

³⁴ Estas datas comemorativas não faziam parte do Calendário Nacional da Confederação de Senhoras, como é possível observar na Figura 7.

A seção “Fizemos... e deu certo”, no ano de 1975, surgiu com um fim bem definido: compartilhar com as leitoras relatos de trabalhos desenvolvidos pelas federações ou pelas SAS. A responsável solicitava a contribuição de ideias de outras SAS, o que indica que a coluna seria composta a partir de textos ou ideias enviadas para a responsável pela coluna.

Senti-me muito honrada com a seção ‘Fizemos... e deu certo...’ Ela está sob minha responsabilidade e tenho que alimentá-la. Acho que só nossa experiência regional não será suficiente. Gostaria que as Presidentes de SAS e Federações enviassem sugestões para mim.

Meu endereço é:

Ruth de Campos Santos

Rua Sete de setembro nº1630

19100 – PRESIDENTE PRUDENTE – SP” (ALVORADA, 1975, p. 33)

As publicações apresentavam prioritariamente, relatos de trabalhos desenvolvidos por diversas SAS brasileiras. Dentre estes relatos, estavam: cultos para datas comemorativas, trabalhos sociais desenvolvidos por SAS locais, confraternizações, chás de bebê, chás de cozinha, comemorações de aniversário de pastores ou de membros da SAS, também trazia relatos sobre cursos de trabalhos manuais desenvolvidos pela SAS de algumas localidades, eventos e campanhas para arrecadação de fundos monetários para o auxílio de obras sociais ou projetos de evangelização missionária. Em apenas quatro revistas é possível observar fotografias de eventos ou de trabalhos desenvolvidos pelas SAS ou federações.

Na medida em que apresentavam relatos de experiências, cada SAS procurava servir de exemplo, de modelo ou de inspiração para as outras sociedades locais.

Faça uma festa da amizade secreta com as famílias da igreja. Cada família tira outra e vai orar por ela, escreve-lhe uma cartinha, enviar flores antes da revelação, use nomes da Bíblia, de flores também. [...] Marque um dia para a revelação. Essa noite receberá o nome: “Consagração dos Lares”. Faz-se a homenagem publicamente oferecendo uma lembrança a família secreta. Este trabalho foi realizado em várias igrejas com ótimo resultado. (ALVORADA, 1976c, p. 25)

O trabalho relatado na citação parecia ter por objetivo desenvolver uma maior comunhão entre as famílias da igreja, além de promover o exercício da oração de uma família pela outra. Nota-se também a relação estabelecida com o Calendário Anual da Confederação, visto que este trabalho fazia parte do mês de maio, que era nomeado Mês do Lar.

Na análise da seção é possível identificar que ficava a cargo das mulheres a realização de diversas obras sociais, por isso, nesta seção apareciam instruções e/ou relatos sobre este tipo de ocupação feminina nas igrejas.

Na IPI de Casa Verde um trabalho que você pode imitar. A idéia foi do Departamento de Educação, Cultura e Arte da SAS. Todas as sextas-feiras, à tarde (início às 13 horas), a SAS está mantendo um trabalho assistencial. São três cursos para senhoras: crochê e tricô; pintura, e corte e costura. (ALVORADA, 1976c, p.26)

Conforme o relato de *Alvorada* (1976c), este curso era ofertado para mulheres que moravam nas proximidades da igreja, por mulheres da SAS, e chegou a reunir 70 mulheres que não pertenciam à Igreja; ainda de acordo com a revista, ao final dos encontros era feita uma reflexão bíblica e uma oração com todas, de modo que algumas já estavam começando a participar dos cultos. Interessante notar que os cursos ofertados envolviam trabalhos artesanais. Desenvolver trabalhos artesanais era uma das finalidades do Departamento Artístico da SAS, conforme descrição do *Manual Senhoras na Seara* (1968, p. 35). De acordo com Miguel e Rial (2016, p. 150), na década de 1960, fazer crochê, tricô e costurar eram atividades consideradas como um tipo de lazer adequado para a mulher casada.

A revista ainda retrata que a SAS estava sempre envolvida em diversas comemorações, visto que todas as fotografias publicadas na seção eram retratos destes momentos.

Figura 9 – Fotografia de homenagem a um pastor



Fonte:

(ALVORADA, 1977d, p.32)

É possível notar na Figura 9 o envolvimento da SAS com o cumprimento dos Calendários Nacionais publicados na própria revista, inclusive no que concerne às orientações

para a organização de homenagens a seus pastores. Deste modo, fica em evidência o caráter educativo da revista desempenhado por sua estrutura formal, de modo que as orientações prescritas no Calendário eram reforçadas pelos relatos publicados pela seção e ainda mais destacados através da imagem fotográfica.

2.3.6 Seção “Dos nossos pastores para *Alvorada*”

“Dos nossos pastores para *Alvorada*” era a seção na qual estavam agrupados textos escritos por pastores da IPIB. Embora esta seção apareça na revista apenas em 1976, diversos pastores publicavam em *Alvorada* desde o seu primeiro número, como é possível observar no Quadro 13:

Quadro 13 – Textos escritos por pastores em *Alvorada* (1968-1975)

Ano de publicação	Número da revista referente ao ano de publicação	Número de textos escritos por pastores em <i>Alvorada</i>	Gênero textual
1968	Nº 2	1	Artigo
1969	Nº 2	4	Artigo, relato
1969	Nº 3	1	Artigo, oração, instrucional
1970	Nº 2	4	Artigo e instrucional
1971	Nº 1	2	Sugestão de cantata, artigo
1971	Nº 4	3	Poema, crônica e artigo
1972	Nº 1	4	Artigos e pastorais
1972	Nº 2	2	Uma carta. Um devocional
1972	Nº 3	Não constam escritores pastores	
1973	Nº 2	3	Crônica, estudo bíblico, artigo
1973	Nº 4	1	Devocional
1974	Nº 1	2	Artigos
1974	Nº 3	5	Artigos, devocional
1974	Nº 4	5	Devocionais, artigo, poema
1975	Nº 2	4	Artigo, conto, poema, devocional

Fonte: ALVORADA (1968, 1969a, 1969b, 1970, 1971a, 1971b, 1972a, 1972b, 1972c, 1973a, 1973b, 1974a, 1974b, 1974c, 1975, 1976)

Pode-se inferir que a seção “Dos nossos pastores para *Alvorada*” surgiu para agrupar as produções textuais que os pastores enviavam para a revista, o que pode ser confirmado, visto que, todos os textos produzidos por pastores, passaram a ser encontrados somente no campo de abrangência da seção, a partir do ano de sua organização, a saber, 1976. No período de 1968 a 1975, os textos escritos por pastores ficavam distribuídos aleatoriamente no miolo da revista.

Na seção “Dos nossos pastores para *Alvorada*”, diferentes pastores escreveram palavras de instrução, diversas reflexões bíblicas, por vezes contos, outras vezes poemas. No primeiro ano em que a seção foi publicada ocupava duas ou três páginas da revista. Havia uma

preocupação evidente com a religiosidade, pois os textos que compunham a seção eram predominantemente com temas bíblicos, escritos em tom de aconselhamento pastoral.

Nos textos dirigidos às mulheres, era possível encontrar quais os papéis atribuídos a elas, na família e na igreja.

A mulher cristã presbiteriana independente cumpre a sua missão em seu próprio lar, na qualidade de filha, irmã, espôsa e mãe. Cumpre a sua missão na Igreja em múltiplas atividades [...]. Além disso, no lar e na Igreja, a mulher convertida e santificada cumpre a missão de educadora tanto no magistério da Escola Dominical junto às crianças, aos jovens e adultos, quanto no convívio fraternal, nas reuniões, nos cultos e nos lares. (ALVORADA, 1972a, p.02)

O ideal de mulher cristã estava intimamente associado ao papel de educadora, não somente como mãe, mas também na igreja, como professora das diversas faixas etárias. A mulher era considerada como educadora desde o século XIX, Badinter discorrendo acerca da visão da mãe educadora do referido século, afirma que “O amor materno não consiste apenas, para a mulher, em amamentar o filho; consiste sobretudo em bem educa-lo. Ora, a verdadeira educação, é a mãe quem deve dar.” (BADINTER, 1985, p. 256).

A mulher presbiteriana independente foi educada pela revista, também através da seção “De nossos pastores para *Alvorada*”, por intermédio de argumentos teológicos era incentivada a exercer sua missão atribuída pelo próprio Deus. Sendo assim, além dos textos científicos publicados fora de seções³⁵, ou por meio dos poemas que exaltavam a mulher como mãe e educadora, a mulher era ensinada a assumir esta função, também por pastores, que eram considerados como os especialistas em compreender a vontade de Deus por intermédio da interpretação dos textos bíblicos.

³⁵ Conforme já apresentado no tópico 2.2 desta dissertação.

3. *ALVORADA*, A MULHER BRASILEIRA E A MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE

[...] Dê-me sua mão, amiga; alva e macia; ou calejada pelo trabalho; ou ferida a sangrar; ou algemada nas grades de uma prisão; trêmula... não importa. Há, para nós, que cremos, um Deus, de coração aberto para perdoar, que estende a mão para nos ajudar. [...] Caminhemos juntas, irmã, de olhos fitos naquela luz que vem do Alto e que nos traz a doce mensagem legada por Cristo à humanidade: Paz, amor, perdão. (*ALVORADA*, 1976d, p. 3)

A epígrafe que inicia este capítulo foi escrita pela editora de *Alvorada* e integrava o editorial publicado no último número da revista do ano de 1976. Parece que a autora não tinha uma visão romântica acerca da mulher presbiteriana independente, uma vez que ao convidar a sua amiga leitora a lhe dar a mão, acaba por se referir a diferentes mulheres: com mãos alvas, com mãos feridas, com mãos calejadas e mãos algemadas. É possível inferir que aquela que era a responsável pela revista tinha consciência de que as leitoras poderiam estar vivenciando diferentes circunstâncias, que causariam marcas em suas mãos, dores, prisões, doenças, temores, contudo a editora convidava todas as leitoras a caminharem juntas, com as mãos unidas. É possível perceber nas entrelinhas, o convite para que as mulheres travassem juntas algumas batalhas e que *Alvorada* seria uma das auxiliares desta luta.

Este capítulo trata justamente acerca das circunstâncias vivenciadas pelas mulheres no Brasil e na Igreja Presbiteriana Independente, e busca compreender, quais poderiam ser estas lutas que deveriam ser travadas em conjunto, bem como eram apresentadas e/ou discutidas por *Alvorada*. Para isto este capítulo está organizado em duas partes.

A primeira parte trata da mulher brasileira observando os eixos trabalho, educação e lazer, porque por intermédio deles é possível verificar quais foram as mudanças vivenciadas pela mulher brasileira, principalmente no que se refere às décadas de 1960 e 1970.

A segunda parte do capítulo, considerando o pano de fundo exposto na primeira parte, procura evidenciar quais as relações entre a proposta de educação em *Alvorada* e o período histórico da mulher brasileira.

3.1 A mulher brasileira: trabalho, educação e lazer

Entre a instituição da República brasileira, em 1889, chegando aos anos de 1950, a mulher foi ganhando visibilidade aos poucos na sociedade, alcançando novos espaços, antes dedicados apenas aos homens (MATOS; BORELLI, 2016). Segundo Matos e Borelli (2016), dos espaços fabris, nos centros urbanos, pôde chegar ao posto de professora, cargo antes ocupado apenas por homens, entretanto o acesso ao ensino superior para mulheres ainda era muito restrito; as autoras destacam, ainda, que a mulher brasileira urbana, entre 1920 e 1940, ocupava diversos postos de trabalho: no operariado de fábricas do setor têxtil e de confecção; no serviço doméstico; no comércio como balconista; e em estabelecimentos bancários, comerciais e de seguros, ocupavam cargos na telegrafia, telefonia, contabilidade, entre outros. Porém vale ressaltar que neste período menos de um terço da população brasileira se localizava em centros urbanos, como nos referencia Scott (2016, p. 20), “Em 1940, a população brasileira ultrapassava os 40 milhões de habitantes, mas menos de um terço vivia em áreas urbanas.” Deste modo, é possível inferir que grande parte das mulheres vivia e trabalhava no contexto rural.

Perrot (2006, p.127) destaca que o magistério passou a ser aceito como uma profissão feminina somente no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Matos e Borelli (2016, p. 137) destacam que as mulheres eram tidas como mais capazes de cuidar, educar e disciplinar as crianças que os homens, e assim, o magistério foi considerado um trabalho condizente com a condição feminina, pois poderia ser um trabalho de “meio período” o que possibilitava coordenar o trabalho, com os cuidados da família. As autoras relatam que, em 1950, outro fator que contribuiu para a popularização do magistério para as mulheres foi o aumento do número de crianças na escola e da expansão do ensino secundário brasileiro.

Embora a mulher já estivesse ocupando espaços de trabalho remunerado na sociedade brasileira, a principal ocupação feminina até 1950, nas famílias urbanas e de classe média, era

no cuidado com o “lar”. Segundo Scott (2016, p. 17), a mulher moderna era aquela que dispensava um cuidado especial à educação dos filhos e que tomava para si a formação moral das crianças, era ainda uma esposa afetuosa, submissa ao esposo, mas não totalmente desprovida de opinião. Às mulheres pobres, o trabalho fora do contexto do lar era uma condição necessária e indispensável, visto que era preciso gerar rendimentos para garantir condições mínimas para a sobrevivência familiar. (SCOTT, 2016, p. 20)

Os anos de 1960 foram emblemáticos para a história das mulheres no Brasil, constando como um marco do início de novos horizontes femininos em diversas áreas da sociedade. Segundo Scott (2016, p. 23), após a aprovação do Estatuto da Mulher Casada³⁶, a mulher passou a ser legalmente reconhecida como colaboradora e companheira do homem nos encargos da família, e corresponsável pela direção moral e material familiar.

No que se refere à educação formal feminina, em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 4.024/61) permitiu a equivalência de todos os cursos de grau médio, possibilitando o acesso das estudantes da escola normal (magistério) ao ensino superior. Apesar de o Brasil estar sob a égide do regime ditatorial de governo, foi nos anos de 1960 que o movimento feminista ganhou visibilidade, alcançando muitas conquistas, segundo Soihet (2016, p. 234):

[...] as militantes dos movimentos de mulheres até meados do século XX lutaram por aquilo que, acreditavam, tornaria a situação das mulheres menos desigual em relação à dos homens e, com isso, conseguiram reduzir parte do fosso que as distanciava da cidadania plena. Mesmo que hoje suas posturas possam ser alvo de críticas, o que fizera já foi um grande avanço: as mulheres passaram a ser pensadas - para além dos papéis familiares - como pessoas com capacidades profissionais, intelectuais e com possibilidades de eleger representantes e de ocupar, elas mesmas cargos públicos.

O movimento feminista de Segunda Onda, conforme esclarece Meyer (2003), teve seu princípio por volta da década de 1960 se estendendo pela década de 1970, nos países do ocidente. O movimento buscava a desnaturalização das relações entre homens e mulheres, isto é, ressaltava que as diferenças entre homens e mulheres são resultado de construções culturais e sociais e que, portanto, poderiam ser modificadas, conforme Pedro (2016, p. 241). A autora destaca que o feminismo deste período “priorizou as lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres.” (PEDRO, 2005, p.79). Uma das autoras feministas francesas de grande visibilidade da década de 1960, Beauvoir afirmava “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVAOIR, 1967,

36 Segundo Scott (2016, p.40), o Estatuto da Mulher Casada foi decretado pela Lei nº4121 de 27 de agosto de 1962.

p.8), destacando que as diferenças entre homens e mulheres não são naturais, antes sim, uma construção social.

Mesmo que o movimento feminista tenha trazido à tona muitas discussões pertinentes quanto à posição da mulher na sociedade, a despeito de todas as conquistas femininas concretizadas na década de 1960, no Brasil, o número de mulheres analfabetas ainda era superior ao número de homens. De acordo com Rosemberg (2016, p. 334), 57,2% dos analfabetos no Brasil eram mulheres, condição que seria superada, paulatinamente nas décadas seguintes.

Na vida das mulheres dos anos de 1960, também havia espaço reservado ao lazer. Segundo Miguel e Rial (2016, p. 150 e 151), primeiramente o espaço de lazer feminino deveria ser no lar junto ao seu esposo e filhos, cozinhando pratos mais elaborados e quitutes para o fim de semana, além disso, deveria se ocupar de algo proveitoso em seus momentos de lazer, como fazer blusas de tricô para seus filhos, ou toalhinhas de crochê para enfeitar a sua casa. Outra forma de lazer destinada às mulheres, era a leitura, que podia ser feita nos momentos de intervalo entre o preparo das refeições. A leitura de fotonovelas e de outras revistas femininas foi difundida entre os anos de 1950, até os anos finais de 1960, quando perderam espaço para as telenovelas, de acordo com Miguel e Rial (2016, p. 152).

Na década seguinte, a saber, 1970, a expansão dos horizontes de atuação da mulher continuou em franco crescimento, bem como outras conquistas. Em 1973, segundo Scott (2016, p. 24), as mulheres integravam 30% da população economicamente ativa do Brasil. Rosemberg (2016, p. 349-350) indica que, em 1970, as mulheres já eram maioria entre os matriculados e concluintes do segundo grau (ensino médio), e que, no ensino superior, totalizavam 42,4% dos estudantes. Scott (2016, p. 24) ressalta que o conjunto de mudanças ocorridas nas décadas de 1960 e 1970,

[...] permitiu às mulheres colocar em causa estes valores e ideais: o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e a luta das mulheres por crescimento e reconhecimento profissional; o maior acesso à educação formal; a conquista feminina do poder de decidir se e quando ser mãe (com a disponibilização dos métodos contraceptivos mais eficientes); a instituição do divórcio (por lei, em dezembro de 1977) e a possibilidade de estabelecer outros relacionamentos afetivamente reconhecidos.

Mesmo tendo acedido ao ensino superior, a grande maioria mulheres na década de 1970, frequentava cursos mais baratos, muitas vezes particulares e que as conduziam a uma carreira no magistério, ressalta Rosemberg (2016, p.354); contudo, Matos e Borelli (2016) destacam

(2016, p. 145) que já era perceptível a presença feminina em outros campos, tais como: as Engenharias, a Arquitetura, a Medicina, a Veterinária e o Direito.

Interessante notar que havia uma prática comum entre as feministas do movimento de Segunda Onda, a partir de 1970, que era a realização de grupos de reflexão que eram frequentados somente por mulheres, algumas delas professoras universitárias, nos quais cada uma relatava como havia sido criada e se desenvolvido em cada fase de sua vida em comparação ao modo em que os homens haviam sido criados, concluindo geralmente, que em decorrência de uma cultura masculina é que tinham se tornado submissas e oprimidas em diversos aspectos. (PEDRO, 2016, p. 241-245).

Estavam em franco questionamento os conceitos machistas sobre a mulher, a autoestima feminina, as questões referentes ao prazer e à liberdade sexual da mulher, o direito de ser ou não mãe. Era reivindicado que os homens dividissem as tarefas domésticas com as mulheres, que os salários fossem igualitários para ambos os gêneros. Havia também lutas travadas no que se refere à violência contra a mulher e quanto a direitos trabalhistas³⁷. Muitas foram as discussões durante a década de 1970 no que se refere à mulher.

Quanto ao lazer, a televisão ocupava lugar de destaque, as telenovelas e os programas de televisão faziam parte dos momentos de descanso das mulheres e das famílias brasileiras. Muitos programas de televisão da década de 1970 exibiam personagens femininas liberadas, independentes em diversos aspectos e até mesmo divorciadas, como relata Pedro (2016, p. 521), vale ressaltar que data de 1977, a aprovação da lei do divórcio³⁸, no Brasil, ou seja, a barreira de se manter em um relacionamento conjugal infeliz por toda a vida, passava a ter a possibilidade de ser rompida.

Embora a década de 1970 tenha apresentado muitos avanços na visibilidade e posição ocupada pela mulher na sociedade brasileira, possibilitando à mulher desfrutar de uma vida acadêmica e profissional, isto não aboliu o seu papel como mãe e dona de casa. Pinsky (2016, p. 532), discorrendo acerca das mudanças efetivadas acerca da mulher a partir de 1960, destaca que “as mulheres deveriam ser polivalentes”. Isto implicava que além das ocupações com a sua profissão, a mulher deveria dar conta dos cuidados com a casa e com os filhos.

³⁷ Cortês (2016, p. 280) destaca que a profissão de trabalhadores domésticos, composta em sua maioria por mulheres, passou a ser reconhecida legalmente a partir de 1972, o que concedeu a esta categoria profissional o direito à Carteira de Trabalho assinada, salário maternidade, férias de 20 dias e piso salarial não inferior a um salário mínimo.

³⁸ Segundo Cortês (2016, p. 273) esta é a Lei 6.515 de 1977.

Enfim, pode-se afirmar que a mulher da classe média urbana, da década de 1960, embora estivesse ganhando espaço quanto à educação formal, assim como, ingressando no mercado de trabalho, ainda perdurava o ideário de que o casamento e a maternidade eram o destino natural de toda mulher, e que esta posição lhe conferia maior prestígio do que qualquer outra carreira profissional. Em se tratando de 1970, houve a ampliação do acesso à educação formal feminina, assim como uma maior abertura à mulher quanto ao mercado de trabalho, contudo ainda permanecia sob os ombros da mulher, a responsabilidade dos cuidados domésticos, com os filhos e com o esposo. Exercendo uma dupla jornada de trabalho: uma em sua profissão e outra em seus afazeres domésticos.

3.2 *Alvorada* e a mulher presbiteriana independente

Assim como em outras instâncias da sociedade, a mulher presbiteriana independente também foi, aos poucos, ganhando visibilidade na organização eclesiástica a que pertencia, embora ainda não pudesse ter acesso, de modo efetivo, às instâncias decisórias da Igreja, nas décadas de 1960 e 1970. Vários textos impressos em *Alvorada* expressam a influência feminina na igreja, bem como, quais seriam os sentidos atribuídos à mulher.

Vale ressaltar que, alguns meses antes da publicação de *Alvorada*, em dezembro de 1967, a então presidente da Confederação Nacional, juntamente com aquela que seria a editora de *Alvorada* por dez anos, foram até um Congresso Internacional no Uruguai para uma consulta acerca do papel da mulher cristã na América Latina. De acordo com o texto publicado em *O Estandarte* a pauta do Congresso do Uruguai consistia em:

1. Visão geral da América Latina.
2. Análise sociológica e psicológica da situação da mulher na América Latina.
3. Teologia da Missão Cristã.
4. Homens e mulheres na missão de Deus.
5. Como afeta à mulher o programa total da Igreja.
6. Afastamento das mulheres cristãs de suas Igrejas.
7. Dar consciência à mulher cristã. Qual deverá ser o seu testemunho e atitude frente aos problemas que enfrenta em seu labor diário. (O ESTANDARTE, 1967d, p.06)

É notável que havia não só em termos nacionais, assim como também em termos internacionais, preocupações quanto ao papel desempenhado pela mulher cristã, na igreja, bem como em seu relacionamento com a sociedade fora dela. É interessante destacar que neste Congresso no Uruguai, houve momentos baseados em conteúdos psicológicos e sociológicos

acerca da situação da mulher na América Latina, o que nos conduz à reflexão de que a editora de *Alvorada* estava imersa em discussões científicas e teológicas sobre a situação da mulher e que, portanto, publicaria textos condizentes com este repertório a que ela tinha acesso.

Provavelmente, esta constitui-se uma das razões pela qual, alguns sentidos atribuídos à mulher presbiteriana independente, estavam em consonância com o ideário construído no Brasil durante toda a primeira metade do século XX e que culminou na década de 1960, ressaltando a necessidade de que a mulher fosse considerada como igual ao homem em direitos, característica que é reafirmada em diversos textos.

Não obstante as objeções feitas, até por filósofos, as mulheres vêm disputando, mesmo, os lugares mais cobiçados pelos homens. Consideravam, antigamente, a mulher ser inferior ao homem. Alguns lugares de destaque, eram-lhe concedidos se por atos de extraordinária relevância conseguiam atrair a atenção dos homens. Porém, algo de inovação aconteceu com o advento do Cristianismo, que inovando muitas coisas, também colocou a mulher no seu verdadeiro lugar: companheira do homem, sua igual! (ALVORADA, 1969a, p. 26)

Interessante notar que esta posição em que a mulher era colocada, como igual ao homem, era proposta tanto por autores homens, assim como por mulheres; não somente em artigos, mas também em poemas, a defesa da igualdade entre os gêneros é bastante difundida e ensinada a partir até mesmo, de referências bíblicas, como ficava evidente no poema.

A MULHER

Dicla Borges Mendes

E disse o Senhor Deus:
 “Não é bom que o homem esteja só: Far-lhe-ei uma companheira”.
 Ao vê-la, o varão se alegrou!
 Era bela, alvissareira...
 Sentindo-se porém, fisicamente mais forte, sobre ela dominou.
 Com esta concepção de superioridade viveu o homem séculos afora...
 Pobre mulher sem liberdade!
 Ser mulher era tão triste e tão sombrio.
 Mas Cristo terminou o preconceito aterrador;
 Proclamou a liberdade perante o Pai Criador.
 Aos discípulos por certo, seu ato surpreenderia: viram-no conversar com uma mulher em Samaria.
 Permitiu que o acompanhassem, casada, viúva, solteira.
 A adúltera acusada, perdoou-lhe a culpa inteira.
 Elogiou a Maria, que o ungiu em sinal de gratidão.
 Fez da mulher mensageira de sua ressurreição.
 Tudo isso e muito mais, fez o Senhor à mulher.
 Com a naturalidade que o assunto requer.
 E a palavra de Deus, do nosso caminho a luz, diz:
 “Não há homem ou mulher, todos são um em Jesus.”
 A mulher tem seus direitos, pois pertence à humanidade.
 “E onde há o Espírito do Senhor, aí está a liberdade”.
 Hoje, pelo menos, nos países cristãos a mulher tem liberdade; não existe distinção.
 Gozemos os privilégios em santa vida de amor.
 Usemos a liberdade no Espírito do Senhor.

Fomos libertas para a vida e damos graças por isso.
 Pois toda essa liberdade nós a devemos a Cristo! (ALVORADA, 1976a, p. 7)

O poema destacava que “Cristo terminou o preconceito aterrador”; a autora estava se referindo aos relacionamentos que Jesus, o Cristo, estabeleceu com mulheres conforme os relatos bíblicos e assim vai citando alguns deles: Jesus conversando com uma mulher adúltera, Maria que ungiu os pés de Jesus e a tarefa de anunciar a ressurreição do Cristo também foi confiada às mulheres. Destaca ainda conceitos de igualdade entre os gêneros, os direitos da mulher, bem como a liberdade conferida às mulheres cristãs. Nota-se, que todos estes conceitos colocados em evidência, impressos em *Alvorada*, eram parte integrante das discussões feministas, assim como exposto anteriormente.

Segundo Wolff (2017, p. 192), a mulher está no início de muitas coisas na comunidade cristã: na anunciação da ressurreição, no anúncio da presença de Cristo, na decisão de fé, tomada por Maria, mãe do Cristo. Segundo o autor, as primeiras comunidades cristãs procuraram viver em condições de igualdade entre os seus integrantes.

Em *Alvorada*, embora se tratasse de igualdade entre homens e mulheres, havia papéis considerados próprios do mundo feminino, e a revista expressa em suas páginas quais eram estes papéis e que precisavam ser ensinados e reafirmados à mulher presbiteriana independente.

3.2.1 A mulher educada

Um dos sentidos atribuídos à mulher presbiteriana independente era o de uma mulher instruída, estudada, considerada culta. São vários os aspectos quanto ao conteúdo de *Alvorada* que conduzem a esta afirmação. Dentre eles, é possível ressaltar as várias sugestões de leitura, sejam expressas em uma seção própria para isto, como em “Meu amigo o livro”, ou mediante a publicidade de livros, ou ainda, por intermédio da própria leitura da revista.

Este aspecto também podia ser percebido em entrevistas feitas com mulheres, ou por meio da publicação de algumas biografias femininas, tidas como personalidades e modelos femininos entre as sócias da Confederação Nacional de Mulheres. Na publicação da biografia da primeira presidente da Confederação, por exemplo, destaca-se o fato de ela ser dentista em exercício da função: “Estudei na Universidade de Belém do Pará, onde me formei em Odontologia, profissão que exerço como funcionária do INPS na capital paulista.” (ALVORADA, 1968, p.4). Em outra biografia é colocado em destaque que essa mulher como exemplo de mulher cristã, era “amiga dos livros, sendo a leitura instrutiva e edificante de bons

livros uma de suas distrações prediletas.”(ALVORADA, 1969, p. 13). Ora, se essas mulheres, colocadas em evidência pela revista, eram cristãs, esposas, mães e profissionais, então isto poderia se estender a todas as mulheres presbiterianas independentes.

Esta característica, de mulher instruída, era colocada como imprescindível, em *Alvorada*, pois a instrução ou elevação cultural, traria à mulher um aumento de sua capacidade de influência no mundo.

A mulher inteligente e culta não perde de vista os problemas que afligem a humanidade e procura colaborar, empregando o seu sacrifício, para uma solução construtiva. [...] A mulher de formação especial, é uma vidente. Em regra, todos os grandes movimentos de renovação social e cultural, são produzidos por pessoas, homens ou mulheres, de cultura sólida e ampla. (ALVORADA, 1970, p. 4)

Nota-se que há uma relação estabelecida pelo autor do texto, um pastor, entre inteligência, cultura, formação e renovação social e cultural de modo que colocava a cultura “sólida e ampla”, como condição para a solução dos problemas da humanidade.

De acordo com a revista em estudo, uma das formas de instrução da mulher se efetivaria através da leitura de livros; na seção “Meu amigo o livro” fica evidente esta preocupação, contudo era uma instrução vinculada à religiosidade, visto que a grande maioria das sugestões literárias era de origem protestante.³⁹ A autora da seção destaca em sua primeira publicação, que a Bíblia deveria ser o primeiro livro a ser lido, visto que “Mesmo para a cultura geral é necessário o conhecimento da Bíblia.” (ALVORADA, 1969b. p.26), e ainda que a leitura da própria revista, serviria a este papel instrucional.

Contudo, este aprofundamento cultural, não se restringia ao conhecimento bíblico, como pode se observa na Figura 10.

Figura 10 – Convite para palestra

**PALESTRA DE ORIENTAÇÃO AOS PAIS DE ADOLESCENTES PELO
 PROF. JOSÉ NOVAES PATERNOSTRO – DIA 23 DE OUTUBRO, ÀS
 14 HORAS, NO TEMPLO DA IPI DO IPIRANGA.**
PROMOÇÃO DA CONFEDERAÇÃO
 (Ele é Prof. em várias Faculdades, Psicólogo Evangélico de muita experiên-
 cia, e que esperamos seja uma boa reunião. Enfatizar a presença de todos os pais).

(ALVORADA, 1976c, p. 13)

³⁹ Ver Quadro 9.

É importante notar que este convite era dirigido “aos pais”, e não somente à mulher, o homem passava a ser considerado como corresponsável pela educação dos filhos. Embora, em alguns textos fosse atribuída ao pai a responsabilidade pela educação dos filhos, o papel de educadora por excelência era atribuído à mulher. Assim, a mulher presbiteriana independente poderia ser educada também por meio de palestras, cursos, congressos, e que nunca deixasse de procurar mais e mais conhecimento.

Para possibilitar o acesso ao conhecimento para a mulher, a revista publicava textos com conteúdo de psicologia infantil e orientações médicas sobre o desenvolvimento da criança; textos sobre como tratar o filho adolescente; técnicas de como contar histórias, o que indica o objetivo de elevar o nível de conhecimento “cultural” da mulher presbiteriana independente. Este conhecimento interessava não somente para fazer da mulher um ser humano mais instruído, assim como também, para capacitar a mulher a exercer o seu ofício, tido como natural pela Confederação Nacional, ser educadora.

3.2.2 A mulher educadora

Outro sentido de grande destaque atribuído à mulher presbiteriana independente foi o de mulher educadora, seja no contexto familiar ou no contexto eclesial. Como já apresentado em outros momentos, as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por grandes movimentos estudantis no Brasil, os quais também exerceram influência direta sobre os jovens da IPIB. Em resposta à preocupação com o caminho que os filhos de pais cristãos vinham tomando, *Alvorada* publicou textos diversos abordando este assunto, como é possível observar em um dos artigos:

O problema da juventude é hoje mais intenso e agudo que em épocas anteriores mas, para ser resolvido não é necessário a exploração de uma espécie de conflito de gerações. [...] Assim, atrás dessa “crise da juventude atual”, está a **crise da civilização**, para a qual nós adultos também contribuimos, e ante ela, por vezes, ficamos perplexos e desorientados. (ALVORADA, 1969a, p. 8)

Diante deste quadro de intensa preocupação com a juventude e com a educação das crianças, no qual os adultos são considerados como aqueles que contribuíram para esta crise, a mulher é destacada como aquela que se tornaria responsável para a solução destes problemas. Para isto, *Alvorada* apresentou 5,7% dos seus temas dedicados à educação de filhos nas várias fases da vida, desde a primeira infância até a juventude, o que denota que se julgava necessário

instruir as mães com conteúdo informativo acerca dos filhos, a fim de tornar cada mãe como uma educadora por excelência:

Cabe às mães o mister de moldar as pequeninas almas e torna-las úteis à sociedade. [...] Às mães, principalmente, cabe a arte da formação moral, do burilamento da alma e do espírito dos pequeninos. (ALVORADA, 1971b, p. 19)

É possível notar que, embora a revista estivesse sendo publicada em 1970, e apresentasse, como já referido anteriormente, alguns conceitos feministas, ainda estava arraigado aos textos publicados na revista, o ideal da “boa mãe”, que era difundido desde o final do século XIX. Nos dizeres de Pinsky a “boa mãe” era aquela que

[...]além de ter os filhos “sempre bem arranjados e limpos”, acompanha de perto o crescimento dos pequenos e os ensina a rezar e a comportar-se adequadamente, livrando-os de perniciosas influências externas que comprometem o “fortalecimento da raça”. Esse modelo, dito universal, só podia ser atingido por mães com condição material para tanto, discriminando aquelas que, levadas a trabalhar para garantir o seu sustento, não podiam dedicar-se às crianças com o desvelo prescrito. (PINSKY, 2016, p.492)

Para o desenvolvimento desta mulher educadora, *Alvorada* apresentou textos sobre a saúde da criança, sobre como as crianças aprendem, sobre o ensino das boas maneiras à mesa, ideias para atividades em família para as férias, além de divulgar materiais de educação cristã.

Além de exercer seu papel de educadora com os filhos, à mulher presbiteriana independente também estava reservada a tarefa de educar nas escolas bíblicas dominicais, o que é possível atestar em vários artigos.

Cabe uma referência ao papel da mulher na Escola Dominical. Trazendo seus filhos, encontramos-a em todos os departamentos, mas é exclusiva no Jardim de Infância e Primário. O dom feminino de multiplicar o tempo encontra aqui plena aplicação. Somente a mulher realiza com perfeição o milagre de transpor para o ambiente formal da escola o calor e o carinho do lar cristão, inculcando em seus alunos, como a filhos, as palavras de Deus. (ALVORADA, 1969b, p.32)

Fica em evidência, que a mulher como educadora assumia características transcendentais, visto que “só ela” podia fazer o “milagre” de reproduzir na escola o “calor e o carinho do lar cristão”. Cabia à mulher, também no contexto da igreja, ensinar às crianças a palavra de Deus, considerando seus alunos como filhos. Esta visão nos remete àquela já citada anteriormente no capítulo 2.

Para exercer seu trabalho de educadora na igreja, foi elaborado por um grupo de mulheres que faziam parte da IPIB, um material instrucional para a efetivação das aulas bíblicas

dominicais, intitulado “Falemos de Cristo aos Pequenin@s”. De acordo com a propaganda publicada na revista, o manual era organizado em 12 unidades, contendo 53 lições que abrangiam todos os domingos do ano, com modelos de trabalhos manuais, noções de psicologia e pedagogia infantil, assim como instruções para se confeccionar uma bandinha rítmica e outros (ALVORADA, 1972a, quarta-capa).

Figura 11 – Propaganda de material infantil para a escola dominical

“Falemos de Cristo aos pequenin@s”

Lições para o “JARDIM DA INFÂNCIA”, preparadas por uma equipe composta das professoras: Iaci do Valle Pereira Nogueira, Odeete Ferreira de Barros Lima, Eny Borges, Beatriz Nogueira do Valle, Iara Nogueira do Valle Fernandes, Marisia Lázaro, Esther Perrotti Roja e Dña. Maria Clemência Damasceno, como coordenadora da Comissão de Educação Religiosa do Supremo Concílio.

“FALEMOS DE CRISTO AOS PEQUENINOS” contém: 12 unidades com 53 lições para os domingos do ano, acompanhadas de modelos para trabalhos manuais; noções de Psicologia e Pedagogia infantil; programas para as datas especiais e lições específicas dentro do calendário nacional; a música na Escola Dominical; indicações de lições avulsas para as unidades; organização e como confeccionar instrumentos e uma bandinha rítmica; material para cartazes e como usar material áudio-visual; recreação e outros. São dois livros: Volume I e Volume II. Os pedidos devem ser dirigidos à Livraria “PENDÃO REAL” — Cx. Postal 300 — 01000 — São Paulo — Capital. Tel. 256-7505 — Atende-se pelo Reembolso Postal.

Fonte: (ALVORADA, 1972a, quarta-capa)

Parece que estas ações destinadas à mulher como educadora, tomavam como base um tipo de educação que, em um dos artigos, é nomeada como “Educação Renovada”, apresentada em contraponto à “Educação Tradicional”. Segundo a autora deste artigo, a “Educação Renovada” tem a criança no centro, e tudo deveria girar em torno da criança, das suas necessidades, da sua realidade; nos dizeres da autora, a ausência das crianças das escolas dominicais era o resultado da falta de modernização das igrejas.

Igreja – Esta agência precisa acordar, sacudir duas estruturas e voltar-se para o moderno conceito de Educação. A Igreja está em crise exatamente porque tem falhado na sua obra educativa; enquanto a escola secular se desenvolveu e se modernizou a Escola Dominical ainda continua nos mesmos moldes de 30 anos atrás. Preocupada com a informação, tem se descuidado de analisar os seus objetivos e conteúdos, passando por cima das reais necessidades da criança. O que se vê, é uma fuga das Escolas Dominicais. (ALVORADA, 1973b, p. 20)

Nota-se uma dura crítica à organização da Escola Dominical, que nos dizeres da autora estava presa à uma educação “de 30 anos atrás”, antiquada, portanto. Era necessário assim também para escolas bíblicas, ter como ponto de partida uma educação centrada na criança e em suas necessidades, com objetivos claros e definidos. Parece que a autora do texto estava influenciada pelas ideias ligadas à pedagogia ativa (LIBÂNEO, 2005, p.6), que considera o educando como o centro e sujeito do processo do conhecimento.

Embora o papel de educadora ocupasse um lugar importante entre as atribuições femininas, em *Alvorada*, o maior sentido atribuído era o incentivo ao trabalho feminino na igreja, para além da educação.

3.2.3 A mulher que trabalha

Indubitavelmente o trabalho feminino desenvolvido na igreja é a grande tônica da revista *Alvorada*, visto que 41% dos textos apresentados tinham o objetivo claro de subsidiar os encontros das SAS, as celebrações de datas comemorativas na IPIB e os outros trabalhos desenvolvidos pelas mulheres para além do trabalho educativo exercido por elas, junto às crianças. Este montante textual era composto por: relatos de trabalhos femininos desenvolvidos nas diversas SAS, campanhas para auxílio de missionários, relatórios, sugestões de programas comemorativos, narrativas, crônicas e poemas. A estes textos, é possível acrescentar as reflexões bíblicas, que geralmente eram utilizadas nas reuniões de mulheres, uma vez que por volta de 21% do total de textos apresentados na revista tinham este caráter.

O trabalho feminino na igreja foi deveras destacado na revista, não somente como educadora mas também como evangelista, isto é, como aquela que leva os conceitos cristãos àqueles que não possuem nenhuma confissão de fé ou àqueles que são de outra religião, em busca de convertê-los à fé protestante:

A mulher evangélica tem uma tarefa na obra missionária, obedecendo à ordem de Cristo, que disse: “Ide e pregai o evangelho a toda a criatura.”[...] **Fora do lar**, também temos a nossa tarefa:

a)orando pelos pregadores e pelas almas perdidas.

- b) pela música e pelo canto
- c) escrevendo
- d) distribuindo literatura religiosa
- e) pregando
- f) pelo testemunho (ALVORADA, 1974c, p. 23)

Está em destaque que a mulher tem um papel a ser desempenhado “fora do lar”, o qual poderia ser desempenhado em diferentes funções: orar, pela música, através da escrita, por intermédio da pregação e pelo testemunho. A revista trazia várias sugestões de oração em forma de poema, bem como pedidos de oração por missionários e pelos seminaristas, somados aos programas de oração, amparando assim esta função exercida pela mulher. Quanto à questão musical - outro modo de ação da mulher cristã - era possível encontrar em diversos números diferentes partituras e sugestões de músicas a serem cantadas nos programas festivos publicados. O testemunho também podia ser ancorado em *Alvorada*, por intermédio, sobretudo, dos artigos que versavam acerca de um padrão comportamental cristão.

Em *Alvorada*, os textos publicados sugerem que a mulher poderia abrir mão de diferentes modos de evangelização com vistas a atender “à ordem de Cristo”. Além das práticas religiosas da oração, havia lugar para a palavra falada e escrita no desenvolvimento deste trabalho, tido como nobre para as mulheres protestantes. É muito significativa esta referência à pregação, pois até mesmo o Cristo conferiu credibilidade ao trabalho das mulheres, conforme a revista.

Houve um homem que confiou nas mulheres, na sua tática, na sua inteligência, na sua consagração: Jesus Cristo, o Príncipe da Paz. As mulheres estiveram sempre ao seu lado durante o seu Ministério Público. Acompanharam-no até a morte. Na ressurreição do mestre, foram as primeiras testemunhas. Hoje, no Reino de Deus, a alegria do Mestre tem como suporte, também, a consagração feminina. (ALVORADA, 1974c, p. 35)

Outros trabalhos femininos eram relatados em *Alvorada*, tais como o trabalho de mulheres em tribos indígenas brasileiras como missionárias, a fim de dar notícias de como elas estavam, visto que recebiam apoio financeiro das SAS. Era possível encontrar ainda relatos de trabalhos desenvolvidos por diversas SAS do Brasil, com um fim bastante evidenciado, inspirar ou dar ideias de trabalhos que poderiam ser desenvolvidos. Nestes relatos, constavam obras de caridade, que iam desde a organização de bazares para angariar fundo para o sustento de estudantes de teologia, confecção de roupas de tricô e crochê para aquecer pessoas no inverno, visitas a encarcerados e outros tantos. Segundo um dos escritores de *Alvorada* o trabalho feminino poderia ser visto em vários setores.

As atividades das senhoras na grande seara do Evangelho se distribuem por variados setores: No lar, na escola e na Igreja, nos hospitais, asilos e cárceres, na educação e evangelização, nas obras de filantropia, junto aos filhos, no coração das crianças e no idealismo dos jovens. Por toda parte, na sociedade humana, ao lados dos pobres e ricos, junto aos sábios e ignorantes, brilha a mulher cristã, modesta e distinta nos trajes, digna nos gestos e no semblante, pura nos olhos e no falar, semelhante a um anjo de luz, vocacionada por Deus, enviada por Deus, para distribuir as bênçãos do amor divino que o Espírito Santo derramou em seu coração, quando este se abriu à maravilhosa luz do Evangelho. (ALVORADA, 1969b, p. 3)

Interessante notar que embora as mulheres fossem incentivadas a trabalhar em diversas áreas de atuação na obra de evangelização ou de trabalho social, no que se refere à carreira feminina, pouco se divulga, a não ser, nas poucas biografias que foram publicadas, ou em referência à profissão de algumas autoras, que em geral, eram professoras.

Contudo, todas estas funções ensinadas, relatadas e exercidas pelas mulheres presbiterianas independentes, eram muito semelhantes ao que se preconizava como função própria dos pastores, ministros ordenados. De acordo com Sampaio (1989), o ministério ordenado, isto é o ofício de pastor, se caracteriza por “[...] congregar e construir o Corpo de Cristo, pela proclamação e ensino da Palavra de Deus, pela celebração dos sacramentos, e pela direção da vida da comunidade na sua liturgia, missão e diaconia”. Se as mulheres eram ensinadas a fazerem reuniões, portanto, congregavam; a ensinar a Bíblia e dirigir cultos, estavam proclamando e ensinando a palavra de Deus; evangelizavam e desempenhavam as tarefas de socorro, isto é característica da diaconia; só lhes faltava a normatização legal da igreja para a ministração dos sacramentos, para que pudessem ser reconhecidas como pastoras ordenadas.

Segundo Rohden (1997), desde a década de 1930, nas igrejas protestantes históricas, categoria em que a IPIB se enquadra, já havia reivindicações pela ordenação feminina. Contudo, para as igrejas protestantes históricas, a ordenação feminina se efetivou somente em 1974, na Igreja Metodista. O acontecimento foi divulgado, na coluna da Confederação Nacional de Senhoras, “Senhoras em ação” de *O Estandarte*:

A Igreja Metodista do Brasil no seu Concílio Geral de 1970, incluiu em seus estatutos o direito de também as mulheres serem votadas para PRESBÍTERAS e até PASTORAS. Neste ano de 1974, num plenário com 72 eleitores, 68 votaram “sim” para o ingresso de uma jovem senhora, à ordem presbiterial da Igreja Metodista do Brasil. [...] Os presbíteros formavam um conselho, intitulado “presbitério”, e individualmente não tinham função específica. Mais tarde, o termo foi empregado para designar os pastores, que tinham a função de orientar os cultos e administrar as

igrejas nascentes. O cargo era patriarcal e as mulheres não faziam parte dos presbitérios. (O ESTANDARTE, 1974, p.4)

Nota-se que a autora da matéria, emprega um vocabulário utilizado pelas feministas da época ao referir-se ao cargo conquistado pela primeira presbítera metodista, como um cargo anteriormente “patriarcal”. No fim do artigo, a responsável pela seção em *O Estandarte* expressa seu desejo de modo bastante explícito, afirmando “[...] que outras igrejas possam em breve, colocar também mulheres em cargos assim, visando o maior desenvolvimento e crescimento da Igreja de Cristo em nossa Pátria.” (O ESTANDARTE, 1974, p.5), ficava em evidência que por meio dos agenciamentos estabelecidos pela Confederação Nacional de Senhoras, se efetivava uma postura desafiadora no que concerne a estrutura patriarcal em que se assentava a igreja.

Fica patente a aspiração das mulheres presbiterianas independentes ao ministério ordenado⁴⁰, bem como a utilização da revista *Alvorada* para a disseminação desta ideia, diante do conteúdo dos textos descritos até o presente momento. Mesmo que a partir de 1972, não se encontrem mais referências explícitas na revista sobre este assunto, nos anos subsequentes, a revista continua a reforçar a ideia de que a mulher tinha papel essencial no desenvolvimento da obra cristã, que precisa estar sempre unida a outras mulheres, exercendo as diversas tarefas atribuídas a elas no contexto eclesial.

Embora, neste período de estudo, a luta pela ordenação feminina não tenha ficado externada em *Alvorada* para além do ano de 1971, não significa que ela não continuava latente. A revista foi objeto de exercício de agenciamento feminino desenvolvido pela Confederação Nacional de Senhoras, compreendendo agenciamento na perspectiva de Mahmood:

Mais concretamente, nesta análise a agência feminina parece reproduzir uma consciência feminista – às vezes reprimida, às vezes activa - articulada contra as normas culturais hegemônicas masculinas [...] A agência, deste ponto de vista, é entendida como a capacidade de cada pessoa para realizar os seus interesses individuais, em oposição ao peso do costume, tradição, vontade transcendental ou outros obstáculos individuais e colectivos. (MAHMOOD,2006, p.127)

Deste modo, a mulher presbiteriana independente, exercendo a sua agência frente à organização da IPIB continuou desempenhando as tarefas tomadas por elas mesmas, como

⁴⁰ Segundo Proença (2002, p. 88), na década de 1970, muitas mulheres presbiterianas independentes ingressaram no curso de teologia da IPIB, mesmo sem poderem ser ordenadas pastoras. A autora destaca que algumas alunas daquele período migraram para a Igreja Metodista ou para a Igreja Evangélica da Confissão Luterana do Brasil, sendo ordenadas como pastoras nestas igrejas.

propriamente suas para o crescimento da fé cristã: uma mulher educada, educadora e trabalhadora na igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, o questionamento inicial acerca de qual seria a proposta educativa para a mulher presbiteriana independente construída na revista *Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente*, foi o que impulsionou e permeou toda esta pesquisa que ora se efetiva, distribuída em um texto que ocupa três capítulos.

Para alcançar respostas referentes à questão primordial desta pesquisa, alguns desafios foram surgindo ao longo do percurso. O primeiro desafio encontrado foi o de constituir o *corpus* documental, diante do tempo transcorrido desde a primeira publicação de *Alvorada* e pelo fato de não haver um acervo constituído e organizado da revista; desafio superado após a efetivação de vários contatos telefônicos e por meios eletrônicos com colecionadores, que gentilmente, cederam seus exemplares da revista. Contudo, não foi possível ter acesso a todos os 37 números publicados entre 1968 e 1978, de modo que o *corpus* documental foi constituído por 24 números da revista publicados no período estudado. Outro fator desafiador foi o de movimentar um universo amplo de conhecimento, que perpassou desde a história do protestantismo brasileiro, a história das mulheres do Brasil, a história da imprensa feminina brasileira, alcançando o feminismo e a teologia feminista, demandando um trabalho de intenso estudo e dedicação.

Assim, a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, o estudo da revista deu-se pelo método de análise da configuração textual de Magnani (1993), que se efetua inicialmente, pela arguição dos aspectos constitutivos da revista, a saber: as opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por determinado autor (quem?), que se apresenta como sujeito de um discurso produzido a partir de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas motivações (por quê?) e propósitos (para quê?), com vistas a produzir efeito em um leitor determinado (para quem?), bem como a circulação, utilização e repercussão obtidos pelo autor do texto no período de leitura em estudo. No emprego da análise da configuração textual, foi necessário empreender a investigação em outras fontes documentais para além da revista, como por exemplo, no

periódico da Igreja Presbiteriana Independente, *O Estandarte*, e nos diversos cadernos de *O Estandarte*, publicados com o título *Ecos do Centenário*.

O ponto de partida da pesquisa foi a reconstituição histórica do trabalho feminino da IPIB, bem como os aspectos institucionais que cercavam a criação da revista. Para isto, o primeiro capítulo apresentou inicialmente, um levantamento histórico bibliográfico, acerca do trabalho feminino da IPIB, que se tornou sistematizado a partir da década de 1930, bem como, um panorama dos conflitos institucionais que a igreja enfrentava entre as décadas de 1960 e 1970 e que possivelmente contribuíram para o incentivo e fortalecimento do trabalho exercido pelas mulheres e conseqüentemente para a criação de *Alvorada*, que pode ser considerada como uma resposta material do trabalho feminino na IPIB, por meio das Sociedades Auxiliadoras de Senhoras (SAS).

Em prosseguimento ao primeiro capítulo, se fez necessário analisar por onde *Alvorada* circulou e qual foi o seu alcance, e ainda, a relação estabelecida entre o contexto nacional religioso da IPIB e do trabalho feminino institucional. Neste momento da pesquisa, foi possível verificar que a publicação que em sua primeira tiragem imprimiu 4000 exemplares e em dez anos passou a uma tiragem de 20000 revistas, o que pode ser considerado como um avanço significativo. Além do crescimento quanto ao número de revistas impressas, também foi exposto que a revista circulou por 17 estados brasileiros e por sete países, o que denota uma aceitação positiva do conteúdo da revista que atingiu prioritariamente o público feminino, contudo foi lida e apreciada, também por homens.

Em acréscimo à compreensão da revista no cenário religioso e brasileiro, busquei identificar as aproximações e os distanciamentos entre *Alvorada* e o cenário da imprensa feminina e da imprensa feminina protestante. Assim, o primeiro capítulo é finalizado por intermédio da apresentação das revistas femininas de maior destaque no Brasil nas décadas de 1960 e 1970 e de suas características conteudísticas. Por intermédio desta análise foi possível atestar que *Alvorada* se aproximava do universo das revistas femininas brasileiras no seguintes sentidos: ampla diversidade textual, abrangendo desde o cuidado doméstico, perpassando por dicas psicológicas, e uso de linguagem coloquial e pessoal; ao mesmo tempo distanciava-se delas no que se refere à intensa comercialização de produtos, por meio de propagandas, de cunho comercial, o que eram muito comum nas revistas femininas de circulação nacional e também no que concerne a um tema muito abordado em 1970, a sexualidade, tema que não é mencionado em *Alvorada*. A análise prossegue adentrando o universo das revistas femininas protestantes, sendo possível verificar que já estavam em circulação em 1960, cinco outras

revistas femininas protestantes, de modo que *Alvorada* tem o surgimento mais tardio entre elas, tendo-as como referencial para a sua configuração e constituição. Todas eram publicadas trimestralmente, tinham a função de serem órgãos de comunicação entre as sociedades femininas de suas respectivas igrejas, apresentavam textos semelhantes quanto a algumas temáticas: receitas culinárias, organização da casa e cuidado com os filhos, bem como devocionais, estudos bíblicos e exemplos de mulher cristã. Importante ressaltar que, *Alvorada* na medida em que subsidiou o exercício do trabalho feminino na IPIB, deu poder às mulheres presbiterianas independentes para levar a efeito diversos projetos na instituição eclesiástica.

Por conseguinte, no segundo capítulo, o objetivo foi de analisar os aspectos estruturais-formais e temáticos-conteudísticos de *Alvorada* identificando suas relações com a educação feminina protestante. No levantamento inicial é possível perceber que a revista, embora tivesse colaboradores homens em seus textos publicados, versava muito mais sobre uma visão feminina da mulher presbiteriana independente, tendo em vista que a grande maioria dos textos publicados era escrito por mulheres. Iniciei este capítulo com a análise das capas, nas quais é perceptível a preocupação em educar a mulher presbiteriana independente para o exercício do seu trabalho na igreja, tendo em vista, dentre outros aspectos abordados, a publicação dos calendários anuais pela Confederação Nacional de Mulheres, que norteavam a organização dos trabalhos femininos nas SAS. Demonstrei neste capítulo, que a educação feminina também se efetivava por intermédio do conteúdo impresso nas contracapas da revista, considerando o número predominante dos artigos e reflexões bíblicas com conteúdo instrucional.

Em continuidade a análise dos aspectos estruturais-formais e temáticos-conteudísticos, o segundo capítulo apresenta e estuda os textos publicados fora de seções. É possível observar que a maior parte dos textos publicados na revista não estavam abrigados em seções e apresentavam uma grande diversidade quanto aos gêneros textuais apresentados: artigos, poemas, estudos bíblicos, crônicas, biografias, entrevistas, partituras, notas, frases de inspiração, campanhas e relatórios das SAS. Nesse conjunto textual, os textos fora de seções, diversos artigos tinham por objetivo habilitar a mulher cristã para exercer o seu papel educativo, como mãe e como educadora de crianças na igreja, visto que seu conteúdo estava voltado para a educação de filhos e conceitos de psicologia sobre o desenvolvimento da criança, bem como, a exaltação do caráter divinal da maternidade, o que pode estar relacionado com o crescimento do ingresso das mulheres brasileiras no mercado de trabalho nas décadas estudadas. Outro aspecto observado nos textos fora de seções, foi a preocupação em instrumentalizar a mulher presbiteriana independente para o trabalho feminino na instituição eclesiástica: instruindo-a

como ser educadora na igreja, como desempenhar as funções atribuídas pela SAS no auxílio de missionários, no amparo de seminaristas, organização das diversas celebrações propostas pelo calendário anual da Confederação e incentivando a mulher presbiteriana independente para o aprofundamento teológico.

O segundo capítulo é finalizado, com a investigação dos textos que integravam as seções da revista, a saber: “Em tom de conversa”, “Meu amigo o livro”, “Cartas a equipe” ou “Cartas à redação”, “Fizemos e deu certo”, “De nossos pastores para *Alvorada*” e “De tudo para todos”. Na sequência do capítulo, cada uma das seções é estudada, sendo possível verificar que a mulher era educada quanto aos cuidados domésticos, mas com a preocupação de orientá-la como conciliar o trabalho doméstico com os compromissos na igreja. Nas seções é predominante, o caráter educativo da revista por meio de textos instrucionais, apresentando o padrão cristão de comportamento feminino; ou mediante sugestões de leituras, que constavam em uma seção; seja pelo uso de fotografias nos relatos de trabalhos desenvolvidos pelas SAS, reforçando a importância do trabalho feminino na IPIB.

No terceiro capítulo, o objetivo estava em compreender as relações entre forma e conteúdo dos textos da revista e a proposta educativa para a mulher presbiteriana independente construída nessas relações. Para isto, inicialmente, foi necessário verificar por intermédio da análise de três eixos: trabalho, educação e lazer, quais foram as mudanças vivenciadas pela mulher brasileira, entre as décadas de 1960 e 1970. Este período foi marcado pela ampliação dos horizontes de atuação feminina na sociedade brasileira, com aumento do acesso à escolarização e ao ensino superior e pelo exercício de outras profissões para além do magistério e do trabalho fabril. Vale ressaltar que está em ebulição as ideias do feminismo de segunda onda, movimento que busca a desnaturalização das diferenças entre homens e mulheres. Quanto ao lazer, no período estudado, amplia-se o mercado de impressos femininos na década de 1960 e em 1970 e as telenovelas passam a configurar como parte integrante dos momentos de descanso. Tanto as revistas quanto as telenovelas, exerciam forte influência quanto aos padrões comportamentais e de vestuário da mulher brasileira, sendo inclusive veículos de divulgação de ideais feministas, principalmente na década de 1970.

Embora tenham sido muitos os avanços no que concerne à vida profissional e acadêmica da mulher, entre as décadas de 1960 e 1970 no Brasil, estando em evidência os questionamentos feministas acerca dos papéis tidos como naturalmente femininos, e havia uma valorização da igualdade entre homens e mulheres em diversos aspectos; a maternidade e o casamento ainda

eram considerados o destino natural de toda mulher, de modo que, a mulher passou a acumular as responsabilidades dos afazeres domésticos, da maternidade e da vida profissional.

De modo semelhante ao que acontecia na sociedade brasileira entre 1960 e 1970, a proposta educativa para a mulher presbiteriana independente construída em *Alvorada*, girou em torno de três aspectos: a mulher educada, a mulher educadora e a mulher que trabalha. Havia um incentivo para o desenvolvimento intelectual das leitoras, a fim de que pudessem contribuir de modo efetivo para a transformação da sociedade, para isso a revista apresentou sugestões de livros a serem lidos, artigos sobre psicologia infantil, dicas de como contar histórias, entre outros textos. Outro aspecto que mereceu destaque em *Alvorada* é o de propagar a igualdade entre homens e mulheres, inclusive com argumentos bíblicos, ideia esta ancorada nos preceitos feministas da época. A temática de maior ênfase em *Alvorada* é a da mulher que trabalha no contexto eclesial, de modo que a abordagem adotada pela revista contribuiu para a formação da mulher para o exercício do ministério ordenado, em todos os seus aspectos: proclamação e ensino bíblico, direção litúrgica da comunidade, trabalho diaconal e evangelização. Embora a ordenação feminina não fosse possível neste período na IPIB, nem ficasse de modo evidente na maioria dos textos publicados, esta foi a perspectiva educativa de maior destaque, a partir da análise dos conteúdos expressos nos textos.

Ao final da escrita deste texto consigo perceber que existem ainda muitas outras possibilidades de continuidade de pesquisa a partir desta, sendo uma delas observar, se houve mudanças na perspectiva educativa da mulher nos anos subsequentes na revista, associadas ou não às mudanças da própria revista, da SAS e do cenário brasileiro, ou ainda em que período se efetivou a ordenação feminina na IPIB e quais as contribuições de *Alvorada* neste processo. É possível ainda construir um histórico do trabalho feminino na IPIB, a partir de outro periódico, *O Estandarte*, tendo em vista que as mulheres tinham um espaço garantido na publicação na seção “Senhoras na Seara”.

É importante ressaltar que esta pesquisa não esgota a temática visto que, é apenas uma representação da história aqui construída. Nos dizeres de Certeau:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um *lugar* social, de *práticas* "científicas" e de uma *escrita*. (CERTEAU, 1982, p. 65)

Deste modo, outro pesquisador, que ocupa um outro lugar social, provavelmente será capaz de produzir uma outra escrita da proposta educativa para a história da mulher presbiteriana independente. Entretanto a primeira claridade foi aqui produzida; que outras alvoradas venham trazendo luz às manhãs vindouras.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Márcia de Almeida [et al.] (Org.). **Qual o valor da história hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 21-39.

ALMEIDA, Jane Soares de. E nos foi prometida a Terra da Paz: as missões no Brasil no séc. XIX. In: VIEIRA, Cesar Romero Amaral; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do (Org.). **Contribuições do Protestantismo para a História da Educação no Brasil e em Portugal.** Piracicaba: Editora Unimep, 2016.

ALMEIDA, Nukacia Meyre Araujo de. **Jornal das Moças: Leitura, Civilidade e Educação Femininas (1932-1945).** 2008. 265 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

AZEVEDO, Lilian Henrique de. **A Construção da Nova Mulher nas Revistas Querida e Claudia (Décadas de 1960 e 1970).** Tese (Doutorado em história) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis. Assis, p.215. 2009.

BARBOSA, Sandra Couto. **Desvendando Imagens, Revirando Páginas: A Construção do Feminino nas Revistas da Década de 1960 (Brasil e Inglaterra, a Circularidade da Cultura).** 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Paulista, São Paulo, 2014.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno.** Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v. II. Tradução Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BENARDES, C. R. O. et al. O que é Sororidade e por que precisamos falar sobre? In **Carta Capital**, jun. 2016. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2016/06/02/oque-e-sororidade-e-por-que-precisamos-falar-sobre/>. Acesso em: 13/01/2020.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador.** Tradução: André Telles. Rio de Janeiro : Zahar, 2001.

BRITO, Ilana Di. **Conheça o Palácio da Alvaroda.** Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Interiores/casas/noticia/2016/08/conheca-o-palacio-da-alvorada.html>. Acesso em 24/04/2019.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa Feminina.** 2ªed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Mulher de papel:** a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2ªed. São Paulo: Summus, 2009.

CAMPOS, Leonildo Silveira. A IPI do Brasil nos “anos de chumbo” (1964-1985). **O Estandarte:** ecos do centenário. p. 23-39. São Paulo: Editora Pendão Real, 2006. Disponível em: http://www.teologiaesociedade.org.br/assets/caderno_04_miolo.pdf. Acesso em 17/10/2017.

CANET, Eny de Moraes Diniz. **Representações femininas na Revista Voz Missionária.** 1987 156 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1987.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2ªed. , 1998.

_____. **A história cultural: entre práticas e representações.** Portugal: Difusão editorial, 2ª ed., 2002

_____. Texto, impressão e leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. O mundo como representação. In: **Estudos avançados.** v.5, n.11, p 173-191, 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 07/04/2019

CHIARETTI, Paula. **O que quer uma mulher segundo o discurso da revista feminina.** 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2008.

COMISSÃO DO LAICATO DA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL. **Senhoras na Seara.** São Paulo: Livraria e papelaria da IPI do Brasil, 1968.

CORTÊS, Iáris Ramalho. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Maria Joana (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette:** mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ECKER, Elisabeth do Amaral. **Condição feminina protestante:** um estudo do caso da Igreja Presbiteriana do Brasil. 2002. 391f. Dissertação (mestrado em história) – Universidade do Vale dos Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2002

FARIA, Eduardo Galasso. A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil nos anos quarenta. **O Estandarte:** ecos do centenário. p. 23-39. São Paulo: Editora Pendão Real, 2002. Disponível

em: http://www.teologiaesociedade.org.br/assets/caderno_03_miolo.pdf. Acesso em 17/10/2017.

FARIAS, Marcilene Nascimento de. **Feminismo e Religião: as representações sobre o feminismo na revista *Servas do Senhor* (1960-2000)**. 2011. 186 f. Dissertação (mestrado em história) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, p. 186. 2011.

_____. O exemplo das Relações de Gênero no Protestantismo. In: MARIN, Jerri Roberto; ROIZ, Diogo da Silva (Org.). **Métodos e Técnicas da Pesquisa Histórica**. Dourados, Mato Grosso do Sul, 2015.

FONSECA, Andréa Braga. **A Imprensa Evangélica no Brasil: O papel formativo dos Jornais Batista, Presbiteriano e Metodista**. 2009. 242f. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

FRANQUI, Renata. **A presença da revista *Fon-Fon!* no início do século XX: o processo de modernização no Brasil e a educação Feminina**. 2016. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

GARCEZ, Priscila de Araújo. Informação conduz a inspiração: educação feminina no impresso *Voz Missionária*. In: DÍAZ, José María Hernadéz(ed.). **Prensa pedagógica, mujeres, niños, sectores populares e otros fines educativos**. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2018, p. 45-54.

GOMES, Isvia Silva. A educação da mulher na Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente (1968-1978). In: DÍAZ, José María Hernadéz(ed.). **Prensa pedagógica, mujeres, niños, sectores populares e otros fines educativos**. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2018, p. 55-63.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura Impressa e Educação da Mulher: Lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829-1832)**. Tese (doutorado em educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

LARA, Ricardo; SILVA, Mauri Antônio da Silva. A ditadura civil-militar de 1964: os impactos de longa duração nos direitos trabalhistas e sociais no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, n.122, p. 275-293, abr/jun/2015, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.023>. Acesso em: 08/2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. **As teorias pedagógicas modernas ressignificadas pelo debate contemporâneo na educação.** Disponível em:

www.fclar.unesp.br/Home/Graduacao/Espacodoaluno/PET-programadeEducacaoTutorial/Pedagogia/capitulo-libaneo.pdf. Acesso em 20/10/2019

LIMA, Éber Ferreira Silveira. “**Entre a sacristia e o laboratório**” – Os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903 – 1942). 2008. Tese (doutorado em história) Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2008.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3ªed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Maria Joana (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. In: **Etnográfica**, Vol. X (1), 2006. p. 121-158.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: Imprensa e Práticas Culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2011.

MATOS, Alderi de Souza. A atividade literária dos presbiterianos no Brasil. **Fides Reformata**, v.12, n.2, p.43-62, 2007. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XII__2007__2/alderi.pdf . Acesso em: 15 out.2017.

_____. “Para memória sua”: a participação da mulher nos primórdios do presbiterianismo no Brasil. **Fides Reformata**, v.3, n.2, p. 95-112, jul-dez.1998. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_III__1998__2/para_memoria...pdf. Acesso em: 15 out.2017.

MATOS, Maria Izilda e BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Maria Joana (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MELO, Raquel Hein Ribeiro de. A IPI do Brasil e suas mulheres virtuosas. **O Estandarte: ecos do centenário**. p. 24-33. São Paulo: Editora Pendão Real, 2006. Disponível em: http://www.teologiaesociedade.org.br/assets/caderno_08_miolo.pdf. Acesso em 17/10/2017.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil.** 2ª Ed. São Paulo: Aste, 1995.

MIGUEL, Raquel de Barros e RIAL, Carmem. Programa de mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Maria Joana (org.). **Nova história das mulheres no Brasil.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX.** São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. **Itinerários – Revista de Literatura.** Araraquara, n.17/18, p. 179-187. 2001.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. A palavra impressa como estratégia de difusão do protestantismo no Brasil nas décadas de 50 e 60 do século XIX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2, 2002. Natal. **Anais II Congresso Brasileiro de História da Educação.** Natal: 2002. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/0776.pdf> . Acesso em 15/10/2017.

SILVA, Daniel Neves. Maio de 1968. **Brasil Escola.** Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/maio-1968.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2019.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: **Revista de Estudos Feministas.** Florianópolis : Editora da UFSC, ano 8, n.2, 2000.

OLIVEIRA, Daiane Rodrigues de. **No spa com Deus: uma análise discursiva da revista *Visão Missionária*.** Dissertação (mestrado em linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2012.

OLIVEIRA, Daniela Emilena Santiago Dias de. **A Revista Alvorada (1970-2017): representações do feminino segundo a Igreja Presbiteriana Independente.** 238f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

ORTNER, S. B. Uma atualização da teoria da prática. Disponível em: https://www.passeidireto.com/lista/34027563?utm_campaign=android-lista&utm_medium=mobile. Acesso em: 03/08/2019.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

PEDRO, Maria Joana. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Maria Joana (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Maria Joana (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Maria Joana (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Maria Joana (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher. In: ALGRANTI, L. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002.

PROENÇA, Shirley Maria dos Santos. As mulheres na IPI do Brasil. **O Estandarte**: 1º Caderno do Centenário. p. 83-91. São Paulo: Editora Pendão Real, 2002. Disponível em: https://issuu.com/revistateologiaesociedade/docs/caderno_03_completo. Acesso em: 17/10/2017.

REIS, Rodrigo dos. **Jornal Expositor Cristão: educação e civilização, um olhar para o Sul de Mato Grosso (1925-1946)**. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Mato Grosso do Sul: Dourados, 2014.

REZENDE, Maria José de. **A Ditadura Militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984**. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/livros-digitais-gratuitos.php>. Acesso em 21/09/2019.

ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e Protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. **Cadernos Pagu**, n. 8-9, p. 51-97

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e Religião. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, maio-agosto/2005.

ROSEMBERG, Fulvia. Mulheres educadas e educação das mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Maria Joana (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SAMPAIO, Tânia Mara V. A mulher e o ministério ordenado nas Igrejas cristãs. Curso de verão, São Paulo, Paulinas, ano 3, n° 3, 1989, pp.211-220. In: ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e Protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. **Cadernos Pagu**, n. 8-9, p. 51-97

SANTOS, Elaine Cuencas. **Mulheres e Literatura na Revista: A MENSAGEIRA**. 2000.150 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. **Infância e família em revista: Pais & Filhos (1968-1989)**. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Maria Joana (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016, p.15-41

SILVA, Sandra Cristina da. **Educação de papel: impressos protestantes educando mulheres**. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

_____. **Guiando almas femininas: a educação protestante da mulher em impressos confessionais no Brasil e em Portugal (1890-1930)**. Tese (doutorado em educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, p. 214. 2013.

_____. Disseminando a palavra, imprimindo o caráter: os impressos confessionais presbiterianos como espaço educativo. In: VIEIRA, Cesar Romero Amaral; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do (Org.). **Contribuições do Protestantismo para a História da Educação no Brasil e em Portugal**. Piracicaba: Editora Unimep, 2016.

SOIHET, Rachel. A conquista do estado público. In: PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Maria Joana (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

VALÉRIO, Adriana. A teologia, o feminino. In: **Revista Estudos Feministas**. n. 13, vol. 2, 2005, p. 367-376.

VASCONCELOS, Michele Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**. 2010. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

WEIDUSCHADT, Patricia. Revista *O Pequeno Luterano*: leitores e correspondências. **Revista brasileira de história da educação**, v. 13, n. 2 (32), p. 159-187, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/378>. Acesso em 15/10/2017.

WOLFF, Elias. Ordenação das mulheres no debate teológico no Brasil. Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião de São Leopoldo. **Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: EST, v. 5, 2017, p.186-203.

PERIÓDICOS

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº2, mai-jun, ano I, 1968.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente São Paulo, abr-mai-jun, ano II, 1969a.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, jul, ago-set- ano II, 1969b.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº2, abr- mai-jun, ano III, 1970.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº1, jan-fev-mar, ano IV, 1971a.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº4, out-nov-dez, ano IV, 1971b.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº1, jan-fev-mar, ano V, 1972a.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº2, abr-mai-jun, ano V, 1972b.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº3, jul-ago-set, ano V, 1972c.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº2, abr-mai-jun, ano VI, 1973a.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº4, out-nov-dez, ano VI, 1973b.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº1, jan-fev-mar, ano VII, 1974a.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº3, jul-ago-set, ano VII, 1974b.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº4, out-nov-dez, ano VII, 1974c.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, n°2, abr-mai-jun, ano VIII, 1975.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, n°1, jan-fev-mar, ano VIII, 1976a.

Alvorada: Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, n°2, abr-mai-jun, ano VIII, 1976b.

Alvorada feminina. São Paulo, n°3, jul-ago-set, ano VIII, 1976c.

Alvorada feminina. São Paulo, n°4, out-nov-dez, ano VIII, 1976d.

Alvorada feminina. São Paulo, n°1, jan-fev-mar, ano IX, 1977a.

Alvorada feminina. São Paulo, n°2, abr-mai-jun, ano IX, 1977b.

Alvorada feminina. São Paulo, n°3, jul-ago-set, ano IX, 1977c.

Alvorada feminina. São Paulo, n°4, out-nov-dez, ano IX, 1977d.

Alvorada feminina. São Paulo, n°1, jan-fev-mar, ano X, 1978.

<https://revistavidacris.blogspot.com/>

O Estandarte. São Paulo, n. 02, p. 5, jan., 1939.

O Estandarte. São Paulo, n. 09, p. 6, abr., 1939a.

O Estandarte. São Paulo, n. 11, p. 6, maio, 1939b.

O Estandarte. São Paulo, n. 20, p. 15, out., 1964a.

O Estandarte. São Paulo, n. 23/24, p. 11, dez., 1964b.

O Estandarte. São Paulo, n. 01, p. 01, jan., 1965a.

O Estandarte. São Paulo, n. 15/16, p. 01,02 e 08, ago., 1965b.

O Estandarte. São Paulo, n. 05, p. 12, mar., 1967a.

O Estandarte. São Paulo, n. 09, p. 1-4, maio, 1967b.

O Estandarte. São Paulo, n. 20, p. 5, out., 1967c.

O Estandarte. São Paulo, n. 24, p. 6, dez., 1967d.

O Estandarte. São Paulo, n. 06, p. 4, mar., 1968.

O Estandarte. São Paulo, n. 12, p. 4-5, jun., 1974.

ACERVOS CONSULTADOS

Acervo pessoal de Dicla Borges.

Acervo pessoal de Odete Nogueira.

Acervo pessoal de Éber Ferreira Silveira Lima.